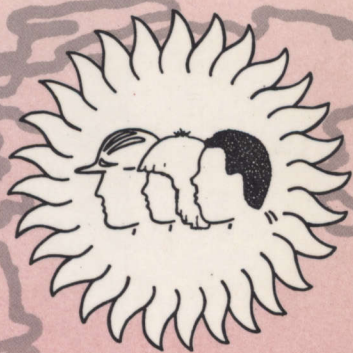


# CADERNOS FÉ & POLÍTICA



---

O Cristianismo Ajuda a Humanidade a Sair Bem do Século XX?

*Leonardo Boff*

Se a Igreja não Mudar de Modelo, Será Abandonada pelas Massas

*José Comblin*

Nova Ordem Mundial, Sociedade Civil e Educação no Brasil

*Victor Vincent Valla*

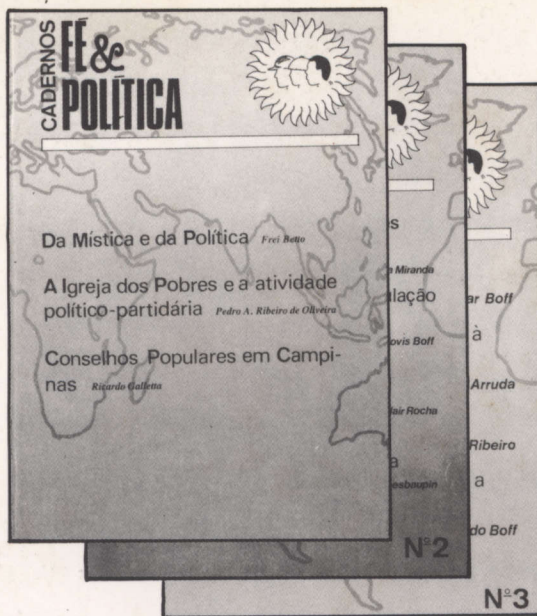
A Esquerda, o Cotidiano e a História

*Ricardo Galletta*

Micropolíticas de Saúde Comunitária

*Waldemar Boff*

**Nº 10**



### **CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA - Nº 1**

- Princípios do Movimento Fé & Política -
- Memória do Seminário sobre Fé & Política / Maristela e Juninho
- Da Mística e da Política / Fr. Betto
- A Igreja dos Pobres e a Atividade Político-partidária / Pedro A. Ribeiro de Oliveira
- Conselhos Populares e Administração Petista em Campinas / Ricardo Galletta

### **CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA - Nº 2**

- Qual a Contribuição dos Militantes Cristãos na Política Partidária? / Leonardo Boff e Márcia Miranda
- Repensando a Questão da Articulação dos Militantes Cristãos / Clodovis Boff
- Os Militantes Cristãos face às Estruturas do Poder e do Saber / Leonardo Boff- José Américo Lacerda Junior e Adair Rocha
- Classes Populares, Movimentos Populares e Construção da História / Ivo Lesbaupin

### **CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA - Nº 3**

- A Política como Liturgia / Waldemar Boff
- Reflexões sobre Fé e Política à Luz de Spinoza / Marcos Arruda
- Contradições Polonesas / Lucia Ribeiro
- Um Projeto do Vaticano para a América Latina? / Leonardo Boff

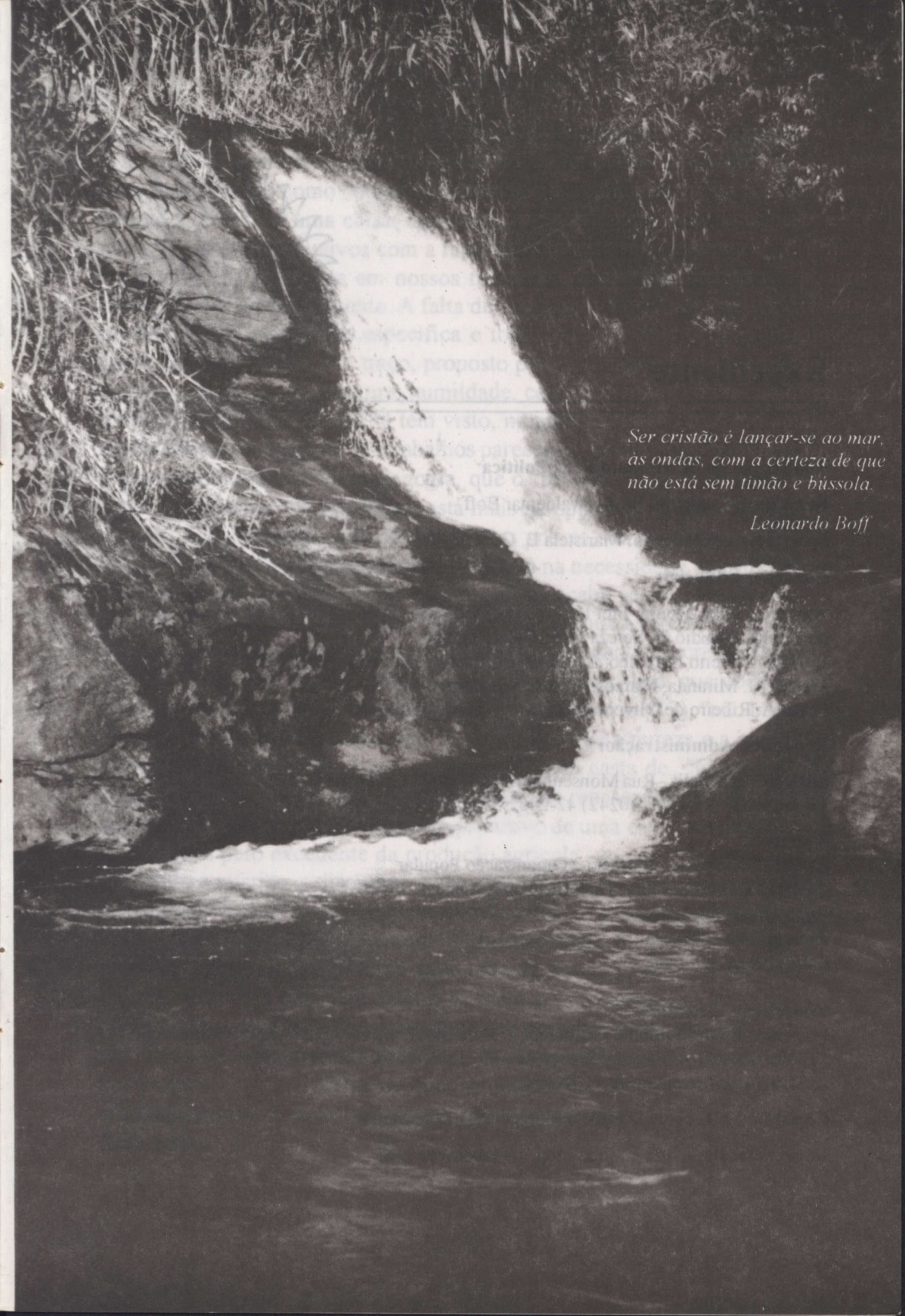
### **CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA - Nº 4**

- II Seminário sobre Fé & Política / Sinivaldo S. Tavares
- Fim do Socialismo? / Ivo Lesbaupin
- O Fracasso do Socialismo Alemão e os Desafios à Esquerda / Fr. Betto
- O que aconteceu com a Nicarágua Sandinista? / Marcos Arruda
- Contribuição ao Debate sobre "ESTADO E SOCIEDADE" / Isabel Assis R. de Oliveira

---

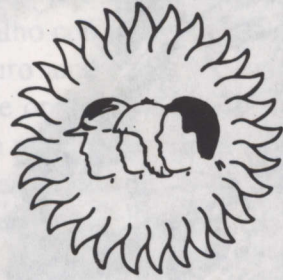
“Enquanto Movimento Fé e Política, o que fazem os seus membros é encontrar-se, refletir, orar e autoformar-se. A ação que desenvolvem em movimentos sociais, partidos, etc... é em caráter estritamente pessoal e sem nenhuma responsabilidade do Movimento Fé e Política ou vínculo orgânico com ele”.

---



*Ser cristão é lançar-se ao mar,  
às ondas, com a certeza de que  
não está sem timão e bússola.*

*Leonardo Boff*



## **Expediente**

---

---

### **Publicação do Movimento Fé & Política**

**Redatores:** Leonardo Boff e Waldemar Boff

**Secretária de Redação:** Maristela B. C. de Mello

### **Conselho Editorial:**

Antônio Carlos Moura, Frei Betto, Carlos Eduardo de Souza Leite, Carlos Salzano V. da Cunha, Cláudio H. Vereza Lodi, Cícero Gomes Correia, Gilberto Carvalho, Leonardo Boff, Luiz Eduardo Prates da Silva, Márcia M. Miranda, Marcos Arruda, Nilson Mourão, Pedro A. Ribeiro de Oliveira e Teresinha Benfica Toledo.

### **Redação e Administração:**

**CDDH/ Petrópolis** - Rua Monsenhor Bacelar, 400 - Cx. Postal 90.581 - CEP 25.621-970 - Petrópolis - RJ - Tel.: (0242) 42-2462 - Fax: (0242) 43-0772

### **Apoio:**

**SEOP** - Serviço de Educação e Organização Popular

**CDDH** - Centro de Defesa dos Direitos Humanos

**Ação Quaresmal** (Suíça)

**Evangelisches Missionswerk** (Alemanha)

**Solidaridad** (Holanda)

### **Editoração Eletrônica:**

Francisco Emilio Surian e Guadalupe Correa Mota / SEOP - Rua Carlos Gomes, 180 - CEP 25.680-020 - Bingen - Petrópolis - RJ. Tel./Fax : (0242) 31-2340.

**Ilustrações :** Alexandre A. C. Rivero

**Copidesque:** J. Thomaz Filho e Maristela B. C. de Mello

**Impressão:** Reproarte Gráfica Ltda, em janeiro de 1994.



## Editorial

---

---

Fome e ética: estes dois temas prevalecerão na campanha eleitoral deste ano. Os políticos corretos repetirão o que sempre pregaram e os corruptos tentarão mudar o discurso para poderem continuar a corromper o tecido nacional.

Fome e ética são também temas essencialmente religiosos. A fome é um mistério, e junto com o sofrimento, é o sítio preferido da revelação e da convocação de Deus. A ética expressa-se na conduta de vida de acordo com a lei de Deus que é eterna, imutável e conduz à paz interior e exterior, pessoal e coletiva. A ética é muitas vezes confundida com moral, que são costumes mutáveis de determinado grupo social.

O bom político não se contenta com a ética, ele busca a mística. A ética é o pressuposto de qualquer política, mas são poucas as políticas animadas pelo Espírito Santo. É esta energia invisível, esta inspiração silenciosa, que marca pessoas e organizações.

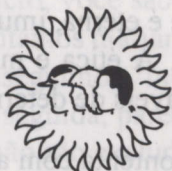
Um bom espírito vem agitando a vida nacional. É tempo de ação, comoção e purificação. É a lei de Deus que volta ao seu lugar. Prendem-se ladrões, sacia-se a fome dos pobres, põem-se ordem na casa. São fundamentais estes abalos institucionais. Deus é criador do novo e destruidor do velho.

Uma das grandes conquistas recentes, quase desapercibida, foi a

promulgação da Lei Orgânica da Assistência Social, a 7 de setembro de 1993. Com ela, criam-se mecanismos permanentes de participação, descentralização e enfrentamento da pobreza. Finalmente, os que sempre foram tidos como restolho social têm um instrumento legal para verem providos os seus mínimos vitais.

Finalmente, nesta reorganização nacional e mundial, importa baixar o discurso genérico e universalista para a ação pessoal, local e comunitária. Se há grandes mudanças acontecendo, elas foram engendradas pequenina e silenciosamente. Neste cotidiano concreto, neste pessoal comunitário, joga-se o destino de cada um e de toda a humanidade. Se Deus é infinito e senhor da história, ele é também menino a brincar nas tardes de aldeia, companheiro a carregar o nosso fardo cotidiano e revolucionário a inspirar docemente mudanças pessoais e comunitárias.

Waldemar Boff





---

## Sumário

---

### Expediente, 2

### Editorial, 3

### Reflexões de Fé & Política

- *O Cristianismo Ajuda a Humanidade a sair bem do Século XX?* / Leonardo Boff, 7
- *Do Povo Buscamos a Força* / Agostinho Neto, 28
- *Nova Ordem Mundial, Sociedade Civil e Educação Popular no Brasil* / Victor Vincent Valla, 29
- *A Esquerda, o Cotidiano e a História* / Ricardo Galletta, 49
- *Ave Maria dos Oprimidos* / Antônio Mesquita Galvão, 54
- *Micropolíticas de Saúde Comunitária* / Waldemar Boff, 55
- *Zen e a Arte de Acreditar na Política* / José Américo L. Júnior, 62
- *Relatório do Seminário Ética & Política* / Maristela B. C. Mello, 63

---

## **Entrevista**

- *Se a Igreja não Mudar de Modelo, Será Abandonada pelas Massas /* com José Comblin, 83

## **Crônica**

- *Testamento Ético /* Maurício Abdalla Guerrieri, 95

## **Testemunhos de Fé & Política**

- *Nas CEBs do Acre /* Nilson Mourão, 103

---

## **Fatos de Fé & Política**

- *Relatório do Encontro realizado na Paróquia São José Operário, Divinópolis - MG,* 110

## **Cartas, 114**

CRÔNICA

Expediente, 2

Editorial, 3

Reflexões de Fé & Política

*Este caderno foi impresso na oficina gráfica da Gráfica Reproarte Ltda,  
em janeiro de 1994.*



---

---

## Reflexões de Fé & Política

---

---



# O CRISTIANISMO AJUDA A HUMANIDADE A SAIR BEM DO SÉCULO XX?

Leonardo Boff\*

Nossos problemas não são ainda do século XXI. Mas deste século XX. Como o cristianismo ajuda a sair bem deste século XX para podermos iniciar um século XXI com mais esperança?

Num ponto estamos todos concordes, os do Sul e os do Norte: vivemos atualmente uma crise radical. Trata-se de uma crise de civilização, quer dizer, uma crise do sentido global de nossa existência neste mundo.

---

\* Teólogo da Libertação, Escritor e Professor de Ética e Filosofia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e integrante do Movimento Fé & Política.

---

## 1. A CRISE MUNDIAL NA PERSPECTIVA DO SUL

A partir de que perspectiva interpretamos esta crise? Estou profundamente convencido de que importa partir de uma perspectiva de honradez. A perspectiva de honradez é aquela que deixa a realidade se mostrar a si mesma; é aquela, portanto, que não encobre a realidade do mundo das grandes maiorias que sofrem, estão desesperadas e têm que morrer antes do tempo. Esta perspectiva é aquela que se elabora a partir do Sul, onde estão os 2/3 crucificados da humanidade e dos aliados que vivem nos países ricos do Norte.

Mas esta perspectiva é apenas o ponto de partida. Para o ponto de chegada, para uma solução global, precisamos incorporar outras perspectivas, também daquelas minorias de países que vivem no hemisfério Norte.

Como está a situação da humanidade no Sul? O relatório da United Nations Development Programm (UNDP) de 1990 fornecia os seguintes dados:

- mais de um bilhão de pessoas (três vezes mais que a população da comunidade europeia) vive em absoluta pobreza.
- cerca de 900 milhões de adultos não sabem ler nem escrever.
- cerca de 2 bilhões de pessoas estão sem água potável.
- 100 milhões (a população da França, da Espanha e da Bélgica juntos) estão sem teto.
- 800 milhões vivem permanentemente famintos.
- 150 milhões de crianças, abaixo de cinco anos, são mal nutridas.
- 14 milhões de crianças morrem anualmente antes de completar 5 dias de seu nascimento ( Fonte: United Nations Development Programm (UNDP), Human Development Report 1990, N. York, Oxford, Oxford Univ. Press, 1990).

---

Outros relatórios de organismos internacionais (FMI, Banco Mundial) dizem:

A dívida externa dos países pobres era em 1991 da ordem de 1 trilhão e 300 bilhões de dólares. Entre 1983-1990 houve um fluxo de capitais dos países pobres para os países ricos da ordem de 450 bilhões de dólares. Isso equivale a dois planos Marshal completos, plano que reconstruiu a Europa da catástrofe da segunda guerra mundial.

Na década de 80, os países da América Latina transferiam para fora cerca de 200 bilhões de dólares como pagamento de juros de suas dívidas que somam, ao todo, 400 bilhões de dólares.

Quem ajuda a quem? É o mundo às avessas. Os pobres ajudam os ricos. Os países ricos não precisam mais investir nos países tecnicamente subdesenvolvidos. Basta cobrar-lhes as dívidas. As economias e as exportações dos países pobres são de antemão hipotecadas para o pagamento da dívida externa. A situação se agrava ainda mais pelo processo de mundialização.

Efetivamente encontramos-nos num profundo processo de mundialização da economia, da ciência e da tecnologia, da comunicação e das tendências dominantes da cultura central. Mais e mais se abandona a palavra-chave **desenvolvimento**. Em seu lugar entrou a palavra **mercado**, integração dos mercados regionais no mercado mundial. A palavra mágica que se encontra nas bocas de todos os chefes de estado é **modernização ou modernidade**.

Que está por detrás da expressão **modernização/modernidade**? É a nova utopia social que deve substituir a palavra capitalismo e socialismo. Por que caminhos se chega à modernização? Proclama-se: pelo **neoliberalismo**! O neoliberalismo vem considerado como a culminância da história, para alguns o fim da história. Por isso todos os países devem se modernizar mediante o neoliberalismo.

Mas o que é, na verdade, e o que quer o neoliberalismo? Digamo-lo com todas as letras: é a fase atual da acumulação capitalista. A base da produção não é mais nacional ou transnacional, mas mundial. Usa-se a

---

tecnologia mais avançada e limpa que só os países do Norte detêm e não a comunicam aos países menos desenvolvidos.

O valor central é a privatização e a conseqüente exaltação do indivíduo. Exige-se a redução do papel do estado. Ele deve investir menos nas questões sociais, na saúde, na escola, na seguridade social. Propor isso aos países do Sul é condenar à morte multidões de pobres. Por quê? Porque a maioria desses países não fez ainda sua revolução social; e aí o único que cuida da saúde pública, da escola, da moradia e dos serviços básicos é justamente o Estado. Fora ele, nenhuma empresa investe sem retorno em benefícios sociais.

Os anos 80 são considerados para o terceiro mundo a década perdida.

Segundo a FAO, os 5% mais ricos da América Latina aumentaram, nos últimos 10 anos, suas riquezas em 8%, enquanto os 75% pobres da população ficaram 13% mais pobres. Quer dizer o fosso entre ricos e pobres aumentou em 21%.

Os organismos financeiros internacionais e os governos dos países do Norte impõem aos países do Sul uma política conhecida como **ajustes estruturais**. Por estes ajustes, as economias nacionais devem se adequar às exigências do mercado dominado pelos países do capitalismo central.

O mercado é apresentado como a grande realidade, como uma lei natural, como a única forma de produção mundial. Não somos contra o mercado sem mais. Mas o mercado capitalista mundialmente integrado possui um mecanismo bem específico que traz perversas conseqüências. Neste mercado só se entra pela **competitividade**, que, por sua vez, possui uma lógica excludente. Só são competitivas as empresas e nações que utilizam as tecnologias mais avançadas, raramente repassadas aos demais. Essas tecnologias são responsáveis pela modernização que traz avanços e lucros só aos mais fortes.

No neoliberalismo, por causa da modernização e da competitividade, está presente uma lógica da exclusão. Os países do Sul, tecnologicamente atrasados, sem suficiente competitividade, com crises políticas

---

internas devido à pobreza e à miséria, não são mais interessantes. Por isso há neles pouquíssimos investimentos estrangeiros. Nós não valemos, porque estamos fora do mercado. Quem está fora do mercado não existe.

Antes, nas décadas de 60 a 80 havia um tipo de economia que visava o desenvolvimento. Éramos subdesenvolvidos. Queríamos nos desenvolver. Éramos confrontados com o sistema e queríamos ou nosso lugar dentro dele ou transformá-lo. Tínhamos otimismo e havia esperança.

Agora impera um tipo de economia que visa apenas pagar a dívida externa. Esta absorve 35%-50% dos ingressos de cada país. Somos mais pobres que antes. E perdemos a esperança. Não temos mais esperança de encontrar uma solução de nossos tradicionais problemas dentro do atual sistema mundial. Agora somos excluídos. E os excluídos são confrontados não com o sistema (dele são excluídos) mas com a miséria, a marginalização e a morte. Em muitas partes grassa uma cultura de resignação e de desesperança.

Passa-se a idéia que os países do assim chamado terceiro mundo, que é na verdade o mundo dos 2/3, não têm futuro nem salvação. Se quiserem contar devem subordinar-se mais do que antes às políticas econômicas e sociais dos países centrais. Devem obedecer à lógica da mundialização.

Esta produz uma grande homogeneização. Pelo mundo todo os mesmos valores do sistema global, as mesmas tendências culturais, o mesmo estilo de consumo. A virulência do mercado está destruindo as culturas indefesas. Tudo fica monotonamente igual no centro do Rio, no centro do México, no centro de Praga, igual ao centro de Paris, ao centro de Nova Iorque e ao centro de Berlim.

Quando em 1989 se abriu a primeira filial do McDonald's em Moscou, seu representante disse: "Temos uma glória, a glória de haver-mos criado o big Mac. Ele é igual no Rio, em Nova Iorque, em Tóquio, em Pequim, em Singapura e agora aqui em Moscou". É o mesmo tipo de pão, de carne, de catchup. É a mesma fórmula e o mesmo gosto. Esse fato revela a lógica do sistema de mundialização, a homogeneização.

---

A mundialização transforma tudo num imenso big Mac, o mesmo estilo de hotéis, de vestuário, de filmes, de vídeos, de música, de programas de TV. Até o Vaticano tem o seu big Mac. Fabricou um catecismo único e igual para todo o mundo. Ele é igual, com os mesmos pecados e mesmas virtudes, a mesma mentalidade no pólo Norte, nos trópicos amazônicos, em Roma, em Bangkok e no Tahiti. É a glória do big Mac católico.

Passa-se a convicção de que não existe alternativa a este modelo de sociedade. Qualquer alternativa é impossível. Não apenas porque não teria qualquer força para se sustentar, mas principalmente, porque os poderes atuais não a querem e têm suficiente poder para destruí-la (veja-se Nicarágua e o bloqueio férreo a Cuba).

## 2. AS RAZÕES DA CRISE MUNDIAL

A crise atual é uma crise radical, quer dizer, do sentido fundamental de nossa cultura. Em termos abstratos significa a crise do nosso paradigma. Em termos concretos expressa a crise do sonho maior e da utopia que deu sentido ao mundo moderno nos últimos séculos. Qual era este sonho? O desenvolvimento ilimitado, a vontade de poder como dominação sobre os outros, sobre povos e sobre a natureza.

Mais que o "cogito ergo sum" (penso, logo sou) de Descartes, é o "conquero, ergo sum" (conquisto, logo sou) de Herman Cortes, conquistador e destruidor do México que expressa a dinâmica da modernidade. Os papas da época, Nicolau V (1447-1455) e Alexandre VI (1492-1503) conferiram uma legitimação divina ao espírito de dominação dos europeus. Em nome de Deus concederam aos reis de Espanha e Portugal "a faculdade plena e livre para invadir, conquistar, combater, vencer e submeter os pagãos e se apropriar e aplicar para uso e utilidade sua os reinos, domínios, possessões e bens deles... Pois é obra bem aceita pela divina Majestade que se abatam as nações bárbaras e sejam reduzidas à fé cristã" (*A conquista espiritual da América Espanhola*, org. Paulo Suess, Petrópolis 1992, 227).

Descartes e Francis Bacon, mestres do paradigma moderno diziam

---

a mesma coisa que os Papas: o ser humano deve ser "mestre e dono da natureza", deve "meter a natureza numa cama de força, pressioná-la para entregar-lhe seus segredos; devemos colocá-la a nosso serviço como uma escrava".

Para que tudo isso? Para nos desenvolvermos e sermos felizes. A ciência e a técnica são as grandes armas do projeto de dominação dos povos e da natureza a fim de criar as condições de desenvolvimento e de felicidade do ser humano.

O paradigma da modernidade se expressou em dois sistemas sociais antagônicos: o capitalismo e o socialismo.

O capitalismo privatizou os bens e socializou os sonhos. O socialismo socializou os bens e privatizou os sonhos. Explico-me. O capitalismo privatizou os bens, (as fábricas, terras, bancos são propriedade privada) mas deixou que os sonhos pudessem se exprimir por todos os meios de comunicação, especialmente pela propaganda e pela televisão. Quer dizer, permite a socialização dos sonhos. Apenas cuida que os sonhos se realizem dentro dos limites impostos pelos interesses do capital. Numa favela pode faltar o pão, mas não o aparelho de televisão. Esta alimenta os sonhos pelas propagandas, pelas novelas e pelas imagens falantes.

O socialismo socializou os bens, as terras, as fábricas, a educação. Mas privatizou os sonhos. Somente eram aceitos os sonhos sonhados pelo partido único ou que estivessem em concordância com o único sonho socialista. Todos os demais sonhos eram reprimidos e perseguidos.

Hoje podemos fazer um balanço.

O socialismo real fracassou. Impedindo os sonhos, impediu a liberdade, a criatividade e assim destruiu o senso humanitário. Implodiu.

O capitalismo permite os sonhos. Os sonhos, mesmo falaciosos, sustentam a esperança e prolongam a vida. Por isso ele continua. Mas os sonhos ficaram só no imaginário...

Por isso, também ele não resolveu nenhum problema que o socia-

---

lismo se propunha resolver. Antes pelo contrário: os problemas se agravaram a nível mundial. Há hoje mais pobreza e mais violência generalizada do que há 5 anos atrás, tanto nos países ricos quanto nos países empobrecidos.

Qual a suprema ironia? Depois de 500 anos, o sonho do desenvolvimento provocou o subdesenvolvimento da maioria dos países do mundo. A dominação da natureza provocou sua rebelião, ameaçando, pela poluição, pelo buraco de ozônio e por outros desequilíbrios ecológicos, a vida das pessoas e outras espécies vivas.

O paradigma moderno de poder como dominação do mundo e dos povos levou, entre outros pontos, a três desvios que marcam visivelmente nossa cultura hoje mundializada: o reducionismo na concepção do ser humano, o recalque do feminino e o desrespeito à alteridade e à natureza.

### **a) Reduccionismo na concepção do ser humano**

Que imagem de ser humano está por detrás do sonho do desenvolvimento e da prosperidade materiais?

É a do homem como um ser de necessidades. Ora, a experiência e os sábios de todos os tempos sempre testemunharam que as necessidades humanas são ilimitadas. Em consequência, para satisfazê-las, o desenvolvimento deve ser também ilimitado. Ocorre que elas nunca, obviamente, poderão ser satisfeitas plenamente. Logo, na medida em que o ser humano se orientar por suas necessidades, haverá sempre insatisfação. Mas a natureza agüentará essa dinâmica? Recordemos a frase de Gandhi: "a terra é suficiente para as necessidades básicas de todos, mas não para a voracidade dos consumistas".

Ora, o ser humano não é apenas um ser de necessidades. É fundamentalmente um ser de relações, de solidariedade e de comunhão. Ele pode ter cuidado para com o mundo e ternura para com as pessoas humanas. Ele sonha também para cima, rumo ao desejo absoluto de amor e de entrega. Ele sonha com Deus. Ele não está condenado a ser lobo, mas a ser amigo do outro ser humano.



---

Essa integralidade não foi realizada pelo sentido de vida da modernidade. Por isso estamos em crise.

### **b) O recalque da feminilidade**

Um outro elemento, entre tantos, que levou à crise atual é o recalque do feminino. Feminino não se identifica com mulher. Feminino/masculino é uma determinação de cada pessoa humana, homem e mulher. Feminino é a dimensão de interioridade, de cuidado, de respeito à vida e ao mistério do mundo, que todos devemos desenvolver. As mulheres realizam a seu modo esta dimensão. Mas os homens também a podem realizar, à sua maneira.

Ocorre que a cultura moderna se assenta sobre o poder. Essa vontade de poder recalcou a dimensão feminina, nos homens, nas mulheres, na sociedade e nas religiões. É uma cultura do trabalho para fora, da exterioridade, do uso do poder-dominação nas relações entre os humanos e para com a natureza.

Então temos uma ciência machista, uma sociedade fundamentalmente masculina e igrejas misógenas. Por isso vivemos num estilo de sociedade pobre, sem a irradiação da "anima". E as mulheres foram as maiores vítimas deste estilo de vida.

Ora, as mulheres são mais da metade da humanidade e são as irmãs e as mães da outra metade, quer dizer, dos homens. Como pode ser sã uma sociedade que se assenta sobre a violência contra os outros, na agressão contra a natureza e na marginalização das mulheres?

### **c) O desrespeito à alteridade e à natureza**

Na humanidade há diferenças de gêneros, de raças, de culturas, de opiniões, de formas de relações com a natureza e de religiões.

Como a cultura ocidental, hegemônica, se comportou face à alteridade? De forma trágica. O homem ocidental possui uma imensa dificuldade de conviver com a diferença. Com poucas exceções, a estratégia foi essa: face aos africanos, aos asiáticos, aos indígenas e aos

---

não-brancos utilizou-se a força. Ou para dominá-los, incorporá-los e assim fazê-los iguais a si mesmo. Ou então para destruí-los. Raramente se fez uma aliança com o diferente para juntos sermos aliados na grande aventura da vida.

Dramática foi a relação dos europeus com as culturas originárias da América Latina, no século XVI. A não-aceitação do outro provocou o maior genocídio da história: em um século cerca de 50 milhões de pessoas foram mortas ou morreram em consequência da violência da conquista.

O desrespeito atinge também uma outra grande alteridade que é a natureza. Ela não é acolhida em sua autonomia, possuindo um valor em si mesma, independente do uso humano, já que ela existiu há milhões de anos antes da emergência da espécie "homo". A terra e a natureza são reduzidas a um conjunto de recursos, disponíveis à ganância do ser humano que se entende como seu senhor. O nível de degradação da qualidade da vida é tão visível que são dispensadas quaisquer outras considerações.

A questão que agora se coloca é esta: é possível manter a lógica do desenvolvimento ilimitado e ao mesmo tempo evitar a depredação da natureza e a produção da miséria no mundo?

### 3. RUMO A UMA NOVA ALIANÇA

Para superarmos a crise precisamos elaborar um novo sonho e articular um novo sentido de vida. No dialeto religioso, diríamos, precisamos de uma nova espiritualidade, de um encontro novo com o Sentido axial da vida e da história, decifrado como Deus. Importa assumir o momento de verdade dos sistemas já vividos numa síntese realística e não verbal, humana e espiritual.

O capitalismo criou uma cultura do **eu sem o nós**. O socialismo criou uma cultura do **nós sem o eu**. Agora precisamos da síntese que permita a convivência do **eu com o nós**. Nem individualismo nem coletivismo, mas democracia social e participativa. Precisamos fazer uma autocorreção com referência à concepção do ser humano, à inte-

---

gração do feminino e à aliança com a natureza. Daí nasce a nova espiritualidade.

### a) O ser humano como um ser de relações

Talvez a melhor definição que se tem dado ao ser humano seja esta: ele é um nó de relações, voltado para todas as direções. Isso significa que ele é pessoa, quer dizer, um ser aberto (ex-istência) a dar e a receber, à participação, à solidariedade e à comunhão. Todos estes termos mostram que os caminhos humanos são de duas mãos. Quanto mais o ser humano se comunica, sai de si, se doa e recebe o dom do outro, mais pessoa ele é.

Portanto, a própria compreensão do ser humano como relação faz dele um sujeito singular (um eu) que ao mesmo tempo está em comunidade (nós).

Esta realidade humana precisa ganhar uma expressão política. Para além do socialismo e do capitalismo precisamos, se quisermos sobreviver coletivamente, construir uma **democracia social**. Esta talvez seja hoje a palavra-chave no ideário político mundial: democracia social. Como uma mesa, ela se sustenta sobre quatro pernas, como no-lo recorda sempre e insistentemente o Betinho:

- A **participação**: o ser humano é inteligente e livre; não quer ser apenas beneficiário, mas participante do projeto coletivo. Só assim ele se faz sujeito da história. Esta participação deve começar de baixo para cima, para não excluir ninguém.

- A **igualdade**: resulta da participação de todos. Cada um é singular e diferente. Mas a participação impede que a diferença se transforme em desigualdade. É a igualdade na dignidade e no direito que sustenta a justiça social.

- A **diferença**: deve ser respeitada e acolhida como manifestação das potencialidades das pessoas e das culturas e como riqueza nas formas de participação. São as diferenças que revelam a riqueza da mesma e única humanidade.

---

**ênica** - A **comunhão**: o ser humano possui subjetividade, capacidade de comunicação com sua interioridade e com a subjetividade dos outros; é capaz de valores, de compaixão e solidariedade com os mais fracos e de diálogo com a natureza e com a divindade. Eis a espiritualidade.

Estas quatro pernas vêm sempre juntas e compõem o novo sonho de uma humanidade comunitária, participativa, solidária e espiritual. Ela nos educa a limitarmos, pessoal e comunitariamente, os próprios desejos por amor aos desejos coletivos. Assim garantiremos o bem comum humano juntamente com o bem comum cósmico.

### **b) Integração do feminino no homem e na mulher**

Esta democracia aberta terá mais possibilidade de integrar a dimensão do feminino nas pessoas e na cultura. Não apenas a racionalidade, a eficiência e o trabalho devem contar na vida humana. Mas também a gratuidade, a ternura, o cuidado para com a vida, a convivência prazerosa, a veneração pelas coisas. Ora, esta dimensão é expressão do feminino nos homens e nas mulheres.

As mulheres poderão estar em pé de igualdade com os homens; juntos, homens e mulheres assumirão, cada qual com sua diferença, a totalidade das tarefas familiares e públicas. Não o sexo mas a pessoa será o valor de referência.

Por causa da participação pública da mulher, certamente acontecerão mais cuidado, ternura e proteção com referência à vida e à vida dos seres mais fracos ou penalizados pela natureza e pela história. Por causa da superação do machismo e da integração do feminino, certamente haverá menos conflitos desestruturadores das relações humanas e cósmicas.

### **c) Nova aliança para com a natureza**

O ser humano mais e mais se descobre como parte da natureza. Sua relação não pode ser de dominação, mas de convivência numa nova aliança de fraternidade, de respeito e de diálogo. O ser humano precisa da natureza para seu sustento e ao mesmo tempo a natureza, marcada pela

---

cultura, precisa do ser humano para ser preservada e para poder manter ou recuperar seu equilíbrio. Os seres todos da natureza são sujeitos de direitos, pois tudo o que existe e vive merece existir e viver.

A democracia não pode ser apenas humana e social, ela deve ser também cósmica. Que seria da sociedade sem as árvores, sem as águas límpidas, sem o ar puro, sem o brilho das estrelas? O ser humano deve integrar todos estes seres, como novos cidadãos. Ele deve sentir-se ligado como irmão e irmã a todos os seres das galáxias mais distantes à formiga do caminho. Esta cosmovisão abrirá a possibilidade para uma nova experiência do sagrado e do mistério que sustenta o universo e que as religiões chamaram de Deus.

A partir desta nova aliança, em função do bem comum humano e cósmico, se devem redefinir o sentido das transformações sociais.

Até hoje estávamos orientados pelo sonho de grandes revoluções redentoras: a revolução científico-técnica, a revolução burguesa, a revolução socialista e a revolução cibernética. Todas estas revoluções exigiram uma altíssima taxa de iniquidade humana e ecológica. Milhões de pessoas, inumeráveis valores e bens culturais foram sacrificados e perdidos de forma irrecuperável. Hoje, a grande maioria dos homens, perdemos a esperança nas revoluções universais válidas para todas as sociedades.

Precisamos sim de revoluções para realizarmos as transformações necessárias. Mas os caminhos para estas transformações são hoje diferentes. Não bastam as transformações estruturais; precisamos transformar também as subjetividades, pessoais e coletivas.

Acreditamos nas **revoluções moleculares**. Como as moléculas, a menor porção de matéria viva, garantem a sua vida pela relação e articulação com outras moléculas e com o meio-ambiente, de forma semelhante, as revoluções devem começar nos grupos e comunidades interessadas em transformações. Nos grupos transformam-se as pessoas, suas práticas e suas relações com a sociedade circundante. A partir daí espaços mais amplos da sociedade podem começar a mudar.

---

Estas revoluções moleculares estão em curso no mundo todo; por todas as partes surgem grupos, comunidades, articulações com uma nova consciência de solidariedade com os oprimidos e marginalizados do sistema aqui e em outras partes do mundo. São grupos preocupados com a problemática do meio-ambiente, dos povos originários; iniciativas de ajuda a quem já se ajuda, que compram e consomem preferentemente produtos dos países pobres; comunidades com novas experiências espirituais e religiosas. Surgem trocas de experiências de grupos dos países ricos com grupos de países pobres: visitam-se mutuamente; elaboram uma consciência comum de novas formas de mundialização que não passam pelo mercado, pela economia e pela tecno-ciência, mas pela solidariedade, pelo intercâmbio aberto e pelo mútuo aprendizado.

Estamos lentamente regressando a nossa pátria comum. Surge, por todos os lados, uma relação mais benevolente e respeitosa da natureza. Começamos a conviver com as montanhas, as matas, os animais, as aves e os elementos da natureza como irmãos e irmãs, solidários em um destino comum. Lentamente surge um sentido melhor para o desenvolvimento, como desenvolvimento social, fazendo dos pobres e excluídos sujeitos de sua situação.

Esses são os portadores do novo sonho. Eles se encontram em todos os quadrantes da terra. Importa crer na força redentora deste sonho.

#### **4. EM QUE MEDIDA O CRISTIANISMO AJUDA A CONSTRUIR O SÉCULO XXI**

Como o cristianismo ajuda nesta imensa tarefa de reconstrução do sentido humano de nossa convivência? Que contribuição oferece para uma espiritualidade verdadeiramente englobante, junto com outras tradições espirituais da humanidade, ajudando a gestar um sentido novo de viver?

Antes de mais nada, devemos reconhecer, como muitos teólogos já o mostraram, que o cristianismo é cúmplice da crise atual. Ele reforçou com práticas históricas, com textos bíblicos e com outras doutrinas a ideologia do ser humano, senhor e dominador da criação.

---

Também a forma como o cristianismo socialmente se organizou, centralizando o poder nas mãos dos clérigos, excluindo as mulheres e marginalizando os leigos, faz com que ele seja parte da crise atual e não, sozinho, sua pretensa solução. Na perspectiva do Sul ele é ainda muito eurocêntrico, ocidental, excludente e pouco universalista.

O gesto do líder indígena da Bolívia, Ramiro Reynaga, por ocasião da visita do Papa àquele país em 1985, é simbólico para toda uma linha de pensamento crítico. Ele entregou ao Papa uma carta na qual, em nome dos indígenas, dizia:

"Nós, índios dos Andes e da América, decidimos aproveitar a sua visita para devolver-lhe a sua Bíblia, porque em cinco séculos ela não nos deu nem amor, nem paz, nem justiça. Por favor, Santidade, tome de novo sua Bíblia e devolva-a a nossos opressores, porque eles necessitam seus preceitos morais mais do que nós. Desde a chegada de Cristóvão Colombo, se impôs à América, com força, uma cultura, uma língua, uma religião e valores próprios da Europa. A espada espanhola que de dia atacava e assassinava o corpo dos índios, de noite se convertia em cruz que atacava a alma índia". O Papa nada pôde fazer. Teve uma atitude digna: chorou.

O cristianismo oficial encontra-se comprometido com a cultura da dominação. Por isso não podemos esperar muito dele. Haja visto a estratégia atual das igrejas centrais, especialmente do Vaticano, de neo-romanizar toda a igreja, normatizar as conferências episcopais, controlar as teologias vindas da periferia, homogeneizar a doutrina com um único catecismo universal e com outras medidas de controle central. Querem um cristianismo forte na América e na África, desde que dependente da Europa. Mas não há só o cristianismo oficial. Há também o comunitário.

Dentro do cristianismo comunitário persistem muitas figuras, grupos, movimentos e correntes teológicas que tentam recuperar o sonho de Jesus. Estes inauguram um novo paradigma de cristianismo benfazejo para a humanidade e para a natureza.

Dentre as muitas perspectivas da tradição judeo-cristã que nos

---

ajudam a sair bem do século XX para inaugurarmos com mais esperança o século XXI podemos destacar três: a lógica da inclusão, a nova aliança e a força dos fracos. Esta trindade quer responder aos três desafios fundamentais que vêm da anti-realidade atual. Eles devem estar presentes na nova espiritualidade.

### **a) A lógica da inclusão ilimitada**

Há um fato brutal hoje que desafia a consciência humana e o sentido do cristianismo neste final de século: 2/3 da humanidade é constituído por povos literalmente crucificados. Já o dissemos no início de nossa exposição: no mercado mundial a maioria é e se sente excluída. Confronta-se com a miséria e a morte.

Certamente os pobres não aceitarão resignados o veredicto de morte proferido pelos ricos. Irão lutar, buscar solidariedade mundial para sobreviver e participar de um destino comum de justiça e de vida.

Hoje se as igrejas não tomam a sério os povos crucificados não sei o que falam, quando falam da cruz, do Cristo crucificado e da Ressurreição do Crucificado. Se não ouvirem o grito dos oprimidos do mundo, como poderão ouvir a voz de Deus, daquele Deus que as Escrituras dizem ser o Deus do grito, o Deus da vida que escuta o clamor dos escravos do Egito e as lamúrias dos exilados da Babilônia.

Se não dermos centralidade à questão dos pobres e miseráveis do mundo em nossas reflexões e em nossa prática cristã não salvaremos o cristianismo do cinismo e ratificaremos sua irrelevância histórica.

Mas ele pode ser um aliado poderoso dos pobres e oprimidos. Finalmente somos discípulos de um pobre, de um prisioneiro político, de um condenado à morte, de um crucificado, Jesus de Nazaré.

Devemos aliviar a dor dos que estão na cruz, devemos tirá-los da cruz e por fim, apoiá-los em sua ressurreição.

Mas antes de tudo devemos comunicar-lhes uma boa notícia: se Deus tem um lugar neste mundo, é ao lado deles. Deus se encontra cru-



---

cificado nos crucificados de nossa história. Mas está na cruz gritando por vida e ressurreição.

É neste contexto que nós cristãos nos lembramos de nossas origens, também de excluídos e crucificados. Precisamos narrar esta gesta de solidariedade. O Deuteronômio nos recorda: "Meu pai era um arameu sem pátria"(26,5). No 1º e no 2º milênios antes de Cristo, arameu não designava um povo mas pessoa, de diversas origens, marginalizadas da ordem vigente na Mesopotâmia, na Palestina e no Egito. Vagavam errantes em busca de trabalho. Os hebreus eram grupos marginais desses arameus. Foram escravizados no Egito. É a eles que o Êxodo se refere quando Deus diz: "Eu ouvi os gritos de aflição diante dos opressores... desci para libertá-los"(Ex 3,7). E Deus se revela como o "Deus dos hebreus" portanto, dos excluídos e oprimidos que anseiam por sua libertação (Ex 20,2).

Ora, esta opção de Deus pelos excluídos se opõe frontalmente à atual lógica de exclusão da sociedade mundial. Deus inclui todos, a partir dos condenados da terra.

Esta verdade pode aliviar a cruz que pesa sobre os ombros dos oprimidos que possuem alguma referência de fé. Pode dar-lhes esperança. Deus está com eles.

Mais decisivo é tirá-los da cruz. Só os tiramos da cruz se ajudarmos a construir uma democracia social, uma economia e uma política diferentes, como referimos acima. Não uma política como técnica do poderdominação, mas como ato amoroso de busca comum do **bem-comum** humano e cósmico. Devemos passar de uma economia do crescimento ilimitado para uma economia do suficiente para todos. Anualmente se aplicam, mesmo depois da guerra fria, três milhões de dólares para a máquina de morte, das armas atômicas e químicas. Com esse dinheiro se poderia dar casa, comida, saúde, educação e lazer para toda a humanidade. Por que não o fazemos?

Tirar da cruz é importante. Mais importante ainda é criar as condições de ressurreição. Ressuscitar um povo é associar-se a ele para que possa conviver em paz com outros povos, desenvolver-se consoante seus

---

ideais humanitários, expressar sua alma nos códigos de sua cultura e sentir-se também pela fé e pela oração Povo de Deus.

Como nós cristãos, nossas Igrejas, nos articulamos para conferir esta esperança aos povos? Tomando a sério a opção pelos pobres. Optar pelos pobres é optar pelas maiorias da humanidade, por sua tragédia, por suas esperanças. Ao fazer-se Igreja dos pobres, a Igreja se torna mais verdadeira, porque mais seguidora do Pobre, Jesus. Nos pobres e marginalizados, a Igreja é diretamente Igreja dos pobres. Nos outros, que não são pobres, mas que fizeram uma opção solidária pelos pobres ela se torna, por implicação, Igreja dos pobres. No século XXI 70% dos cristãos viverão naquilo que é hoje o Terceiro Mundo. Então reconheceremos o que disse um eminente teólogo alemão, aliado dos teólogos da libertação, J. B. Metz: "A Igreja Católica será, de fato, uma Igreja do Terceiro Mundo com origens históricas no Primeiro Mundo".

Ninguém pode ficar indiferente diante da tragédia dos pobres. Todos somos implicados e por isso, mediante a solidariedade com os pobres, nos fazemos também Igreja dos pobres.

A opção pelos pobres e marginalizados constitui hoje o critério de universalidade e credibilidade do cristianismo. Em razão desta opção, as Igrejas centrais devem ser mais proféticas. Devem pensar menos em sua identidade e em seus interesses corporativos e ocupar-se mais com o homem comum e os crucificados da história. É servindo-os, representando a causa dos condenados junto aos formuladores das políticas de ajuda e junto à opinião pública que elas constroem sua identidade.

Para os cristãos, não há excluídos. Todos estão debaixo do arco-íris do amor do Pai. Os distantes são feitos, por esta opção, próximos. E os próximos, irmãos e irmãs.

## **b) A nova aliança no sangue**

Nosso Deus é um Deus encarnado na miséria e duplamente rebaixado. Rebaixado enquanto Deus que se faz homem e rebaixado enquanto homem que se abaixa ao que há de mais baixo no ser humano, ao fazer-se pobre e oprimido. No baixo da história Deus en-

---

controu o seu lugar, lá onde as pessoas não têm os meios suficientes de vida, lá onde sofrem injustiças que desumanizam, lá onde elas são injustamente crucificadas. Não é esse o único lugar de encontro, mas o lugar privilegiado; se for esquecido, torna os demais lugares de encontro com Deus problemáticos. Isso no-lo recorda, comovedoramente Jon Sobrino, teólogo salvadorenho, tantas vezes ameaçado de morte. Portanto, Deus assumiu o diferente e o mais diferente que é o pecador. Nas palavras fortes de S. Paulo, Jesus se fez carne de pecado (Rm 8,3).

Deus fez uma aliança com o diferente. Não o tratou como nós ocidentais o fazemos, como uma ameaça, um concorrente e um inimigo que deve ser derrotado. Fez do diferente um aliado em sua causa no mundo, no resgate da criação. Com Cristo Deus reafirmou definitivamente sua aliança conosco. Por isso em Cristo não há nem machismo nem feminismo, nem árabe, nem turco, nem negro, nem branco mas todos somos uma única comunidade de irmãos e de irmãs, cidadãos do mundo.

Ele fundou esta nova aliança não com palavras, mas com o seu próprio sangue. Esse sangue continua sendo derramado ainda hoje no sangue dos turcos mortos pelos racistas radicais da Alemanha, no sangue dos meninos e meninas de rua assassinados em tantas cidades do Brasil e da América Latina, no sangue dos índios Yanomami da Amazônia ameaçados de extermínio pelos garimpeiros e pela política de integração do governo brasileiro.

Essa realidade brutal constitui uma tentação à nossa fé na aliança eterna de Jesus a ponto de um bispo profético da Amazônia brasileira, Dom Pedro Casaldáliga, confessar com infinita tristeza: "Há tempo que sinto o desaparecimento de povos inteiros como um absurdo mistério de iniquidade histórica que converte minha fé em abatimento".

Transformemos esta aliança no sangue numa atitude política contra-corrente, em favor dos culturalmente diferentes de nós, pois hoje somos chamados a viver uma cidadania universal e a criar uma democracia planetária.

### **c) A força dos pequenos**

Certamente muitos dirão: somos tão poucos, como transformar as relações mundiais? Como viabilizar nossas revoluções moleculares? Para isso o cristianismo tem uma palavra. Há uma força secreta no pequeno, basta que ele seja verdadeiro. A salvação nos foi sinalizada por Israel, considerado pelas Escrituras "o menor de todos os povos" (Dt 7,7). O Messias libertador foi julgado como o "refugio da humanidade" (Is 53,3). E no entanto, foi por ele que se realizou para nós o sentido do universo. Precisamos crer na força revolucionária da semente. A conversão do coração, a criação de uma nova consciência solidária e planetária, nossas revoluções moleculares, o sonho de uma democracia social e cósmica nos estão indicando o caminho daquilo que deve ser para toda a humanidade.

Mas isso somente terá futuro se nós estivermos convencidos da justiça desta causa e teimosamente a construirmos dia a dia. Somente faremos o caminho de 10 mil passos, se tivermos a coragem de dar o primeiro passo, disse certa vez Mao-Tsé-Tung.

Um fraco mais um fraco não são dois fracos, mas um forte, porque a união faz a força.

Ouvi na Alemanha, anos atrás, uma pequena história que não é uma fábula, mas um fato verdadeiro. Com ela quero terminar minhas reflexões. Certa feita, um camponês capturou um filhote de águia. Criou-o em casa com as galinhas. A águia se transformou aparentemente numa galinha. Um dia o camponês recebeu a visita de um naturalista que conhecia os hábitos das águias. E disse: esta que está aí não é uma galinha. É uma águia. E a águia não cisca o chão como as galinhas. Ela é chamada a voar alto e estar acima das montanhas. O camponês retrucou: mas ela virou galinha. Já não voa mais. Disse-lhe o naturalista: Ela não voa agora, mas ela tem dentro do peito e nos olhos a direção do sol e o chamado das alturas. Ela vai voar. Certa manhã os dois foram bem cedo ao alto da montanha. O sol nascia. O naturalista segurou a águia firme, com os olhos voltados para o sol. E então lançou-a para o alto. E a águia trans-

---

formada em galinha, despertou em seu ser de águia. Ergueu vôo. Ziguezagueante no começo, depois firme, sempre mais alto e mais alto, até desaparecer no infinito do céu matinal.

Companheiros e companheiras de sonho e de esperança: dentro de cada um de nós vive uma águia. Nossa cultura e os sistemas de domesticação nos transformaram em galinhas que ciscam o chão. Mas nós temos a vocação para o alto, para o infinito. Libertemos a águia que se esconde em nós. Não permitamos que nos condenem à mediocridade. Façamos o vôo da libertação. E arrastemos outros conosco, porque todos escondemos uma águia em nós. Todos somos águias.

*Texto proferido na Westfallenhalle, em Dortmund, diante de 2.000 pessoas, no dia 25 de julho, como base para uma discussão pública com o conhecido teólogo Eugen Drewermann.*



## DO POVO BUSCAMOS A FORÇA

*Não basta que seja pura e justa  
a nossa causa.*

*É necessário que a pureza e a  
justiça  
existam dentro de nós.*

*Dos que vieram  
e conosco se aliaram  
muitos traziam sombras no olhar  
intenções estranhas.*

*Para alguns deles a razão da luta  
era só ódio: um ódio antigo  
centrado e surdo  
como uma lança.*

*Para alguns outros era uma bolsa  
bolsa vazia (queriam enchê-la)  
queriam enchê-la com coisas sujas  
inconfessáveis.*

*Outros viemos.  
Lutar para nós é ver aquilo  
que o Povo quer  
realizado.*

*É ter a terra onde nascemos.  
É sermos livres pra trabalhar.  
É ter para nós o que criamos  
Lutar para nós é um destino  
é uma ponte entre a descrença  
e a certeza do mundo novo.*

*Na mesma barca nos encontramos.  
Todos concordam - vamos lutar.*

*Lutar pra quê?  
Pra dar vazão ao ódio antigo?  
Ou pra ganharmos a liberdade  
e ter para nós o que criamos?*

*Na mesma barca nos encontramos.  
Quem há de ser o timoneiro?  
Ah as tramas que eles teceram!  
Ah as lutas que aí travamos!*

*Mantivemo-nos firmes: o povo  
buscáramos a força  
e a razão.*

*Inexoravelmente  
como uma onda que ninguém trava  
vencemos.*

*O povo tomou a direção da barca.*

*Mas a lição lá está, foi aprendida:  
Não basta que seja pura e justa a  
nossa causa.*

*É necessário que a pureza e a  
justiça  
existam dentro de nós.*

Agostinho Neto

---

---

## Reflexões de Fé & Política

---

---



# NOVA ORDEM MUNDIAL, SOCIEDADE CIVIL E EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL

*Victor Vincent Valla\**

## 1. INTRODUÇÃO

Qualquer discussão de educação popular sempre pressupõe como parâmetro uma avaliação da conjuntura nacional. As mudanças ocorrendo no mundo, no entanto, também fazem com que a avaliação do cenário internacional seja levada em questão, obrigatoriamente. É certo que não é tarefa fácil entender o que se passa ao nível mundial. Mas, ao mesmo tempo, há a obrigação de cada educador se esforçar na medida do possível para compreender não somente o que vem ocorrendo, mas o que isso significa para a população brasileira e, em particular, para as classes populares.

---

\* O autor é Professor na Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (RJ), Professor do Mestrado em Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF) e Presidente do Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina (CEPEL).

---

Este trabalho apresenta o esforço do autor em apresentar sua compreensão da "nova ordem mundial" e, em seguida, uma discussão sobre a relação entre a sociedade civil de caráter popular e as classes populares. Apresenta-se uma proposta de investigação científica do ponto de vista popular, juntamente com alguns dos resultados das primeiras pesquisas.

## 2. O QUE É ESTA NOVA ORDEM MUNDIAL?

Há um consenso entre os estudiosos sobre o que se passa no mundo hoje. Está em movimento um processo de transnacionalização que deverá resultar numa reorganização da economia e da política. A tendência aponta para a possibilidade de que as indústrias e as tecnologias não serão mais nacionais; neste sentido, a criatividade e inventividade de cidadãos representarão os "recursos naturais" de cada nação. Os governos de cada país teriam a tarefa difícil de procurar incentivar um mínimo de coesão entre os vários segmentos da população, pois a alternativa será o acúmulo de riqueza ainda maior entre os "habilitados" e um declínio de padrão de vida ainda maior para aqueles que não teriam o que oferecer.<sup>1</sup>

Os grupos dominantes do primeiro mundo (Multinacionais, FMI, Banco Mundial) já desenvolvem políticas que apontam para uma crescente desindustrialização dos países periféricos, cujos resultados mais aparentes seriam uma queda quantitativa na produção como também uma crescente obsolescência tecnológica destes parques industriais. Neste sentido, os países do chamado "terceiro mundo" perderiam as vantagens comparativas para atrair capitais externos, pois as novas tecnologias apontariam para uma substituição das tradicionais matérias-primas destes. Ao mesmo tempo, então, haveria uma degradação crescente dos termos de intercâmbio, como também do valor da força de trabalho destes mesmos países do terceiro mundo.<sup>2</sup>

---

(1) WEFFORT, F. "Democracia Política e Desenvolvimento Econômico" (in) CARVALHO, F. L. e CAMARA, A.L. (Org.) *Democracia como proposta*. R.J. IBASE. 1991. p. 23.

(2) GARCIA, M.A. "Modernização Neoliberal ou a Lógica da Subordinação". (in) *Jornal dos Economistas*. Sindicato dos Economistas. R.J. Outubro, 1991, p. 3-4.



---

Dentro deste quadro, aponta-se para uma intensificação da retirada do Estado, não somente da economia, mas também das suas responsabilidades sociais.<sup>3</sup>

Já está em andamento a constituição de novos pólos mundiais de desenvolvimento, dois dos quais em torno da Comunidade Européia e da esfera japonesa, ou seja, na Europa e na Ásia. A economia norte-americana, já em declínio há algum tempo, aponta para o esforço de criar o terceiro pólo em torno dos Estados Unidos, contando com a adesão do Canadá e do México no Acordo de Livre Comércio Norte-americano (NAFTA).

O crescimento das áreas de produção relacionadas com a micro-eletrônica e robótica faz com que haja uma diminuição no número de trabalhadores diretos e um aumento, embora pequeno, no número de técnicos, supervisores, gerentes e especialistas em marketing.

O abandono de projetos de industrialização, como também a subordinação de projetos nacionais a este novo processo mundial, é uma tendência visível na América Latina. O sucesso da constituição desse terceiro pólo na América do Norte, e em seqüência na América Central e do Sul, depende essencialmente do êxito dessa política que vem sendo aplicada através do NAFTA e em outros países latino-americanos.<sup>4</sup>

O projeto dos grupos norte-americanos assemelha-se aos dos outros pólos mundiais, isto é, quer estabelecer uma vasta zona de livre comércio, eliminando as barreiras alfandegárias, como também incentiva a abandonar medidas de protecionismo. Os planos maciços de privatizações são parte integrante de uma política de reduzir a capacidade de iniciativa do Estado em definir uma política de desenvolvimento.<sup>5</sup>

Parece importante situar esse processo dentro de um quadro

---

(3) *Ibid.* p. 3; VALLA, V.V. *A Construção Desigual do Conhecimento e o Controle Social dos Serviços de Educação e Saúde*. Rio de Janeiro. ENSP/FIOCRUZ. 1991. (Mimeo.); VALLA, V.V. *Educação Popular e Conhecimento: A Monitorização Civil dos Agravos à Saúde nas Metrôpoles Brasileiras*. Rio de Janeiro. ENSP/FIOCRUZ. 1992. (Mimeo.)

(4) GARCIA, *op. cit.*

(5) *Ibid.*

histórico da América Latina, onde a defesa dos pobres quase nunca foi uma política governamental, e hoje esta capacidade é quase inexistente nestes países. A dificuldade já crônica dos governos latino-americanos de recolher impostos, e suas freqüentes incompetências em usar adequadamente os recursos arrecadados acabam contaminando as atividades sociais como educação e saúde.<sup>6</sup>

Esta crise fiscal do Estado juntamente com o pagamento da dívida externa parece apontar para a extinção dos modelos de desenvolvimento, onde a intervenção crescente do Estado é a tônica. Na Bolívia, por exemplo, em 1985, a arrecadação do Estado cobria apenas 5% dos gastos do governo, e o Estado foi gradativamente se retirando das suas funções na economia. Como resultado, a inflação caiu para 10% ao ano, mas em compensação o desemprego atingiu a 24% da população economicamente ativa. No Peru, houve uma queda de quase 23% no Produto Interno Bruto e os salários caíram 60% em Lima, durante os anos 1989-90. Como consequência, hoje mais de 60% da população é subempregada.<sup>7</sup>

Apesar de toda a publicidade do caso mexicano nos jornais brasileiros, os números frios tendem a produzir um outro quadro. No período de 1982-89, a política implementada de privatização e/ou extinção das empresas estatais, como também a redução dos gastos públicos (particularmente os da saúde e educação), juntamente com a retirada da influência estatal sobre os salários e preços mínimos para a agricultura, fizeram com que a inflação caísse de 53% para 20%. De novo, o contraponto a esta política foi a queda em 22% da renda per capita e de 50% no salário real, enquanto 80 bilhões de dólares foram expatriados, sem uma perspectiva promissora de novos investimentos estrangeiros.<sup>8</sup>

A porcentagem do trabalho na renda das pessoas caiu de 36%, na década de 1970, para 23%, em 1990. Apenas 8.000 contas bancárias,

---

(6) WEFFORT, *op. cit.*, p. 25

(7) *Ibid.*, p. 14-15

(8) *Ibid.*, p. 8.

entre as quais 1.500 estrangeiras, controlam 94% das ações em mãos do público.<sup>9</sup>

Uma fábrica de cintos de segurança, localizada em Tennessee, foi fechada e remontada no México, onde os operários mexicanos ganham 1/16 do que ganhavam seus pares norte-americanos desempregados. Duas mil fábricas dessa natureza já surgiram no México e empregam mais de 500.000 mexicanos, muitos dos quais são crianças de 13 a 14 anos. Não há fiscalização do despejo do lixo industrial e os esgotos não tratados juntamente com a presença de poluentes nas águas na fronteira entre os Estados Unidos e México fizeram subir 20 vezes os casos de hepatite dos norte-americanos no estado de Arizona.

A tendência desta nova ordem mundial é o deslocamento da produção para zonas de alta repressão e baixos salários, mas uma produção dirigida aos setores privilegiados na economia global. Desta forma, uma grande parte da população mundial poderia se tornar supérflua para a produção e até como mercado.<sup>10</sup>

Até agora, o governo mexicano estabelecia o preço do milho plantado pelos camponeses, a fim de impedir que o milho mais barato dos Estados Unidos fosse um concorrente. O acordo NAFTA encara tal proteção como sendo uma violação de tratado, desta forma ameaçando expulsar mais de um milhão de famílias das suas terras.<sup>11</sup>

Mesmo no Canadá, o acordo NAFTA permitiu que muitas empresas fossem absorvidas por grandes conglomerados e, como resultado, quase 500.000 canadenses já perderam seus empregos.<sup>12</sup>

Dentro das discussões do GATT, países do primeiro mundo, ou os

---

(9) CHOMSKY, N. "Novos Senhores da Humanidade?" (in) *Folha de São Paulo. Suplemento Mais*. p. 18. 25.04.93.

(10) HUCKABY, S. "Lies and whispers: the truth about free trade. NAFTA. (in) *Catholic Agitator*. vol. 23. nº 1, Jan., 1993, p. 1-2.

(11) CHOMSKY, op. cit.

(12) WILKEN, R. "Implications of free trade for the third world: Made in the USA." (in) *Catholic Worker*, op. cil., p. 2 e 6.

que são chamados "do Norte", estão propondo que os países do terceiro mundo - os do Sul - sejam obrigados a exportar alimentos, mesmo em épocas de carência nos seus próprios países.<sup>13</sup>

Há riscos sérios de que os acordos GATT e NAFTA acabem anulando leis que protegem os trabalhadores, consumidores e o meio-ambiente. E anuladas por pequenas comissões que ninguém elegeu.<sup>14</sup>

Num encontro internacional recente de ONGs, realizado no Rio de Janeiro, um dos expositores falou que tinha ouvido com uma certa frequência nos países do primeiro mundo a idéia de que crianças do terceiro mundo, acometidas com doenças como diarreia aguda, não deveriam ser salvas, pois tal recurso só prolongaria uma vida já destinada à miséria e ao sofrimento.<sup>15</sup>

Uma afirmação semelhante já apareceu em artigo científico, onde o autor recomenda que se, num determinado país ou região, o número de nascimento ameaça a "deterioração ecológica", que medidas de saúde pública como reidratação oral não sejam socializadas, já que aumentariam os anos/homens de miséria.<sup>16</sup>

Embora a crise brasileira não seja ainda um reflexo direto desta nova ordem mundial, já aparecem sinais de quadros cruciais. Numa reportagem de jornal carioca, o diretor de um hospital público admitiu que diariamente se faz a escolha de cuidar os pacientes que têm mais chances de sobrevivência ou superação. No mês de março deste ano, oito crianças morreram num hospital público no Leblon porque não havia respiradores artificiais infantis suficientes.<sup>17</sup>

É possível que o NAFTA seja uma amostra de futuros acordos nas Américas. A socialização do fato de que um terço da população brasileira

---

(13) KHOR KOK PENG, M. "The States of Cooperation in the present world situation: A critique." *Encontro Internacional de ONGs e Agências do Sistema da ONU*. Rio de Janeiro. Agosto. 1991.

(14) HUCKABY, *op. cit.*

(15) KHOR KOK PENG, *op. cit.*

(16) KING, M. "Health is a sustainable state." (*in*) *The Lancet*. 1990. 366:666.

(17) RYFF, L. A. "Médicos escolhem paciente que vai viver" (*in*) *Jornal do Brasil*. 4.4.93.

---

vive na pobreza absoluta e a metade da população, em miséria, são dados preocupantes, se se levar em consideração que não houve ainda um ajuste econômico como em outros países da América Latina.<sup>18</sup>

### 3. INCORPORANDO A SOCIEDADE CIVIL NAS MASSAS

Qualquer que seja a inserção do Brasil dentro desta nova ordem, tudo indica que causará profundas mudanças na sociedade brasileira, sejam elas, mais uma vez, de prejuízo para a grande maioria ou sejam elas a oportunidade de construir uma democracia que inclua um mercado interno mais amplo e um comportamento solidário dos setores progressistas com os excluídos.

Uma questão que parece pacífica é a de que qualquer governo, seja ele progressista ou não, dificilmente apontaria para soluções da crise sem a participação ativa e efetiva da sociedade civil. Mesmo que as políticas de municipalização da educação e saúde recebam os financiamentos já prometidos pela Constituição, tudo indica que o Estado, como se conhece hoje, será incapaz de lidar com todos os problemas decorrentes destes dois campos de serviço.<sup>19</sup>

Na medida em que se entenda a sociedade civil como sendo composta de organizações voluntárias (partidos políticos, associações profissionais e de moradores, clubes e igrejas), pode-se dizer que a sociedade civil brasileira é bastante restrita, mesmo se for entendida como sendo de caráter popular. Ou seja, permanece a questão crucial de como contemplar as grandes parcelas da população que são rotuladas de "excluídas" ou "massas".

Se é possível uma mudança de ênfase do Estado como local único para promover transformações, para o da sociedade civil, é necessário

---

(18) SOUZA, H. "Um País em Estado de Coma". (in) *Primeira e Última*. Rio de Janeiro. IBASE, ISER, FASE e IDAC. nº 3, Abril, 1993.

(19) VALLA, V.V. *A Construção Desigual do Conhecimento e o Controle Social dos Serviços de Educação e Saúde*. op. cit.; VALLA, V.V. *Educação Popular e Conhecimento*. op. cit.; VALLA, V.V. e SIQUEIRA, S.M.V. "O Centro Municipal de Saúde e a Participação Popular". (in) COSTA, N.R. et. al. (org.) *Demandas Populares, Políticas Públicas e Saúde*. Petrópolis. VOZES/ABRASCO. 1991. Vol. I.

reconhecer também que essas mudanças dificilmente virão sem a participação destas massas. E é neste ponto que reside uma das questões mais importantes da relação da sociedade civil com as massas: a da compreensão daquilo que elas julgam como importante.

O fato da sociedade civil brasileira ser composta, em grande parte, por profissionais e/ou lideranças com alguns anos de escolaridade, faz com que haja um hiato muito grande entre ela e as massas. A "brincadeira" do subtítulo deste segmento do trabalho aponta para o necessário paradoxo da sociedade civil ser "assimilada" pelas massas, ou seja, ser imbuída com a compreensão dos seus interesses e valores. De entender aquilo que está sendo dito.

Com este tipo de raciocínio, não está se propondo uma volta ao "basismo", ou ao lema de que "o povo possui a verdade", mas a discussão do que significa uma relação mais orgânica da sociedade civil com as massas. Certamente, só seria possível construir um movimento grande, na medida em que elementos do pensamento das duas partes terminassem numa síntese; senão, correr-se-ia novamente o risco da esquerda e outros grupos progressistas estarem falando apenas entre si.<sup>20</sup>

A crescente oposição no mundo contra uma intervenção maior do Estado indica a percepção de que não é mais possível confiar ao governo a tarefa de solucionar todos os problemas sociais. E o crescente interesse no fortalecimento da sociedade civil passa pela crença e experiência de que ela é mais flexível, disponível e aberta às pessoas comuns, à vida cotidiana.<sup>21</sup>

Na medida em que o Estado se mostra incapaz de solucionar os problemas, pode-se pensar na possibilidade de construir alianças entre profissionais nas escolas públicas e centros municipais de saúde, por exemplo, e grupos de pais, associações de moradores e/ou organizações não-governamentais. A urgência de determinados problemas poderia fazer

---

(20) BUARQUE, C. *A Revolução na Esquerda e a Invenção do Brasil*. Rio de Janeiro, 1992.

(21) WOLFE, A. "Três Caminhos para o Desenvolvimento: Mercado, Estado e Sociedade Civil". (in) CARVALHO E CAMARA, *op. cit.*

---

com que os profissionais se vissem mais como cidadãos do que como apenas empregados do Estado.<sup>22</sup>

A título de exemplo, pode-se citar o da escola pública e o drama do "fracasso escolar". Tudo indica que sem a intervenção dos pais e da comunidade verdadeira, isto é, pais, alunos, vizinhos, associações de moradores e igrejas, dificilmente haverá mudanças substanciais na escola pública.

Mas esta própria mudança depende em parte da apropriação pela população de uma discussão que é restrita aos profissionais: a dos mitos da "desnutrição" e da "pobreza e miséria" como sendo responsáveis pelo fracasso. Se se entende a apropriação destes conhecimentos pela população como sendo parte do processo da construção do conhecimento, pressupõe-se que este próprio processo seja conduzido num ambiente de igualdade e de abertura, caso contrário, não há construção. Como entender o absoluto fechamento de algumas Secretarias Municipais de Educação à entrada dos pais nas escolas ou a entrevistas com a imprensa ou às iniciativas das ONGs de investigar as condições físicas das escolas públicas?<sup>23</sup>

Se, de um lado, é necessário compreender o que pensa e o que deseja a população para poder abrir as portas das escolas e hospitais para o público, de outro, cabe perguntar se não se deve primeiro abrir as portas para poder compreender, em seguida, estes pensamentos e desejos.<sup>24</sup>

A compreensão das classes populares é um requisito obrigatório, não para poder melhor reiterar as propostas dos profissionais e/ou intelectuais, mas para completar uma equação capenga que inclui apenas uma das partes do conhecimento. A incorporação das massas nas propostas da sociedade civil significa também a incorporação do seu conhecimento.

---

(22) VALLA, V.V. e HOLLANDA, E. "Fracasso Escolar, Saúde e Cidadania". (In) COSTA, N.R. et al. (org.), op. cit. Vol. II.; VALLA, V.V. "Fracasso Escolar e a Democratização da Escola Pública". Rio de Janeiro. 1992. (Mimeo.)

(23) VALLA, V.V. "Fracasso Escolar e Democratização da Escola Pública". *Ibid.*

(24) *Ibid.*

---

#### 4. O QUE SIGNIFICA A COMPREENSÃO DAS CLASSES POPULARES?

"Nenhuma poesia sobre o povo é autêntica se a fadiga não está presente nela e a fome e a sede nascidas da fadiga".<sup>25</sup>

"Estamos habituados a supor que o "povo" tem um código perceptivo e lingüístico restrito (eufemismo para encobrir palavras como inferior, pobre, estrito), pois tomamos nossos próprios códigos como paradigmas e somos incapazes de apreender a diferença de outro código, conciso pela fala e expressivo pelo gesto, marcado pela fadiga, por uma relação com o trabalho na forma de cansaço, numa exaustão que determina a maneira de designar o espaço e de viver o tempo".<sup>26</sup>

Há muito tempo que se debruça sobre as dificuldades inerentes nas relações entre os intelectuais (profissionais, técnicos da classe média, políticos) e os membros das classes populares. Embora a relação entre as duas partes não signifique, necessariamente, um conflito de classe, é óbvio que muitas das contradições inerentes nestas relações têm a ver com perspectivas diferentes de classes e de mundo.

Há alguns pressupostos desta discussão. Um é que um movimento efetivo e eficaz da sociedade civil brasileira não pode se desenvolver sem a presença das massas. Na medida em que cresce o hiato entre estes dois grupos, mais necessário é que seja contemplado o pensamento das classes populares, mesmo se à primeira vista isso não obedece a toda "racionalidade" e "consciência" dos setores tidos como progressistas.

Outro pressuposto, então, é que o que as classes populares falam não é necessariamente transparente para os profissionais, nem o discurso destes para as classes populares.

Os dilemas que surgem para os profissionais a partir dessa relação

---

(25) BOSI, E. (Org.) *Simone Weil. A Condição Operária e Outros Estudos sobre a Opressão*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1979.

(26) CHAUI, M. *Cultura e Democracia*. São Paulo. Cortez. 1990. 5ª edição, p. 23.



---

são freqüentemente os da interpretação que se faz das classes populares, e menos dilemas dessas classes. Os profissionais têm acesso ao conhecimento produzido sobre as classes populares e não ao conhecimento das classes populares. O que freqüentemente aparece como uma interpretação da realidade deformada e incompleta na fala dessas classes é na realidade a expressão de um conhecimento acumulado, sistematizado, interpretativo e explicativo.<sup>27</sup>

Para poder garantir seu status e seu prestígio, que são formas de poder,<sup>28</sup> os profissionais tendem a dificultar a compreensão dos seus conhecimentos pelas classes populares (padre com fiéis, médicos com pacientes, professor com alunos, político com eleitores etc) e, neste sentido, o que as classes populares captam são fragmentos do discurso científico.<sup>29</sup>

Quando, no entanto, esses fragmentos são costurados com os conhecimentos que surgem das suas vivências diárias, o resultado não é nada espontâneo, mas um discurso elaborado que, embora "não-científico", indica uma compreensão da realidade freqüentemente mais de acordo com os problemas a serem resolvidos. É necessário que o conhecimento científico busque se entender com esse discurso popular, freqüentemente denominado intuitivo ou "anti-razão", isto é, o ponto de vista das classes populares; se não, sempre o ponto de vista do "outro" (o profissional e/ou intelectual) acabará prevalecendo. E neste sentido, volta-se ao ponto de partida da discussão.<sup>30</sup>

É comum acreditar que somente é socialmente eficaz a fala popular que pode ser interpretada pelo cientista social. Mas é possível que nem sempre o que o intelectual entende corresponda ao que as classes populares estão falando. O espontâneo é freqüentemente deixado de lado por não ser visto como não relevante, e o entrevistado é também visto como não entendendo nem o que está revelando. O silêncio não é con-

---

(27) Martins, J.S. "Dilemas sobre as Classes Subalternas na Idade da Razão". (in) *Caminhada no Chão da Noite*. S.P. HUCITEC. 1989.

(28) BOSI, *op. cit.*

(29) BOTANSKI, L. *As Classes sociais e o Corpo*. Rio de Janeiro. Graal. 1989. 3ª edição.

(30) MARTINS, *op. cit.*

---

cebido como fala, quando, na realidade, é a linguagem do dominado, enquanto a palavra é a linguagem do dominador.<sup>31</sup>

Para as classes populares, esperar uma vida melhor pode ser uma ilusão. Neste sentido, investir num futuro melhor para os filhos pode ser uma forma de suportar as humilhações e a miséria. Não é tanto o sofrimento que é difícil de aturar, mas muito mais as humilhações - um aspecto que aponta para a dignidade da pessoa como sendo fundamental para as classes populares.<sup>32</sup>

Dado as dificuldades de enfrentar a dura realidade do dia-a-dia, é possível que seja uma prática comum das classes populares "se proteger do processo de conscientização", no sentido de perceber intuitivamente que este processo poderia exigir demais delas. Desta forma, a participação no consumo, a compra da televisão como prioridade, o futebol e o álcool são freqüentemente sinais de um sentimento de impotência e a busca de uma satisfação mínima.<sup>33</sup>

Nesta mesma perspectiva cabe a discussão das religiões, em particular das evangélicas. Em face de uma ciência cujos benefícios são escassamente distribuídos entre as classes populares, em face da miséria de cada dia, sem perspectiva de melhorias, o sentimento de impotência se transforma num sentimento de superioridade espiritual, do vencedor num mundo hostil. Em vez da religião ser vista como um ópio, é possível que seja um protesto contra a miséria real. Se a religião é visão invertida do mundo, é porque esta sociedade, este Estado são o mundo invertido".<sup>34</sup>

A violência, da qual as classes populares são vítimas por gerações, é parte integrante da vida destes setores da sociedade. O que chama a

---

(31) MARTINS, *Ibid.*; CHUAI, *op. cit.*

(32) BOSI, *op. cit.*

(33) EVERS, T. et. al. "Movimentos de Bairro e Estado: lutas na Esfera da Reprodução na América Latina". (in) MOISÉS, J. A. (Org.) *Cidade, Povo e Poder*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1985. 2ª edição.

(34) CHAUI, M. *op. cit.*, p. 71-83; MARX, *Critique of Hegel's Philosophy of Right*. Cambridge Press. 1977. Apud. CHAUI, *Ibid.*, p. 79.

---

atenção não são tanto as manifestações violentas das classes populares, mas a falta de uma explicação do por que não são mais violentas.<sup>35</sup> A repressão e o medo fazem com que o discurso das classes populares seja um discurso aparentemente ambíguo. É um discurso que revela ao mesmo tempo o conformismo e o não-conformismo, o dizer e o desdizer na mesma fala. A expressão por metáfora indica a persistência da violência.<sup>36</sup>

## 5. A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DO PONTO DE VISTA POPULAR: UMA DISCUSSÃO METODOLÓGICA

Neste segmento do trabalho, apresentam-se alguns resultados de investigação que são parte integrante de uma proposta de intelectuais, profissionais e lideranças compreenderem melhor as classes populares, através da compreensão das suas condições de vida.

O Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina (CEPEL) é uma organização não-governamental sediada na Zona Norte do Rio de Janeiro. Como diz o nome, trata-se de um centro de informações e documentação voltado para as condições de vida da população da Leopoldina, uma região industrial e de bairros proletários e favelas, com uma população de quase um milhão de habitantes.

O esforço maior da equipe do CEPEL (constituída de professores da rede pública, lideranças populares, professores e estudantes universitários) é a construção de um banco de dados alternativo, voltado para a distribuição e qualidade dos serviços básicos, mas do ponto de vista da população usuária, principalmente a das favelas e dos bairros mais precários.

A proposta do CEPEL se relaciona com as idéias desenvolvidas no segmento anterior deste trabalho, no sentido de procurar perceber não somente como as classes populares vêem a questão dos serviços básicos, mas freqüentemente no sentido de construir a própria avaliação dos

---

(35) BOECKH, A. "Niveles Analíticas y Analisis Causal en la Investigación de la Violencia". Apud. EVERS, op. cit.

(36) MARTINS, op. cit.

serviços, a partir das contribuições dos próprios usuários. A proposta não é apenas uma questão metodológica, pois freqüentemente os serviços públicos não possuem os dados básico, ou, o que é comum também, recusam revelar os dados que estão em seu poder.

A inversão de perspectiva se assemelha à inversão proposta no segmento anterior. Com relação aos serviços básicos, propõe-se fortalecer a discussão da "eficácia" antes que a da "eficiência". O discurso da eficiência, geralmente das Secretarias Municipais ou Estaduais, refere-se às metas: número de alunos/professores/salas de aula; número de favelas/dias de coleta/número de caminhões de lixo; número de bairros e/ou favelas cobertos pelo sistema de abastecimento de água. O discurso da eficácia trata da qualidade do produto entregue pelo poder público.

De certa forma, a construção do banco de dados alternativo é a montagem de um quebra-cabeça, a partir de fragmentos de dados oficiais, artigos de jornais, entrevistas e conversas informais com moradores e debates com autoridades. O que que prevalece nesta busca é o ponto de vista popular, ou seja, a perspectiva a partir das classes populares. Certamente, o fato do Município do Rio de Janeiro ter sido palco por décadas de um discurso governamental populista e eficiente, mas pouco eficaz do ponto de vista das prioridades das favelas e bairros populares, foi um incentivo para o nascimento desta proposta.

As investigações que o CEPEL procura realizar representam um esforço de compreender os serviços públicos como, por exemplo, a distribuição de água e esgotos, a qualidade da coleta do lixo e as condições físicas e pedagógicas das escolas públicas. Há um princípio metodológico que norteia estas investigações: o discurso das autoridades, mesmo que seja uma fala pobre e pouco informativa, é a fala pública. Independentemente dos documentos que a repartição possua, e independentemente dos amigos ou contatos que cada pesquisador tenha nas repartições, os dados que o serviço público anuncia são os dados que ele oferece para o público.<sup>37</sup>

---

(37) OLIVEIRA, R. M. *A Distribuição Desigual dos Serviços de Água e Esgoto no Município do Rio de Janeiro: Os casos da Penha e Ramos. Projeto de Dissertação de Mestrado. ENSP/FIOCRUZ. 1993.*

No caso da Companhia Estadual de Água e Esgoto (CEDAE), o discurso oficial apresenta um serviço público que distribui uma água de padrão internacional, cujo volume per capita é o maior do país, e com uma rede de ligações que atinge mais de 90% das residências do Estado do Rio de Janeiro. De fato, a qualidade da água é de padrão internacional e o volume per capita é o maior do país, mas apenas na hora em que a água deixa o reservatório Guandu. Pois a pressão e a qualidade caem na medida em que a água tratada segue um caminho dentro de canos rachados após décadas de uso. A extensão da rede de ligações não significa que a água entre em todas as residências 24 horas por dia.

Quando se solicitou dados sobre seu serviço nas favelas da região da Leopoldina, a CEDAE se recusou a entregá-los. A investigação que a equipe do CEPEL realizou através de entrevistas com moradores de favela revelou que um grande número de residências recebem água apenas de oito em oito dias, e por um período de quatro a cinco horas. Há famílias que ficaram mais de cinco meses sem receber água, e é comum durante o verão a entrada de água de 15 em 15 dias.<sup>38</sup>

Há moradores que nasceram na região da Leopoldina e que vivem esse quadro por mais de 30 anos. Um morador ficou tão desesperado que fez com que a calha de sua casa fosse virada para dentro da caixa d'água, dessa forma captando a água da chuva, que ele denominou de "CÉUDAE". Vale a pena lembrar que essa prática é utilizada na zona rural durante períodos de calamidade pública.<sup>39</sup>

É comum os canos de água das favelas sofrerem rachaduras, devido ao trânsito de veículos que passa sobre os canos, como também devido ao desgaste ocasionados pelo sol e chuva. Nesta situação de distribuição descontínua, quando a água voltar a circular, se houver rachaduras ou

(38) "Problemas que estão no Mapa". (in) *Se Liga no Sinal. Boletim Informativo do Sinal. Sistema de Informações de Nível local. Rio de Janeiro. Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina. Ano 2, nº 6, 1992, p. 4-5.*

(39) "Apelando para a Céudae". (in) *Se Liga No Sinal. Ibid. ano 2, nº 10, 1992, p. 7.*

má conservação das juntas, ocorrerá um movimento de sucção, para dentro do cano, das impurezas existentes no terreno.<sup>40</sup>

O fato da água ser entregue uma vez por semana faz com que os moradores sejam obrigados a guardar a água em latões, local ideal para a criação do mosquito da dengue, e potencialmente o da febre amarela. Quando a água "cai" de madrugada, por não ter onde guardar um volume de água entregue por cinco horas contínuas, os moradores são obrigados a fazer a faxina nas suas casas e lavar sua roupa imediatamente, assim sofrendo mais um desgaste através da perda de sono.<sup>41</sup>

Depois de ter realizado a investigação, o CEPEL descobriu que a CEDAE não possui dados sobre a distribuição de água nas favelas da Leopoldina.

Com relação à COMLURB (Companhia Municipal de Limpeza Urbana), as autoridades notificam que os caminhões de coleta de lixo passam nas favelas três dias por semana, como em qualquer outro bairro da cidade. Esse discurso indicaria um serviço universal e democrático, não havendo discriminação em nenhuma parte da cidade. Quanto aos aspectos particulares das favelas, haveria uma orientação de que, onde o caminhão não tivesse acesso, entraria um tratorzinho. Na impossibilidade da entrada do tratorzinho, os próprios garis do tratorzinho apanhariam o lixo até uma distância de 200 metros. Depois desses 200 metros, dois garis subiriam o morro com uma cesta.<sup>42</sup>

A investigação do CEPEL revelou que apenas 58% dos moradores entrevistados têm seu lixo coletado diretamente pela COMLURB. Os outros 42% ou o queimam ou o jogam em vias públicas ou terrenos baldios.<sup>43</sup>

Na realidade, o ótica da COMLURB é a da classe média, e neste sentido, não leva em consideração as 72 horas entre a última coleta da

---

(40) *O Silêncio do Estado pode custar muito caro para a Saúde da População*. (in) *Se Liga no Sinal*. *Ibid.*, Ano 2, nº 7, 1992, p. 6.

(41) OLIVEIRA, op. cit.

(42) *"E a Coleta de Lixo, como Está?"* (in) *Se Liga no Sinal*, op. cit. Ano 2, nº 6, 1992, p. 4-5.

(43) *"Passando a Limpo"*. (in) *Se Liga no sinal*. op. cit. Ano 2, nº 9, p. 3.

---

semana e a primeira da semana seguinte. Diferente dos prédios da classe média, os moradores das favelas não têm onde guardar o lixo que acumulam neste período, principalmente se se leva em conta o tamanho das residências e o número de moradores por residência.

Supondo que uma família fique com o lixo dentro da sua residência durante 72 horas, e que a primeira coleta seja às 11 da manhã, se a família inteira sai para a escola e para o trabalho às 7, o lixo ficará exposto aos cachorros e gatos por quatro horas. A COMLURB tem a política de não apanhar o lixo espalhado no chão, resultante de sacos de lixo rasgados.

Mesmo com toda a precariedade da coleta de lixo, esse raciocínio tem como pressuposto que os caminhões da COMLURB passem sempre nos mesmos horários, uma rotina que, de acordo com os moradores, não é obedecida pela Companhia.<sup>44</sup>

Certamente o caso que mais interessou à equipe do CEPEL foi o da investigação sobre as condições físicas e pedagógicas das escolas públicas municipais da rede comum. Justamente devido à preocupação de muitos professores desta rede com a propaganda dos governos do Estado e do Município sobre os CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública) no programa do ensino do primeiro grau, que surgiu a proposta da investigação. A pesquisa, idealizada pelos professores da própria rede da Leopoldina, foi proposta ao CEPEL, no sentido de que abrigasse o estudo e prestasse assessoria na elaboração do roteiro e na avaliação dos resultados. Numa carta, o CEPEL informou à Secretaria Municipal de Educação da sua intenção em realizar a pesquisa, pedindo a colaboração da mesma em facilitar o acesso às escolas.

A Secretaria não avisou os DECs (Distritos Educacionais) da Leopoldina, fazendo com que depois de terem sido realizadas 32 das 94 entrevistas previstas nas escolas da região, houvesse uma ordem dos DECs proibindo os diretores das escolas de prestarem informações aos entrevistadores.

---

A questão não é meramente administrativa, e levanta um debate sobre o caráter público das escolas públicas, centros municipais de saúde

---

(44) *Ibid.*

e hospitais públicos. A questão formulada é se é necessário a anuência das autoridades para o público ter acesso às informações que as repartições possuem. No caso da pesquisa em questão, trata-se do direito que os pais têm de examinar, por exemplo, as condições higiênicas dos banheiros e da cozinha nas escolas onde os filhos estudam, sem uma autorização das autoridades. O CEPEL julgou que não poderia requisitar tal licença, pois o pedido seria uma concordância com a visão de que os dados não são públicos. Diga-se de passagem que muitos diretores forneceram as informações pedidas com muito interesse, antes da proibição.

Os resultados das investigações são extensos, mas é possível mencionar alguns dos dados coletados. Constatou-se que 80% das escolas visitadas não possuem bebedouros, lavatórios e vasos sanitários em número suficiente para atender às necessidades mínimas dos alunos. Como exemplo, pode-se citar uma escola com mais de 1.000 alunos e três turnos de 340 cada. Há quatro bebedouros de água e duas pias em uso. Outro exemplo é o de uma escola com 780 alunos, com uma média de 350 alunos por turno. A capacidade do refeitório é para 30 alunos, com cinco vasos sanitários e cinco pias em uso.<sup>45</sup>

A relação entre o número de alunos/capacidade do refeitório na maioria das escolas faz com que duas horas de cada turno sejam utilizadas exclusivamente para a merenda, com os alunos passando muito tempo na fila, e depois sendo obrigados a começar correndo para dar lugar aos outros.<sup>46</sup>

Dentro do total das 32 escolas pesquisadas, 20% não têm nem pátio, nem quadra de esportes para fazer um recreio. O regime de "rodízio" é aplicado em 30% das escolas, onde há até seis turmas em determinadas escolas que não têm sala de aula, fazendo com que cada dia dezenas de crianças sejam obrigadas a ficar em casa para dar lugar à turma do rodízio.<sup>47</sup>

Há 38 globos do mapa do mundo (desatualizados) para as 32 escolas, das

---

(45) "Como estão as Nossas Escolas? A Superlotação na Sala de Aula e a Falta de Vagas". (in) *Se Liga no Sinal*. op. cit., ano 2, nº7, 1992, p. 4-5.

(46) *Ibid.*

(47) *Ibid.*



---

quais, apenas 11 possuem aparelho de televisão e oito, aparelho de vídeo.<sup>48</sup>

No intercâmbio que houve entre a equipe do CEPEL com os moradores, professores e pais de alunos, quando foram apresentados os resultados das investigações, surgiram mais informações que, de certa forma, são simbólicas da postura do setor público para com a população trabalhadora.

Quando os resultados da pesquisa sobre a água e esgoto foram discutidos com os moradores de uma favela totalmente urbanizada e com água em todas as residências 24 horas por dia, foi revelado por um diretor da Associação de Moradores que a favela tinha sido contemplada com apenas dois registros de água. Ou seja, os planejadores esqueceram de incluir, pelo menos, um registro por rua para poder desligar a água para fins de concerto.

Na reunião com professores e pais, uma mãe anunciou que fazia parte da diretoria de uma Associação de Pais (não Pais e Mestres), e que a primeira vitória da Associação foi a de ter penetrado fisicamente no interior da escola onde os filhos estudam.

## 6. ALGUNS COMENTÁRIOS FINAIS

Os resultados apresentados são apenas alguns traços das investigações realizadas na Leopoldina sobre água, coleta de lixo e escola pública. Um estudo mais amplo incluiria salários, transporte público, segurança, assistência médica, habitação e lazer. A região da Leopoldina se situa na Zona Norte do Município do Rio de Janeiro, com 2.6 milhões de habitantes e é responsável por 26% da receita de comércio do município, equivalente a US\$ 3,1 bilhões anuais.<sup>49</sup> Neste sentido, não poderia se dizer que a região é um bolsão de miséria. Nos primeiros meses de 1993, a Zona norte superou a Zona Sul (Botafogo, Copacabana, Ipanema etc) em vendas de eletrodomésticos, óculos, móveis, confecções, calçados e tecidos. Mais de 40% das compras de carros novos se localizam na Zona Norte. Na realidade a Leopoldina é como qualquer

---

(48) "Como estão as Escolas Públicas da Leopoldina - Parte III?" (in) *Se Liga no Sinal*. op. cit., Ano 2, nº 9, 1992, p. 4-5.

(49) DUNNINGHM, A. "Zona Norte e Baixada: Um Mercado de US\$ 3 Bilhões". (in) *O Globo*. 09.05.93. *Economia*, p. 38-39.

---

outra área urbana do Brasil. O que pode ser significativo é a localização de grandes parcelas da população com condições de vida tão precárias juntamente com a presença de uma economia dinâmica e uma pequena parcela da população com padrões de vida do primeiro mundo. De certa forma é um prenúncio da nova ordem mundial, que certamente, de acordo com os estudiosos do assunto, virá inevitavelmente.

O que não é inevitável, no entanto, é a maneira como esta nova ordem econômica se concretiza, e a resistência que se oferece aos efeitos danosos às populações mais empobrecidas da sociedade. Essa resistência passa pela construção de uma sociedade civil que inclua parcelas grandes das massas no seu interior, ou seja, requer uma postura que encare as massas como sendo potencialmente organizadas.

Na realidade, a compreensão das massas aponta para a compreensão da maneira como se organizam atualmente e de como isso se relaciona com as atuais organizações da sociedade civil.

A nova ordem não prevê uma economia brasileira numa expansão ilimitada. Nesse sentido, a solidariedade entre as partes da sociedade será uma obrigação, uma primeira expressão concreta de uma outra distribuição de renda. Deslumbrar-se com as estratégias de sobrevivência das massas tem seus limites. Pois toda estratégia de sobrevivência exige novos esforços além da sobrevivência normal de todo dia. São estes esforços extras que podem explicar por que as pessoas pobres vivem muito menos do que poderiam numa outra sociedade.

A compreensão das classes populares tem como seu ponto de partida uma compreensão das suas condições de vida. A superação destas condições é uma meta, e não o ponto de partida. Neste sentido, as idéias apresentadas no item 4 deste trabalho (sobre o que significa compreensão das classes populares) são parte integrante do processo da construção dessa sociedade civil mais ampla, e não questões a serem superadas para se poder incorporar as massas.

---

## Reflexões de Fé & Política

---



---

# A ESQUERDA, O COTIDIANO E A HISTÓRIA\*

Ricardo Galletta\*\*

*"Nós somos os legítimos pastores de Deus. Guardamos o rebanho dele. Guardamos as ovelhas. Não damos leite, não damos carne, não dormimos no curral."*

*(Quarup p. 15 - Antonio Callado)*

É bem aqui, dentro da Natureza "eterna", sentado num fundo de quintal com árvores, que começo a pensar sobre isto: História e Natureza,

---

\* EXPLICAÇÃO: Escrevi esse "desabafo" em um repente, na última tarde de 1986 e depois ele ficou mofoado em uma gaveta por anos a fio. Só agora, em 1993, em razão de mudanças profundas no meu "cotidiano", reencontrei este escrito. Apesar de, nos últimos anos, muita água ter corrido debaixo da ponte (e muitos muros terem caldo), achei que valeria a pena circular as reflexões aqui feitas. Em relação à redação original retirei repetições, alterei a seqüência de alguns parágrafos e dei pequenos retoques. As citações são do livro "A Brincadeira", de Kundera, que me deu o "insight" inspirador do texto.

\*\*O autor é economista, ex-vereador em Campinas (SP) pelo Partido dos Trabalhadores e integrante do Movimento Fé & Política.

---

temporal e eterno, política e cotidiano. De um lado, as "grandes tarefas do momento histórico", de outro, as pequenas inquietações, vulgares e eternas: o amor, o sexo, os filhos, o nascimento e a morte.

Em contraposição ao profundo respeito e adoração pelo histórico, dentro da esquerda vigora um profundo desprezo pelo cotidiano, que não se explicita, mas está evidente no silêncio ensurdecido sobre o cotidiano de cada militante. Este desencontro, esta fratura entre história e cotidiano pode ser detectada de várias formas. É verdade que se pode comentar, nos corredores, sobre a vida de Fulano ou Beltrano. Muitas vezes, num tom de fofoca. Mas tais assuntos não são "nobres", jamais podem ser objeto de discussão "séria". (Sim, há grandes literaturas sobre a mulher e a revolução, família etc., mas isso é trabalhado marginalmente, não passa por dentro do processo).

O fechamento do cotidiano pode ser visto também no fato de as reuniões partidárias e assemelhadas, além de serem muitas e intermináveis, via de regra não contarem com nenhum esquema para os filhos. Na prática, só podem participar solteiros, descasados (que não ficaram com os filhos) ou casados que tenham em casa uma mulher tradicional, que fique com os filhos. Essa é a realidade, apesar de todo o avanço, no discurso, da questão feminista. Como se vê, a realidade mais cotidiana e eterna da vida humana, que são os filhos, a perpetuação da vida, não tem espaço na vida partidária. Essa é marcada pelo mundo masculino, pela sisudez, pela grandiloquência, pela falta de bom humor etc. Nesse ambiente deformado e doentio poderão prosperar e germinar as sementes do "homem novo"?

Quando se pensa nas transformações históricas há sempre uma tendência a se superestimar as mudanças que ocorrerão na esfera do cotidiano: o casamento, a família etc. Supõe-se que uma vez modificados os parâmetros históricos, os elementos do cotidiano alterar-se-ão automaticamente, ou quase, subestimando-se o caráter "eterno" deste. Por exemplo, as dificuldades de relacionamento entre o homem e a mulher, entre pais e filhos...

É claro que, ao se reconhecer uma certa "eternidade" ou "perenidade"

---

ou "invariabilidade" em aspectos da vida humana, conseqüentemente diminui-se a importância dada às mudanças temporais, ou seja, à História.

Ora, isso é uma "heresia perigosíssima". De um lado, mexe com um elemento básico do marxismo: o caráter histórico da vida humana. É verdade que é impossível negar a historicidade (portanto variabilidade) da vida humana. Mas parece que há na esquerda uma insegurança que gera uma posição ortodoxa, inflexível. Teme-se qualquer concessão no sentido de reconhecer as invariabilidades do humano, pois isso parece abrir a guarda para uma visão a-histórica, idealista, centrada até mesmo (possivelmente) no conceito de eternidade e, por conexão, de transcendência. Ou seja, não se consegue tratar de forma dialética as polarizações clássicas:

temporalidade - eternidade

histórico - natural

imaneente - transcendente

objetividade - subjetividade

Parece claro que há o medo da flexibilidade teórica dar brecha para a "heresia" do idealismo e/ou da religião.

Deixemos de lado esse aspecto teórico e vejamos seu ângulo prático. Valorizar menos o histórico e mais o cotidiano; acreditar menos piamente na onipotência do "volante da história" para mudar a vida humana, isso tudo leva, evidentemente, a diminuir o fervor e o empenho do militante. Haverá um desvio de energia das tarefas históricas para o tecer da felicidade cotidiana.

Ou seja, se tudo depende do que ocorre na esfera da história (política), devem-se lançar todas as fichas aí. Então a vida pessoal de cada militante não tem nenhuma importância. Seu significado é dado pela sua contribuição ao "devir histórico".

"Afastado desse volante da história a vida não era vida, mas sim semimorte, tédio, exílio, Sibéria." (Kundera, p. 101).

Há vários casos de militantes que se suicidaram quando gorou a perspectiva de uma revolução próxima. Isso porque a vida do militante

não tem valor em si própria, seu sentido, significado, é fornecido por algo externo: a história. Que é isso, senão alienação? Não é preciso ter muita perspicácia, mas apenas olhos atentos para ver que grande parte (talvez a maioria) dos militantes políticos mais "zelosos" tem uma vida alienada de si mesmo. Em muitos é visível a olho nu o caráter neurótico, quando não de franco desequilíbrio psíquico.

A comparação e analogia com a alienação religiosa é inevitável e imediata. Para o "crente", sua vida só tem sentido em função da "vida eterna", portanto, de sua vida religiosa. É o terreno do sagrado. Há além disso, sua vida "profana", que não é senão um mal necessário, sem valor em si. Para a esquerda, o sagrado é o histórico e o profano é o cotidiano. O processo de despersonalização, é claro, está presente em ambas as modalidades de alienação.

É evidente que os militantes não são tão insensíveis às questões citadas, como a vida pessoal, o amor, o sexo etc. Porém, esse interesse, esse anseio pelas dimensões abafadas pela absolutização da política, fica sempre contido dentro das normas da "moral e dos bons costumes". Talvez o poster de maior ibope nas casas dos militantes seja aquela foto do Che com sua frase famosa: "hay que endurecer-se pero sin perder la ternura jamás". Parece, porém, que tal poster serve mais como amuleto pendurado na parede, enquanto na prática diária do militante a ternura é sistematicamente abafada e ignorada, quando não desdenhada e ridicularizada como um "liberalismo" a ser superado. Lembre-se do texto de Mao sobre os liberais. Esses limites à ternura determinam uma postura na qual a receita é uma tonelada de "endurecimento" com uma pitada de ternura. É preciso ter cuidado para não errar a mão. Se entrar muita ternura, o bolo pode desandar e pôr tudo a perder.

O medo da concessão, nesse nível prático, é que ocorra o famoso "desbunde", cuja possibilidade faz tremer nas bases os militantes, principalmente os mais rígidos. O "desbunde" tem usualmente uma conotação pejorativa na esquerda, mas ele tem um conteúdo positivo de "cair na real", de superar a esquizofrenia e assumir o seu cotidiano. Nas palavras do personagem de Kundera:

"Eu vislumbrava de repente uma possibilidade de existir, nova e

---

imprevista: diante de mim estendia-se, dissimulada sobre a asa da História em pleno vôo, a campina esquecida do cotidiano, onde uma mulher pobre e modesta, contudo digna de amor, me esperava. (...) E eu, de repente, estava livre (...) e o passo que um momento antes me parecera perigoso, o passo que me levara "para fora da História", subitamente foi para mim o passo do alívio e da felicidade." (p. 101-2)

Os movimentos que colocam as questões alternativas, os movimentos feministas, ecológicos e outros são um grande avanço no sentido de colocar em pauta diversas questões "eternas" como a mulher, a natureza, o sexo etc. Contudo, permanece a separação entre estes movimentos "específicos" e a vida partidária. Então cada um cuida de um "assunto particular" e o partido cuida do "geral". Em consequência, não se consegue alterar quase nada, nem o geral, nem o específico, nem o histórico, nem o cotidiano. O desafio colocado é estourar esses compartimentos estanques, principalmente o esquema partidário, criando-se uma nova dinâmica, radicalmente diferente da "militância".

Enquanto os partidos e movimentos que querem revolucionar o mundo estiverem estéreis, vazios do cotidiano da vida humana, não conseguirão grandes avanços. A massa do povo que vive imersa no cotidiano, sem nem sentir o cheiro do volante da história, não se sensibilizará com as propostas abstratas e desencarnadas das esquerdas. E continuará sujeita a ser seduzida pelos demagogos, fascistas e elites econômicas (como se vê em geral nas eleições).

Só quando a esquerda perder o medo da dimensão pessoal-subjetiva, abandonar a idolatria da História e da Política e, principalmente, só quando ela for engravidada pela vida cotidiana do povo, é que será possível esperar pelo surgimento de uma nova sociedade. Grávidas costumam ser menos esbeltas, mas só elas geram vida. Só quando a esquerda - em vez de se dilacerar na disputa sobre qual facção é a dona da "justa linha" - arriscar-se a "perder a linha", ela poderá ser fértil e contribuir para o nascimento de um novo homem e de uma nova mulher.

Cravinhos (SP), 31/12/86

---

---

## AVE MARIA DOS OPRIMIDOS

**SALVE MARIA,**  
*agraciada por Deus  
que trazes em teu ventre  
a resposta a todas às nossas expectativas...*

*Que trazes em teu seio  
o Deus conosco que se derrama  
em doação perene para todos  
nós...*

*que trazes em tuas mãos  
os frutos imperecíveis da bondade  
e do amor...*

**SALVE MARIA,**  
*agraciada por Deus  
que sentiste em ti a angústia  
dos perseguidos,  
dos exilados,  
dos migrantes e  
dos humilhados...*

**SALVE MARIA,**  
*agraciada por Deus  
modelo materno de  
silêncio,  
humildade,*

*fé e serviço...*

*Maria-mãe, ora por nós*

**SALVE MARIA,**  
*agraciada por Deus  
mãe pura de nosso libertador,  
a ti recorreremos,  
com a confiança de filhos  
e te pedimos que nos mostres o  
Cristo,  
o santo fruto de teu ventre,  
e que Ele transforme  
nosso espírito,  
nossos corações e  
nossa vida...*

*para que possamos ser  
o testemunho fiel  
no meio do povo liberto,  
que se organiza em seu nome,  
a caminho da terra prometida,  
já fazendo deste mundo  
um sinal do Reino definitivo.  
Amém!*

**Antônio Mesquita Galvão**



---

---

## Reflexões de Fé & Política

---

---



### MICROPOLÍTICAS DE SAÚDE COMUNITÁRIA\*

Waldemar Boff\*\*

Saúde é o resplendor azul cristalino da vida. Saúde é o rosto do completo bem-estar físico, psíquico e espiritual. Saúde é a expressão da qualidade de vida, pessoal, familiar e coletiva. Qualidade de vida depende da maneira de organizar e se relacionar a sociedade com o meio ambiente. É um ethos, um modo político e cultural.

Por política entendo a ciência e a arte de intermediar relações de interesse, facilitando e sugerindo soluções e encaminhamentos.

---

\* Texto apresentado no "IX Encontro Paranaense de Secretarias e Departamentos Municipais de Saúde", nos dias 12, 13 e 14 de maio de 93, em Guarapuava - PR.

\*\* Educador Popular e Secretário de Desenvolvimento Comunitário de Petrópolis - RJ.

---

## **O MODO OCIDENTAL DE SAÚDE**

O Ocidente antes de um ponto geográfico é a parábola de uma civilização que cai ou morre. A visão ocidental é predominantemente racional, mecânica e maniqueísta. Saúde é ausência de doença, principalmente física, no máximo psíquica. Distúrbios espirituais são relegados aos domínios do sobrenatural, do filosófico e, na maioria dos casos, do charlatanismo. No Ocidente, se um órgão não funciona bem, substitui-se como peça em oficina mecânica. A relação médico-paciente é uma relação de desigualdade. É o outro que sabe a dor do meu corpo. E sabe pelo que aprendeu nos livros que retratam o saber empírico, comprovado pelos sentidos e razão para além dos quais habita o hipotético, o fantástico, o irreal.

A organização da saúde coletiva se dá em reinos paralelos: o oficial e o popular. O oficial é reflexo dos interesses de classe e da visão reducionista de ciência sobre as coisas do corpo e da alma; o popular é o resultado de sabedoria acumulada, se articula em linguagem mitológica e em rituais de caráter sobrenatural. A organização pública da saúde repousa sobre os interesses do capital manifestados na indústria da doença e sobre os interesses do saber acadêmico, manifestados na indústria do conhecimento.

Os governos são instrumentos de poder das classes sociais. Tendem a viabilizar os interesses do capital que, acumulado em poucas mãos, acaba privatizando o dinheiro público. É pura declaração de princípios e bons desejos afirmar, numa sociedade capitalista, que o político governa para a maioria do povo. Ele é expressão e instrumento das classes dominantes.

## **A VISÃO ORIENTAL DE SAÚDE**

O Oriente antes de ser um ponto geográfico é a parábola de uma civilização nascendo. O Oriente tende a ser holístico, global. A reali-

---

dade é o resultado da harmonização dos contrários. É um dinamismo dialético. O Ying e o Yang, o cheio e o vazio, o céu e a terra, o masculino e o feminino, a luz e as trevas, o visível e o invisível estão numa dança contínua de fecundação. Energias positivas e negativas percorrem incessantemente o corpo da realidade, criando-a, destruindo-a e recriando-a. A saúde é o equilíbrio dessas forças e a capacidade de lidar com os contrários, reconciliá-los, sem destruir um dos elementos em benefício do outro.

Essa visão globalizante possibilita ver a saúde-doença como um processo de integração das múltiplas realidades humanas e cósmicas. Saúde não é só o meu bem-estar pessoal. É também o bem-estar do coletivo e do cósmico. Não são a sociedade e a natureza que pertencem ao homem. É o homem que é parte delas. O antropocentrismo cede lugar à totalidade da criação que está aí para ser amada e não subjugada. Não é ambientalismo, mas ecologia profunda. O princípio é preservar toda a vida que tem em cada reino - mineral, vegetal, animal - seus direitos próprios e não apenas derivados dos direitos humanos. Vida e morte tornam-se aspectos de um mesmo processo sempre ativo e em constante aperfeiçoamento. Não há pânico frente à morte nem desespero de prolongar a todo custo essa forma transitória de vida. No Oriente pode-se ter o direito de morrer em paz e em casa, cercado pelos familiares e pelos lamentos dos animais de estimação.

Essa filosofia de vida criou um pensamento político dos mais altos e que subsiste nos textos de Lao Tsu e Chuang Tsu. É a política maternal que cuida da vida sob toda forma, que privilegia o pequeno e pessoal, que estende a administração pública ao poético-místico e que respeita a lógica das coisas como a realidade maior que a lógica dos humanos. O político não considera o outro como inimigo a quem precisa eliminar, nem como o adversário a quem precisa conquistar, mas como o diferente, parte de si mesmo, que precisa seduzir sem submeter para se completar. O melhor político é o que menos governa (Thoreau) e o que mais respeita a atividade do outro.

---

O político é sobretudo um educador, como queria Mao Tse Tung. Alguém que junto com as obras externas está empenhado no resgate da identidade do povo, na recuperação da sua auto-estima, na iluminação de sua consciência e na construção de seu destino como nação. Ele é ainda o consolador e o recordador. Recolhe os soluços dos sofredores e recorda-lhes a gesta dos antepassados. É também o despertador das esperanças, o que sustenta as pernas dos fracos, o que reacende os sonhos moribundos. Por fim, é o servo sofredor que toma sobre si as dores e erros da multidão, intercede por ela, suplicando alívio e perdão.

Numa visão holística, o político representa a nobreza que cada cidadão carrega. No desejo profundo de ver o rei, o governante esconde o desejo de ver-se a si mesmo como plenitude, de ver-se como soberano, rico e todo-poderoso, o **self** em total floração.

### **A MICROPOLÍTICA - O CAMINHO DA COMUNIDADE**

Fomos acostumados a pensar a política clássica como a ciência e a arte de bem conduzir os povos. Pejorativamente, no Ocidente, fomos acostumados a identificar política como a combinação de força, esperteza e sorte, a fortuna e *virtú* de Maquiável. Sobretudo, temos a tendência a configurar a política pelo seu realismo cru e não pelas suas visões generosas, pelas suas utopias.

Aceita-se a democracia como valor universal. Democracia entendida como igualdade de oportunidades, respeito pelas diferenças, direito a participação e dever de solidariedade. É a aspiração dos inquietos de todos os tempos: a igualdade, a liberdade e seus conflitos administrados pela fraternidade que seguramente não admite como princípio a violência.

Mas a democracia como valor só é exequível no micro, na pequena comunidade. O universal de seu valor só se torna efetivo no local da singularidade. A democracia é tanto mais pura quanto menor

---

for o grupo social. Grandes conglomerados ou sistemas carregam uma alta taxa de centralismo, manipulação, autoritarismo, tráfico de influência e corrupção dos bons.

O acesso ao poder político está hoje condicionado aos partidos políticos. Tenta-se desesperadamente salvar esse instrumento no final desta era. Mas os partidos, como aparelhos de administração pública estão fadados a desaparecer. Em vão tentam montar projetos nacionais. Em vão tentam radicar-se no povo. Em vão tentam despertar os velhos sonhos. Os partidos, como partes, estão na contramão de um processo histórico de globalização. Mas o que surge no lugar dos partidos, de sua disciplina de seus militantes?

Parece que estamos tomando consciência de uma imensa revolução molecular, silenciosa, benevolente, carregada de promessas. Grupos se unem pelo interesse, pelo prazer, pelo afeto. São mulheres, poetas, lavradores, sem-teto, sem-pão, místicos, andarilhos, colecionadores, músicos, profissionais diversos, visionários exóticos, sofredores mil. Uma agitação nervosa agita o coração da Terra, o ventre da história. Buscam os seus interesses, mas estão abertos aos interesses dos outros. Agem localmente, mas pensam globalmente. Formam uma imensa frente popular compondo um arco-íris de esperança. Sua bandeira é vida melhor, seu canto é diálogo fraterno e sua cadência é a combinação do ritmo de cada um. São os novos guerreiros - místicos e poetas.

O Sul do Planeta vive um momento prenhe de possibilidades. Como a Rússia em 1917, passou diretamente de um sistema feudal de economia para um sistema socialista, sem passar pela acumulação capitalista, é possível que o sul macilento, por obra da automação, comunicação e conscientização, passe para um sistema de governo baseado na aldeia, auto-sustentado, ecológico, participativo, frugal, místico e planetário.

A categoria central da nova política é a comunidade, a começar pela família. Os partidos que se montaram sobre um esquema militar

---

para a tomada do poder nacional cedem lugar aos grupos que pelo diálogo buscam o consenso visando a melhoria da qualidade de vida integral - pessoal, familiar, comunitária e planetária.

Para esses novos gnósticos a política é sobretudo a busca da excelência das relações e da pureza do processo. O bem que queremos não está no fim, mas se antecipa nos próprios meios que utilizamos. E o agente político não é estranho ao processo, mas é parte dele. Questiona-se sempre a justeza da causa, a pureza do agente e a qualidade do próprio processo. A causa, o meio e o agente nascem e vivem de uma mesma santidade. O novo político, o político aquariano, é ao mesmo tempo um guerreiro, um poeta e um santo. Junta a luta não-violenta, o sonho realista e o amor operoso.

Essa tendência se reflete a nível institucional, no movimento de municipalização. Tem-se consciência de que a nação só será resgatada das garras das elites nacionais e estrangeiras quando se organizar a nível local e encontrar sua autonomia. Hoje temos consciência de que para termos liberdade precisamos de pão e dos meios de conseguir o pão. Em vez de assistência queremos trabalho, em vez de favores queremos direitos.

## **A POLÍTICA MÍNIMA - O CAMINHO PARA A LONGA VIDA**

Para além da micropolítica, da política comunitária, da política celular, há a política minimalista, a política quântica, a política pessoal. Nosso eu é plural. Não somos a solidão do um, mas o inter-relacionamento de muitos. Somos habitados por anjos e demônios, pelos nossos mortos, pelos nossos vivos e pelos que ainda virão. O e'on da industrialização e da automação, e filhas da razão, nos destroçou como pessoas. Perdemos raízes e direção. Já não sabemos quem somos. Acostumamo-nos a tantas máscaras que já não reconhecemos nosso rosto verdadeiro, único, luminoso, belo. Temos saudades de casa. Queremos voltar a nós mesmos e aos nossos. Por isso concluo com o poema LXXX, de Lao Tsu, esse velho sábio e

---

político chinês do século VII a.C. É o modelo de país-comunidade de vida que quero.

*"Um país pode ser pequeno  
e poucos seus habitantes.  
Instrumentos que multiplicam a força do homem  
não devem ser usado.*

*O povo deve pensar seriamente na morte  
e não deve viajar para longe.*

*Mesmo que haja navios e carros  
ninguém deve servir-se deles.*

*Mesmo que haja couraças e armas  
ninguém deve ostentá-las:*

*que o povo volte a fazer nós em corda  
para usá-las à guisa da escrita.*

*Que faça doce o seu alimento  
e belas as suas roupas,*

*pacífica a sua moradia  
e alegres os seus costumes.*

*Que os países vizinhos estejam ao alcance da vista,  
de modo que se possa ouvir de cada lado*

*o canto dos galos e o latido dos cães;*

*e assim as pessoas morrerão em idade avançada,  
sem ter viajado de um lado para outro."*

**Tao Te King, Ed. Pensamento - São Paulo.**

## ZEN E A ARTE DE ACREDITAR NA POLÍTICA

Agenor enviuvou faz muitos anos. Com a morte da mulher, dona Zininha, foi para as montanhas morar num pequeno rancho. "Seu" Nola passou a viver uma vida de eremita e sem querer ficou famoso na região de modo a ser muito procurado pelas pessoas. Iam lá as namoradas largadas, os homens traídos, os pobres sem futuro, as prostitutas feridas e toda espécie de desesperados. E Nola ouvia a cada um com a paciência de quem é senhor do tempo e da eternidade.

Passando sua fama além das fronteiras da pequena cidade, foi visitá-lo, certa feita, um político da capital. Homem distinto, bem intencionado, comprometido com a reta administração da coisa pública e com os interesses dos setores populares da sociedade. Aproximou-se do rancho de Nola e bateu palma três vezes. Nola acudiu suave e convidou-o a entrar.

- O senhor acredita na política?  
Perguntou o distinto homem.

- Não. Mas o senhor acredita.

- Isso é um esforço muito grande para mim.

- Para mim também.

- Mas como pode o senhor não acreditar em algo que é tudo na vida da nossa sociedade?

- Nada é tudo na vida de uma sociedade. Tudo são muitos.

O político levantou-se e se foi. Voltou às suas atividades normais e confessou ter se decepcionado com o velho da montanha por ele não acreditar na política. Mas algum tempo depois resolveu voltar a ter com Nola. Chegando ao rancho da montanha, lá estava o velho retirando água do riacho com um pequeno balde. A cada enchida, devolvia novamente a água para o pequeno rio.

- O que faz o senhor aí, Seu Nola? Não vê a inutilidade de pegar a água e devolvê-la ao riacho?

- Estou tentando fazer o esforço de acreditar na política...

*J. Américo*



---

## Reflexões de Fé & Política

---



# RELATÓRIO DO SEMINÁRIO ÉTICA & POLÍTICA


Local: Associação Feminina Sagrado Coração de Jesus - Rio de Janeiro  
Data: 18 e 19 de setembro de 1993.

### *Sol de Primavera*

*Beto Guedes e Ronaldo Bastos*

*Quando entrar setembro  
É a boa nova andar nos campos  
Quero ver brotar o perdão  
Onde a gente plantou  
Juntos outra vez  
Já sonhamos muito  
Semeando as canções no vento*

---



*Quero ver crescer nossa voz  
No que falta sonhar  
Já choramos muito  
Muitos se perderam no caminho  
Mesmo assim não custa inventar  
Uma nova canção  
Que venha trazer  
Sol de Primavera  
Abre as janelas do meu peito  
A lição sabemos de cor  
Só nos resta aprender.*

## **INTRODUÇÃO**

Iniciamos o Seminário com bastante alegria e animados pelo espírito primaveril, reencontrando amigos e amigas que há algum tempo não encontrávamos e descobrindo novas amizades. A amplitude geográfica do Movimento Fé & Política carrega uma possibilidade fantástica: criar laços de irmandade pelos centros, cantos e recantos de nosso país e ainda estreitar laços fraternos para além de nossas fronteiras. Neste encontro pudemos contar com a presença de um companheiro da Venezuela, Guido Zuleta e uma companheira da Alemanha, Susanne Wübker. Ambos nos trouxeram bastante alegria e simpatia!

Renovamos nossos corações com os encontros, reencontros e com a chama da esperança que se acende todas as vezes que podemos compartilhar o projeto comum que nos une: a transformação de nossas relações e de nossa sociedade. Por tudo isto chegamos muito felizes e realizamos uma dinâmica de apresentação .

Contamos com a Coordenação Geral pelo Conselho Editorial do Movimento e com o apoio é o trabalho de 3 grupos voluntários, que garantiram a riqueza e o andamento do nosso encontro:

- 1) Coordenação dos trabalhos: Caê, Teresinha Toledo e Claudio Vereza.
- 2) Relatoras responsáveis pelo subsídio do relatório: Silvana Gomes Andrade, Márcia Pastor e Maristela Barenco.

---

3) Celebração: Pedro Ribeiro, Tereza Cogo Lodi, Fidélis Estefan, Susanne Wübker e Carlos Roberto.

O tema "Ética e Política", eleito pelos membros do Movimento e assinantes dos Cadernos, através de um questionário, foi altamente mobilizador. Imersos em uma conjuntura nacional de desmoralização dos espaços de exercício político, a Ética emerge para nós como critério de legitimação de uma prática política baseada na justiça. Como nos diz Leonardo Boff, "a política sem ética é politicagem, perversão, técnica e artimanha de poder. A política com ética é democracia, participação e justiça".

Neste relatório apresentaremos o tema "Ética e Política" em dois momentos, tal como ocorreu no Seminário. O primeiro momento, mais preliminar e conceitual, foi coordenado por Leonardo Boff. O segundo, mais participativo, ficou por conta do debate em grupo.

### **Parte I**

#### ***Introdução Semântica de Ética e Política***

**Leonardo Boff**

#### **1) POLÍTICA**

a) O político: recuperar o sentido mais global de política, enquanto organização da Cidade (Pólis), que engloba tudo o que tem a ver com o convívio humano e não se restringe à partidarização. É um conceito mais amplo que diz respeito aos projetos políticos com suas várias concepções em curso, seus agentes e ideais. Está voltado para o bem-comum, que é a realidade cósmica.

b) A política: deriva-se do político. É toda atividade humana que se destina à administração e transformação da Sociedade, via Estado (Poder Público). O Estado não é mais forte que a Sociedade, mas possui legitimidade. Nesta compreensão entram os partidos políticos como instrumentos de grande importância na disputa pelo Poder Público.

c) A politização: é todo processo educativo que se promove na perspectiva da emergência do ator social, do cidadão participante, do

---

sujeito crítico e atuante. A politização está presente no político e na política.

d) A politicagem: é o uso do Estado para a construção de benefícios particulares; é a utilização arbitrária da verba pública, a privatização dos bens públicos para interesses restritos.

## 2) ÉTICA

A palavra Ética vem do grego ethos que significa:

a) A "Casa Comum Humana", que encontra seu paralelo no termo grego oikos.

- A economia diz respeito à boa administração da casa.

- A ecologia diz respeito à boa administração da casa humana (cosmos).

- A ética, nos lança um desafio: Como montarmos a casa humana de um jeito que todos possam viver e conviver bem? Tem a ver com uma "atitude benfazeja".

b) Hábitos: conjunto que criamos "em função" desse bom funcionamento. É a maneira de se ordenar essa vivência e convivência.

## 3) COMO SE UNE ÉTICA E POLÍTICA ?

Não se une. A política é em essência ética. E a ética é em essência política.

Aristóteles afirmava que o homem é um animal político. Convive e organiza a Comunidade para o bem-comum da Cidade, que são a felicidade e a justiça. Se esse ser não se integra é uma divindade (transcendente) ou é um animal.

Platão adverte-nos que uma Sociedade só justa é terrível. A justiça é um pressuposto. Uma Sociedade tem que viver do "ato amoroso" (gratuidade), que é o complemento indispensável à justiça.

---

Os partidos políticos precisam se mobilizar em função de Projetos que transcendam os interesses de grupos e partes. Precisam desenvolver a consciência para a totalidade.

Se uma política não for ética, certamente desembocará para a politicagem, que se preocupa com as técnicas do poder, com artimanhas e que se dá na perversão. Uma política que retome a sua essência ética é virtuosa, democrática, participativa, comunitária e justa. Sem participação a política é "exclusivista" e privativa, que nega o dom maior da participação. Exemplo disso está na visão leninista, que promove uma política beneficente para o povo, mas exclui a sua participação.

A Ética e a Política andam sempre juntas e lançam uma questão desafiante para todas as áreas das ciências atuais: Em quê poderemos diminuir o sofrimento humano?

### **A REFERÊNCIA LATINO-AMERICANA COMO DESAFIO**

Somos um país tomado, invadido, assassinado e vendido. A colonização trouxe essa realidade, que persiste ainda hoje. Os satélites de hoje são as caravelas de ontem; o Capital Mundial atual representa a Espanha e Portugal de ontem. Continuamos produzindo para exportar, sem ao menos termos o direito de consumir. Não temos um Projeto Nacional. Vivemos do Projeto alheio. O nosso pecado original se traduz na estrutura de violência social. Politicamente, não contamos; culturalmente, somos um continente analfabeto; religiosamente, somos reprimidos pela hegemonização da Igreja; ideologicamente, ao nível de nossa criatividade, somos constantemente abafados.

Vivemos relações profundamente iníquas e antiéticas. A política aqui, em sua raiz, é politicagem. A ética não pode ser mais brasileira, latino-americana: tem que ser "mundial" (continental) e "global" (em todos os níveis da vida). É um processo que envolve gerações e gerações, mas que precisa se iniciar já em nossa geração.

A Ética e a Política vivem de uma permanente indignação e esperança. Indignação como negação do que existe. Quando se perde a indignação, perde-se também a referência ética, porque há uma adaptação à

---

realidade que clama por mudança. A indignação esconde a esperança. Em 1942, um professor francês, presenciou a prisão e o encaminhamento para a câmara de gás de um grupo de crianças judias indefesas. A sua indignação ética ao presenciar a condenação foi tão forte que se expressou no desejo ardente de matar e exterminar os soldados.

A ética trabalha com valores; tem a ver com o bem por excelência. A ética vive desta proposta: o ser humano não é lobo, mas potencialmente irmão e irmã. Viver eticamente significa viver de forma responsável. O eu não existe sozinho, mas o coletivo não pode esquecer o individual.

### **QUESTÕES LEVANTADAS NA PARTE INTRODUTÓRIA:**

1) Especificidade ética do cristão: a política do Evangelho, que se traduz no Sermão da Montanha e que atua no âmbito do político em dois pólos:

a) A Sacralidade Inarredável do Ser Humano não só como cidadão, mas sobretudo como filho e filha de Deus (altura do divino). Gandhi se indignou porque viu o ser humano como filho e filha de Deus.

b) A Centralidade do Pobre, que é o critério profético da política. Para saber se uma política é "boa", veja como ela trata os pobres, que constituem hoje 2/3 da humanidade.

2) Há várias éticas como há várias políticas?

É preciso fazer a distinção entre Ética e Moral.

A Ética, enquanto "ethos", possui uma dimensão universal. Ex: "Todo mundo mora". O direito à moradia é ético, universal.

A diferença entre as formas de se morar, o "como" se estrutura a casa, a maneira de se organizar a morada é moral. É neste sentido que existe a moral (hábitos internos) de cada grupo: a moral do padre, a do traficante, a do ladrão etc.

---

## ALGUNS COMENTÁRIOS E OBSERVAÇÕES À INTRODUÇÃO

a) É preciso expandir o conceito de Política para além de Estado. Segundo Gramsci, a Política se dá em diversos âmbitos, seja através do poder de convencimento, das ditaduras, da pressão social, do controle dos bens essenciais. Um Estado totalitário é aquele que "engole" a sociedade civil.

b) Afirmar a universalidade da ética é uma característica Iluminista, da Sociedade Moderna. Cada povo, através da sua cultura, constrói a sua ética "universal". Tudo o que criamos emerge de "nossa" cultura e "nossa" ética. O Evangelho nos traz valores éticos da Comunidade de Jesus que podem ser internalizados por nós, mas que não são inerentemente nossos. Ficamos antiéticos quando nos defrontamos com uma ética diferente da nossa. Achamos que existe uma ética - a nossa - que deve prevalecer. A realidade é assim. Arnaldo Jabor, jornalista e cineasta, exemplificou bem isso em uma entrevista recente, quando disse que a nossa sociedade tem raiva dos Yanomamis porque eles não precisam viver para trabalhar: em sua liberdade, trabalham para viver.

c) É preciso compreender o "universal" da ética como o direito de todos, um direito que diz respeito à coletividade. Neste sentido, a universalização da ética se concretiza no consenso de práticas estabelecido por grupos.

d) A Política como "arte das mediações" parece se chocar diretamente com os princípios da Ética. Exemplo disso encontramos em nossa conjuntura política: os paulistas devem sacrificar o seu bem-comum, a saber, não lançar candidato próprio do Partido dos Trabalhadores ao Governo de São Paulo, em função da candidatura presidencial, ou seja, em função do bem-comum da nação? Os fins justificam os meios?

Por causa de contradições como esta que se dão cotidianamente dentro da militância, muitas pessoas que buscam uma coerência estão se questionando se vale ou não a pena continuar nos espaços atuais que

---

explicitam uma busca por transformação. Muitos têm chegado à conclusão que não vale a pena e saem à procura de novos espaços, menos contraditórios e mais coerentes com uma proposta ética.

A conjuntura nacional da Venezuela em campanha presidencial nos lança uma questão sobre ética. Os atores políticos se dividem entre o neoliberalismo e o anti-neoliberalismo. Contudo, os anti-neoliberais, que poderiam oferecer uma alternativa política frente aos neoliberais possuem práticas "politiqueiras". Diante deste quadro, que referência adotar: a ética ou o anti-neoliberalismo?

### ***Conclusão da Parte Introdutória***

***Leonardo Boff***

1) A referência de base da ética é o reconhecimento da existência humana com as suas diferenças. Isto é a ética fundamental, que se estrutura através da nossa reivindicação de "humanos". Como seres em relação, nossa humanidade não é só "sapiens", mas também "demens", anti-humana, demente e insana. Pertence à ética o antiético. Se não trabalharmos com a lógica inclusiva - dialética - não conseguiremos trabalhar quase nada.

Como diz o Betinho, existem alguns princípios que devem ser coletivos, transculturais e referências mundiais:

- A afirmação da vida. Até o antropofagismo ritual tem como fundamento a afirmação da vida.

- O direito não só à vida, mas à reprodução da vida: trabalho, saúde, alimentação, moradia digna etc.

- Regra áurea: não faça ao outro o que você não quer que faça a você.

2) A Ética isolada é coerção, regra pura, moral. A Ética vive da mística da consciência, que como "mola propulsora" anima e fortalece o Projeto. As éticas vivem de uma "brilho" maior. Só pela política não vale a pena sacrificar a vida. A mística é o mais além que dá o significado à



luta. É o que não se vê, mas constitui as peças axiais do carro: sem elas o carro não anda.

Por fim, não devemos confundir coerência com ética. Uma atitude pode ser ética, mas não coerente. Só a conseqüência vai dizer se um ato é bom ou não é. Precisamos buscar a sabedoria como o caminho do "meio" para sabermos discernir bem os fatos da vida. Jesus foi pacifista, mas soube usar o chicote quando foi preciso...

## **Parte II**

### ***Quatro Casos Concretos de Ética e Política.***

Passamos à discussão de fatos ocorridos que nos levam à reflexão sobre ética e moral dentro de nossa atividade política. A dinâmica se deu assim: após o relato de cada fato, o plenário deveria se manifestar concordando ou discordando da atitude tomada em cada caso. Assim, após o relato de todos os casos, o plenário foi dividido em grupos de acordo com a concordância ou discordância. Cada grupo deveria trazer para o plenário argumentos que justificassem o seu posicionamento.

#### **1º CASO**

*João utilizava um caminhão para entregar material de construção a famílias do Movimento de Moradia. Um dia, estacionado o caminhão na rua, veio um carro e colidiu na sua traseira. Na ocorrência policial, decidem os policiais apreender o caminhão para fazer a devida perícia. João precisava entregar material de construção às famílias no dia seguinte. Expondo sua situação ao policial que ia apreender o caminhão, este propõe a João uma propina em troca da liberação do veículo. João aceita.*

Diante desse caso, veio a pergunta ao plenário: você concorda ou discorda de João? E veio a resposta:

***03 pessoas concordaram e argumentaram que:***

- \* O suborno não é uma norma ética, mas diante de um bem-comum maior (levar material para as famílias), não seria tão grave.

- \* O caminhão ficaria preso por razões burocráticas. Não adiantaria um ato heróico porque não facilitaria a resolução do problema.
- \* Temos muitas culturas de corrupção. Não é com atitudes assim que poderemos provocar mudanças substanciais.
- \* O não pagamento teria um efeito inútil. Pequenos gestos não interferem no global.
- \* A propina é um ato concreto isolado, aceitável. É condenável enquanto ato continuado.

**26** pessoas *discordaram* e argumentaram que:

- \* Os fins não justificam os meios; e na ética não há meio-termo.
- \* A cultura da corrupção se propaga nos pequenos gestos.
- \* Propina é propina! Temos que ser contra.
- \* Apesar da morosidade da justiça, precisamos recorrer aos meios legais.
- \* Faltou democracia no envolvimento da comunidade prejudicada. A comunidade reunida poderia reivindicar a liberação do caminhão ou procurar outro transporte para o material.
- \* Aceitar pagar a propina revela a afirmação de uma lógica exclusiva por parte das pessoas.
- \* Pagar propina a um policial, antes de ser uma questão de ética, é falta de inteligência de quem paga.
- \* Se não se é capaz de resolver um pequeno problema sem perder a consciência ética, não se será capaz de mudar nada.
- \* Temos o hábito de individualizar os casos para justificá-los.

**04** pessoas *se abstiveram* e argumentaram que:

- \* Faltou declarar qual o valor da propina paga, quantas pessoas seriam prejudicadas e se haveriam outras alternativas.
- \* O caminhão estava estacionado corretamente? O motorista teve culpa?

## 2º CASO

Foi declarada uma greve dos professores da rede pública estadual. Após mais de um mês de paralisação, os dirigentes sindicais decidiram fazer assembleias com os pais de alunos e estes levantaram ponderações e sugeriram o fim da greve. Apesar disso, a comissão decidiu continuar a greve, prejudicando o ano letivo. Você concorda com a comissão?

**08** pessoas concordaram e argumentaram que:

- \* A greve é um direito constitucional.
- \* No caso específico, a greve na educação é um momento privilegiado para se discutir a situação do ensino público.
- \* Em nosso país, ainda não se atingiu o nível de conscientização para se entender a importância de uma greve. Se os pais acham que a greve deve terminar o quanto antes, devem atuar e cobrar do governo a solução da situação.
- \* Quem é contra greve, o é por particularidades pessoais.
- \* Não se pode afirmar que há um prejuízo na educação das crianças, pois não se trata de uma atividade de produção material. As aulas poderão ser recuperadas.
- \* A greve não rompe com os objetivos pedagógicos finais.
- \* Os pais só se preocupam no período de greve.
- \* A greve é uma linguagem própria. Perguntar à população é negar *a priori* tal linguagem.
- \* Qualquer greve possui uma consequência social. Com essa lição, a comunidade se educa para a cidadania.

**13** pessoas discordaram e argumentaram que:

- \* As greves, da forma como são feitas, não levam em conta os interesses da população em geral.
- \* A decisão da comissão foi extremamente autoritária, excluindo o objeto da greve.
- \* Ser contra uma forma de greve não significa ser contra greves.

- 
- \* As greves dos professores têm tido como eixo o lado econômico. A luta por um modelo educacional é um argumento que não se concretiza para além dos momentos de greve. A discussão dos professores só acontece de data-base em data-base. Querer envolver os pais nesta perspectiva é fazer o mesmo que outras categorias fazem, usando os movimentos sociais.
  - \* Os projetos pedagógicos das escolas não prevêem a participação da comunidade dos pais. O espaço da escola é excludente. Como exigir que eles tenham participação ativa?
  - \* Por que os professores não fazem atividades paralelas, extracurriculares, de mobilização?
  - \* Quantos professores se comprometem com uma greve?
  - \* Se a comissão fosse consciente, estaria preocupada com a população atingida na escola pública, que são os potenciais meninos-de-rua. Criança fora da escola é criança na rua sem ter o que fazer.
  - \* Os pais e alunos estão no mesmo barco que os professores; não devemos polarizar a discussão "pais contra professores".
  - \* É preciso acabar com a prática do corporativismo. É preciso dar espaço para que a população interessada seja ouvida.
  - \* Será que não está na hora de discutir a "ferramenta" greve? Não será ela um modelo superado e cômodo? Não estaria na hora de pensarmos em formas alternativas de paralisação quando se trata de serviços públicos?
  - \* Não há recuperação do ensino após as greves. Há uma pseudo-recuperação.
  - \* Se a greve quer envolver a comunidade, por que não promover debates e seminários durante o período e ouvir a participação da comunidade?

---

**11 pessoas se abstiveram e argumentaram que:**

- \* De quem foi a decisão de consultar os pais: da categoria ou da comissão? Se houve a consulta, ela deve ser considerada.
- \* Há grande dificuldade em quantificar os prejuízos causados por uma greve de professores.

**3º CASO**

*Dois cargos de chefia lotados em uma Secretaria Municipal da capital trabalham para uma entidade do Movimento Popular no interior do estado. Questionado sobre isso, o Secretário prefere transferi-los para outra Secretaria. Mas eles continuaram trabalhando para a referida entidade.*

**03 pessoas concordaram e argumentaram que:**

- \* Há carência grande de recursos humanos e financeiros no Movimento Popular.
- \* Uma administração popular deve procurar fortalecer os Movimentos Populares. Isto é o mínimo que uma administração pretensamente popular pode fazer.
- \* Desviar dois funcionários para o Movimento Popular é melhor que deixá-los dentro de um gabinete atendendo a outros interesses.
- \* É válido, se não houver interesse político em tirar vantagem. Aqui, a motivação é coletiva.

**23 pessoas discordaram e argumentaram que:**

- \* Esta prática reforça a distorção (hereditária) de administrações antigas. Tal tipo de desvio contribui para reforçar os vícios da máquina burocrática.
- \* A transparência deve ser a marca de uma administração participativa.

- 
- \* Este gesto é paternalista e gera dependência. Uma verdadeira administração participativa proporciona o fortalecimento e autonomia dos movimentos populares.
  - \* Através da democratização nas decisões, uma administração popular já proporciona sua contribuição para o movimento popular.
  - \* O desvio de função é questionável tanto no Executivo quanto no Legislativo. Por que um parlamentar não enxuga a máquina dispensando seus funcionários e reservando recursos para setores mais necessitados?
  - \* As funções administrativas, tal como estão estabelecidas, opõem-se opõem a um trabalho mais pedagógico de educação. São momentos distintos que devem ser respeitados. A população passa a ver a pessoa de forma diferente e cobra soluções.
  - \* As administrações devem rever esta questão.

**01** pessoa se absteve e argumentou que:

- \* O problema é um desvio de função no Executivo. Se fosse no Legislativo não haveria problema...

**4º CASO**

*João é funcionário da Prefeitura, mas pretende ser candidato na próxima eleição. Como ele precisa aplicar a verba de sua Secretaria, resolveu aplicar nos bancos, oficialmente, a juros de 33%. Contudo, o gerente de um banco lhe ofereceu uma taxa de 38%, sendo que oficialmente só poderiam constar os 33%. Os outros 5% não seriam contabilizados, passariam "por fora". João concordou. Como devesse prestar contas de somente 33%, decidiu doar os 5% restantes para o Movimento Popular.*

**03** pessoas concordaram e argumentaram que:

- \* Os 5% a mais não podem entrar nos cofres da Prefeitura. Por isso devem voltar para a população.

- 
- \* É um ato ético, pois a pessoa está arriscando a carreira para repassar, por um meio ilegal, o que é do povo para o povo.
  - \* É válido porque ele não está usando o dinheiro para sua própria candidatura.
  - \* Este dinheiro garante o avanço do Movimento Popular.
  - \* É ilegal tanto quanto trocar dólares no paralelo, que é prática corriqueira de vários grupos. Por que, então, não aceitar os 5% ?
  - \* Há mil (sem qualquer intenção de fazer propaganda de planos de saúde. Nota do redator.) formas de se fazer os trâmites administrativos sem fazer corrupção. A política não pode ser tola.
  - \* A maioria de nossas subvenções vêm do exterior. É ético a aceitação dessas contribuições?
  - \* Fazemos política neste mundo. Temos que compreender o jogo e saber hierarquizar os valores, senão vira moralismo que leva a uma inação pela imensidão de problemas éticos.

22 pessoas discordaram e argumentaram que:

- \* O mercado financeiro, como se estrutura aqui no Brasil, é anti-ético por natureza. Se 33% já é muito, 38% é mais ainda.
- \* A especulação financeira é uma contradição. E isto significa que deve ser superada. Mas as pessoas chegam a achá-la "normal". Também a violência vai se tornando banal na nossa sociedade.
- \* Se é preciso fazer aplicação, deve-se usar um banco público e não um privado. E não usar o critério "de qual banco paga mais". O critério deve ser público e não monetário: um banco que invista no desenvolvimento social.
- \* Quem aceitou os 5% apropriou-se da verba pública indevidamente, decidiu sozinho sem explicitar em orçamento.
- \* Todo financiamento ao Movimento Popular, seja ele público ou privado, deve ser feito de forma transparente.
- \* Como se comprometer com um banqueiro dessa forma?

---

\* Alguém que forma "currais eleitorais" não pode ser um homem público.

\* O problema não é "para quem se dá", mas "porque se aceita".

\* Como aceitar um dinheiro do qual não se pode prestar contas? Esta pessoa que aceitou o dinheiro nunca poderá abrir a boca em relação a outros casos de corrupção.

\* Você não pode fazer algo do qual se envergonhe de revelar.

### 05 pessoas se abstiveram.

Após as exposições dos pontos-de-vista dos diversos grupos, houve uma animada discussão em torno das questões colocadas. Ao final desta discussão, cuja riqueza não se pode expressar aqui, Leonardo Boff jogou ainda alguns lampejos sobre a questão. Vejamos, em poucas palavras, o que ele falou.

Ficou claro que a nível dos princípios mais gerais não temos divergências. O desafio está na mediação deles para o concreto da vida, da realidade. A nossa tradição ética é bastante rica. Relembremos algumas de suas máximas.

1. *Aristóteles*: a vergonha como critério de eticidade. É o chamado Princípio da Vergonha. Quando você age e pode dizer publicamente, isto é ético. O ocultamento da intenção é ideológico. É bom se você não se envergonhar do que foi publicado. Hoje no Brasil o princípio é afirmar com orgulho: "eu roubo, mas faço!".

2. *Kant*: aja de tal maneira que a máxima de tua ação possa ser motivação para todo o mundo, possa ser universalizada.

3. *Jesus*: o bem e o mal não estão fora, vêm de dentro do teu coração (dependem dele).

4. *Gandhi*: a ética vive do seguimento que convence.

A ética recusa segunda intenção, enquanto a política sempre esbarra com ela. A ética se concretiza entre a teoria e a prática. Sempre há um imponderável no campo da ética: ela sempre acaba batendo às portas



---

da religião. Por fim, a ética é uma força que se irradia através das posturas das pessoas, traz transparência, convence.

No segundo dia, Frei Betto suscitou o tema da chamada pós-modernidade. Vivemos um período de transição muito forte. Da modernidade, onde nascemos com tudo pronto, definido pelas instituições, passamos à pós-modernidade, um período onde cada indivíduo constrói a sua relação com o mundo. A mediação das instituições parece ter cessado. Isso nos leva à questão do cotidiano e do fragmentário. Precisamos voltar a trabalhar as utopias, não a partir dos modelos passados, mas articulando a espiritualidade e a mística com um projeto político. Atualmente, não há linhas marcantes na música, na literatura e no teatro como nos tempos da UNE. Isso é um fato que nos deve chamar a atenção.

Após a fala de Frei Betto, entramos no tema da Pós-modernidade. Leonardo Boff voltou a falar.

A pós-modernidade supõe que a modernidade esteja em crise. O que caracteriza a modernidade é a centralidade do indivíduo, a racionalidade como instrumento de poder e como valor universal (imperialismo). Aqui, o sujeito histórico é uma classe social (a burguesia) que assume e propaga estes valores. Tal projeto de modernidade começou a entrar em crise a partir da Segunda Guerra, quando perdeu a aura de messianismo. A pós-modernidade surgiu nos Estados Unidos, nos anos 60, pela crise do Sistema e começou a se expressar nas artes, no teatro, no cinema e na literatura. Caracteriza-se pela exasperação do imaginário do sujeito. Transformou-se numa crítica cultural, e filosoficamente é uma proposta de ruptura com a modernidade.

A pós-modernidade rompe todos os esquemas. O importante é ser criativo. Basta ser diferente, para valer. Tudo vale. É a pluralidade sem limite ético (neonazismo, extermínios, genocídios). Por isso, é o realce do lado patológico do indivíduo. Quanto mais louco, melhor. Pós-modernidade é a quintessência da modernidade e o aproveitamento de seu lado pior. Ela traz a questão da tolerância: tudo é tolerável. Tende a fazer uma crítica a todos os ideais utópicos, desmascarando-os como formas de dominação (o socialismo matou todas as subjetividades). Portanto, não há ética, mas uma exacerbação da estética: vale tudo, do sadomaso-

---

quismo à liberação sexual total, pois ambas são experiências humanas que não devem ter limites. Na Europa, a impressão que se tem é de uma decadência geral. A perversidade suprema da modernidade. Há um profundo desenraizamento das pessoas, uma aniquilação da aura humana, uma desintegração humana e uma falta de sensibilidade com a causa dos pobres.

Um aspecto positivo da pós-modernidade é a diversidade. Mas que precisa passar pela mediação do convívio humano, entendido aqui como democrático, planetário, participativo, cósmico.

Após a fala de Leonardo Boff, Frei Betto voltou à cena. Vivemos numa época semelhante à do Renascimento na Europa (séculos XV e XVI). Ele significou uma mudança total em relação à maneira de agir tradicional. Se antes o céu (divino) era prioritário, agora é a terra (humano). Exemplo disso é o clássico Dom Quixote e a pintura de Michelangelo. Dom Quixote, na Idade Média, tratou com seriedade as cavalarias que vão para as Cruzadas. Cervantes ironiza esse conceito de cavaleiro salvador, o que propiciou ao romance grande fama. Na capela Sistina, Michelangelo pintou o homem mais para a terra do que para o céu. Leonardo da Vinci pintou a Mona Lisa, que representa o primeiro *close* numa pessoa, sem a natureza em volta. Hoje, experimentamos a crise da racionalidade (cartesianismo) e da ciência moderna (Newton). A Nova Física (física quântica) inverteu os axiomas, os princípios de constituição do nosso conhecimento, da significação do mundo.

Por tudo isso, há um desencanto cultural mundial. Da crise coletiva, descortina-se o descaso e o individualismo. Já que não há caminhos estratégicos, cada um que faça o seu. A pós-modernidade se caracteriza pela fragmentação, subjetividade, pluralismo, desintegração. Estamos vivendo os reflexos dessa crise. Como acreditar nas ciências, nas análises, se estas nunca previram, por exemplo, o fim da URSS? Portanto, a vida hoje se rege pelas sensações. Há mais academias de ginástica do que de ciências e letras. O que importa é o físico e não mais o racional.

Neste contexto, precisamos ter cuidado para não cáirmos na nostalgia de querer reimplantar práticas antigas. Por exemplo: há grupos de esquerda querendo rearticular os velhos esquemas de partidos stalinistas.

---

Essa nostalgia exige de nós muita reflexão para não sermos cooptados. Ela possui uma lógica intra-sistêmica que fecha nossa visão utópica. O mundo pode ser melhor, mas dentro da "catedral" capitalista. Você pode mudar o que está dentro dela, mas não derrubá-la.

A nossa situação é semelhante a um barqueiro que foi atravessar um rio muito largo e cheio de correnteza: já deixamos a margem, mas ainda não vislumbramos o que nos espera do outro lado. E estamos na parte mais profunda do rio.

Alguns autores que refletem sobre a pós-modernidade: Baudelaire, Rimbaud, Jarry, Vattimo, Habermas e Edgar Morin.

Partimos, então, para o trabalho em grupos tentando debater a questão da Pós-modernidade. Eis aqui algumas idéias que os grupos levantaram.

A pós-modernidade parece ignorar questões que para nós são vitais. Quando entramos no Movimento, fomos envolvidos num projeto de transformação social cujo sonho é de maior coletividade e não de individualismo. E as questões pelas quais nos engajamos continuam batendo à nossa porta: fome, desemprego... Os apelos são os mesmos.

\* A crise não atinge somente a dimensão pessoal, mas todas as dimensões. Mas se observarmos melhor, notaremos que os setores populares ainda continuam tendo o cristianismo como referência. A crise é mais aguda nas classes médias e nos setores mais intelectualizados.

Após o plenário, Leonardo Boff falou, tentando algum fechamento. O povo sequer entrou na modernidade. É ainda pré-moderno. Mas sente o reflexo da crise vivenciada pelas classes com as quais se relaciona. O que devemos superar é o racionalismo, não a razão. E se a crise é coletiva, as soluções também devem ser coletivas: há que se buscar consensos mínimos.

Frei Betto também falou. A crise expõe dois lados nossos em cons-

---

tante conflito: um que teima em continuar revolucionário e outro que se debate com o concreto real nos obrigando quase sempre a fazer concessões. E nós, pouco acostumados a uma espiritualidade do conflito, quase não lidamos com esses dois lados. Não fomos acostumados a lidar com o real, mas com os sonhos. E hoje é imperativo que façamos uma crítica do nosso messianismo. Acostumamo-nos a identificar os sinais proféticos como sendo algo forte, grandioso (a sarça ardente de Moisés, por exemplo), mas hoje, talvez, os sinais sejam suaves e pequeninos (como a brisa de Elias, por exemplo).

Hoje, há dois eixos emergentes no mundo: a nível objetivo, a Ecologia; a nível subjetivo, a Espiritualidade (Mística). Por enquanto, são as Igrejas Pentecostais que estão sabendo lidar com a Subjetividade. A lógica hoje é visual, vivemos a linguagem da imagem. E a esquerda continua ainda fazendo os seus panfletos...

As religiões da pós-modernidade têm preceitos e culto, mas não possuem doutrina (ex: santo daime). A religião que mais cresce no mundo hoje é o Islamismo porque não tem hierarquia e nem culpabilidade. E a crise da modernidade atinge o povão, sim. A maior parte dos militantes nunca quer mais voltar à sua situação de origem. Entrar na militância já significa entrar na crítica da racionalidade. Entrava-se na luta com o conforto da utopia, mas hoje se entra na luta com o desconforto, pois não há mais modelos referenciais e é difícil visualizar perspectivas. Por isso, temos a função de assessorar e acompanhar os companheiros militantes que estão passando por esse conflito.

Chegando ao fim do encontro, Leonardo Boff, referindo-se à metáfora do rio, citada por Frei Betto, ao afirmar que já saímos da margem e não avistamos a outra, deixou-nos um recado: ser cristão é ter coragem de enfrentar o mar, as ondas, mas ter a certeza de que não se está sem timão e bússola.

*Maristela Barenco Corrêa de Mello*

*José Américo de Lacerda Júnior*



## Entrevista

---

---

# SE A IGREJA NÃO MUDAR DE MODELO, SERÁ ABANDONADA PELAS MASSAS\*

**Golias:** *O tema principal abordado em Santo Domingo gira em torno da nova evangelização. Como o senhor reage a essa opção?*

**J. Comblin\*\*:** O tema suscita algum mal-estar. Na Europa, o apelo a uma nova evangelização se baseia em uma análise sociológica da situação da religião: fala-se por exemplo da queda de todos os indicadores de participação religiosa (frequência aos sacramentos, vocações, regras morais etc). Discute-se muito acerca de secularização e secularismo, des-cristianização e indiferença religiosa. Realidades - ao menos esta é a interpretação que se lhes dá - que justificam o apelo a uma nova

---

\* Entrevista concedida na Bélgica pelo Padre Joseph Comblin à revista *Golias*, n. 31, ed. de outono de 1993. (Tradução do artigo: Ephraim Ferreira Alves).

\*\* Teólogo e sociólogo, belga de nascimento, reside no Nordeste, no Seminário Rural (Serra Redonda - PB). É estudioso sobre as Comunidades de Base.

---

evangelização. Mas na América Latina (AL) não existe nada comparável.

**Golias:** *Como explica isso?*

**J. Comblin:** A primeira evangelização implantou na AL uma cristandade forjada nos moldes da cristandade ibérica. Os conquistadores destruíram a cultura e a religião dos povos indígenas. Construíram uma outra sociedade pela violência e segundo os seus planos. As populações autóctones e negras submetidas foram reduzidas à condição de instrumentos passivos. Assim, a cristandade foi uma construção mais voluntarista na AL que na Europa, onde teve que se compor com as diversas forças históricas.

**Golias:** *Houve missões entre os povos indígenas. Por exemplo, as Reduções, que pretendiam ser uma cristandade diferente, independente daquela dos reis católicos da Espanha. Não deixaram traços?*

**J. Comblin:** Da missão entre os povos indígenas não restou nada. Quem saiu vencedora foi a cristandade fundada pelos reis.

**Golias:** *Pode-se dizer, hoje, que ainda existem na AL setores sociais favoráveis a uma cristandade imposta à força?*

**J. Comblin:** Sem dúvida! Sempre que aparecem forças de dissolução da cristandade, há uma corrente disposta a apelar aos poderosos deste mundo. São aqueles que chamam as Forças Armadas ao menor sinal de perigo, os que justificam e reforçam o partido dos latifundiários e das aristocracias tradicionais. Hoje ainda, grande parte da Igreja não aceita a democracia e treme de medo perante a perspectiva da ascensão das massas empobrecidas. Isto não se dá apenas na Argentina, na Colômbia ou na América Central, mas também no Peru, no Equador e até no México ou no Brasil, com certos bispos muito conservadores e o Viquariato Castrense.

**Golias:** *A seu ver, então, para todos esses setores uma nova evangelização é de fato a possibilidade de voltar a uma nova cristandade, como antigamente...*

---

**J. Comblin:** Exatamente. Pois os agentes desta nova evangelização serão as elites tradicionais do país, apoiadas pelas Forças Armadas, suprema reserva moral da nação. **Esta nova evangelização será a restauração da primeira...**

**Golias:** *Como assim?*

**J. Comblin:** Ela consistirá em fazer o povo acertar o passo, com o auxílio dos membros mais influentes dos setores ricos da sociedade latino-americana: com estes pondo a serviço da evangelização todo o poder de pressão e seus grandes meios de difusão, como a imprensa, o rádio e a TV. E para atingir esse objetivo, tentar-se-á convencer as elites dirigentes das nações. Esta é a opção preferencial pelas elites.

**Golias:** *O contrário da Conferência de Medellín (1968)... O senhor acha que hoje se está pondo em xeque aquela virada histórica da Igreja na AL?*

**J. Comblin:** Há uma tendência muito forte a sepultar Medellín no esquecimento. Já antes de Puebla (1979), o CELAM tentara fazer passar um texto que lançava Medellín para escanteio. No primeiro documento preparatório para a Conferência de Santo Domingo, enviado em 1990 pelo CELAM, mencionava-se, sem dúvida, a existência de uma Conferência de Medellín mas sem lembrar nenhuma de suas contribuições. Depois, os textos foram evoluindo um pouco. Medellín porém é um símbolo poderoso, perigoso e temido. A partir dos anos 50-60, deu-se uma virada. No episcopado latino-americano apareciam então figuras como as de Helder Câmara (Brasil), Leônidas Proaño (Equador), José A. Dammert (Peru), Ramón Bogarin (Paraguai), que estava cotado para a presidência do CELAM... Os bispos, pela primeira vez desde o século XVI, começaram a dessolidarizar-se dos colonizadores, compreendendo que era necessário construir a Igreja a partir das necessidades vividas por eles mesmos e não em função de imperativos ditados de fora. Em suma, urgia descolonizar a Igreja latino-americana.

**Golias:** *Na época, como é que essa virada foi percebida pela base e pelas instâncias oficiais da Igreja?*

---

**J. Comblin:** O trabalho de suspeita de Roma vai começar, como de resto o da maioria do clero. Mesmo assim, religiosos, religiosas, centenas de leigos engajados decidiram mergulhar no combate.

Fizeram a opção pelos pobres. Sua voz foi ouvida em amplos setores. Uma parte da Igreja mudou de lugar social. Em vez de morar "à sombra dos castelos", fixou-se nas favelas e na zona rural. Descobriu aquilo que ninguém queria conhecer: a situação de violência endêmica, de subdesenvolvimento institucionalizado, a indiferença da sociedade organizada. A Conferência de Medellín (1968) fez soar novamente a palavra profética dessa minoria. A partir de então, os textos de Medellín são referência obrigatória. Mas despertaram terrível oposição. Medellín só fora possível porque a imensa maioria conservadora se descuidara. Ela não esperava por isso, pois não dava importância alguma a essas assembleias internacionais. Mas uma vez conhecido o teor dos textos de Medellín, todo o resto da Igreja foi mobilizado pelas elites dirigentes. O poder militar, o poder político, o poder econômico e o poder da mídia formaram grande coalizão. A partir de 1968 a história da Igreja na AL é uma luta pró ou contra Medellín. Ora, se houve algum movimento que mereceria o nome de **nova evangelização** foi sem dúvida o movimento que surgiu nos anos 50-60 e foi proclamado em Medellín. Nessas condições, lançar agora o tema de uma nova evangelização não é o mesmo que considerar sem valor o movimento de Medellín?

**Golias:** *No presente momento, como está a geração de Medellín?*

**J. Comblin:** Está fora de circuito. Muitos morreram, outros estão doentes ou se afastaram da atividade pastoral. Seria aliás fundamental fazer uma patrística desses grandes bispos, ou seja, conservar e estudar seus escritos que correm o risco de se perder para sempre. Se não, que se conservará da memória histórica de Medellín?

**Golias:** *Essa geração foi substituída?*

**J. Comblin:** Não há hoje uma geração que substitua aquela. Roma deseja bispos apagados, alinhados. A recente política de nomeações só pode reforçar a tendência. Roma está desmantelando aquilo que a geração de Medellín tinha construído.



---

**Golias:** *Quem poderá então substituir a geração de Medellín?*

**J. Comblin:** Cabe aos leigos assumir essa responsabilidade, aproveitar a ocasião que têm para se exprimir. Quem mais, com efeito? Os bispos, como vimos, serão sempre mais estreitamente controlados. Os padres? Não se deve alimentar ilusões. As diretrizes são bem claras: é preciso voltar à formação tradicional. Os padres continuarão fornecendo quadros aos movimentos de elite e não aos movimentos populares. Quanto aos religiosos, não gozam mais de autonomia, desde que a Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR) foi posta para escanteio. Impondo-lhe um novo Secretário Geral em vez de uma religiosa que fora eleita conforme os estatutos aprovados por Roma, a Santa Sé fez da CLAR o que já fizera do CELAM: um refém, um instrumento a serviço de sua política. A CLAR deixou de existir como ponto de referência.

Se é verdade que as congregações mais importantes, como os jesuítas, têm recursos para não se deixarem intimidar, para as congregações pequenas a situação é dramática.

**Golias:** *Os leigos... estão prontos para assumir a sua missão?*

**J. Comblin:** Sob os regimes militares, a repressão enfraquecera os movimentos populares, o que acabou contribuindo para desmobilizar os leigos. Deste modo, o clero tomava a palavra. Hoje, à medida que vão surgindo as novas democracias, os leigos da classe média podem tomar a palavra. Por classe média me refiro à minoria que tem acesso à instrução e à informação, portanto, capaz de fazer opinião, coisa que não está ao alcance da massa sul-americana.

Infelizmente, o que se constata? Há vinte anos que eles têm esse espaço, mas nem sempre aproveitaram para falar...

**Golias:** *Como o senhor analisa esse fenômeno?*

**J. Comblin:** Na AL as universidades são máquinas de ministrar cursos. Não são lugares de reflexão onde se procura fazer a articulação entre a fé e as responsabilidades dos cristãos numa sociedade em transformação. A voz predominante na universidade é a dos movimentos ba-

---

seados em uma espiritualidade tradicional, como o Opus Dei, Comunhão e Libertação, os Folcolari, a Renovação Carismática... Em São Paulo, por exemplo, os 400 mil estudantes universitários só têm como assistentes eclesiais três padres diocesanos. Os outros vêm dos movimentos acima citados. Por outro lado, não sendo as universidades lugar de pensamento, preferem fixar-se no imediato e não pensam a longo prazo. Há muito pouca gente capaz de pensar a uma geração de distância.

**Golias:** *Esta incapacidade de investir no longo prazo tem que consequências sobre os meios populares?*

**J. Comblin:** As massas são marginalizadas. Ora, toda mudança social é impossível sem a participação destas últimas. Existe aqui um grande desafio. Já os líderes populistas sabem perfeitamente fazer-se compreender pelo povo. Isso explica o progresso fulgurante do fundamentalismo religioso. Hoje estão em plena expansão, por exemplo, os pentecostais e alguns episcopados se mostram muito preocupados. São milhares de missionários - cada convertido se torna um missionário - pregando de porta em porta, e as adesões se contam aos milhões em todo o continente. Eu vivo no Nordeste do Brasil onde, nas regiões mais distantes, não se vê um padre durante meses inteiros. No meu lugarejo, de dois mil habitantes, vi surgir em quatro anos quatro novas igrejas! Isso deve certamente corresponder a uma necessidade...

Enquanto isso, a Igreja dispõe de muito pouco pessoal: 50 mil padres para toda a AL. No Brasil, cerca de 13 mil para uma população de 150 milhões de habitantes; e metade do clero já é muito idosa ou às vezes se dedica a atividades burocráticas. Na Região Nordeste, há um padre para 50 mil habitantes... Se não se formarem rapidamente milhares de leigos, dentro de vinte anos restará pouca coisa. O Catolicismo tradicional se está esgotando rapidamente. A urbanização também influi aqui. Por isso, é urgente que a Igreja restabeleça os contatos interpessoais. Mas não poderá fazê-lo sem os leigos.

**Golias:** *As comunidades de base seriam a alternativa para essa dramática constatação?*

**J. Comblin:** Sim, contanto que existam e se livrem da influência

---

clerical. Elas não existem na Argentina; são clandestinas no Equador, na Colômbia e na América Central; presentes apenas em quatro ou cinco dioceses do México. No Brasil acham-se inscritas no programa da Conferência Episcopal, mas ainda há muitos problemas pendentes: bispos que desejam promovê-las esbarram com a resistência do clero que não modificou sua prática pastoral e pretende ter o monopólio do poder. Ao contrário das comunidades fundamentalistas, as comunidades de base são pouco missionárias. Continua de pé a estrutura católica herdada da Idade Média, onde a paróquia tem o monopólio. Cada comunidade de base tem o seu território.

De fato, o clero continua onipresente. Ora, para que os leigos se levantem, é preciso que sejam levados a sério, que sejam reconhecidos e confirmados no seu trabalho. Enquanto não se constituir uma estrutura jurídica adequada, será difícil escapar ao clericalismo. As coisas são bem diferentes entre os Pentecostais e outras seitas fundamentalistas. Há milhares de pastores (os pastores se formam em pouco tempo), pessoas que se descobriram missionárias. E ainda mais frustradas porque, batizadas na Igreja Católica, não podiam ser missionários. Se a Igreja Católica se atrasa, outros os seguirão. Pois vivemos num continente onde o mercado religioso é mais vigoroso e aberto do que nunca, onde todo papel social passa pela religião. Para as massas empobrecidas, confrontadas com problemas econômicos insuperáveis, a religião é, com efeito, o grande desaguadouro. Insisto, há milhões de vocações entre os leigos, mas não para o modelo de Igreja que se propõe. Deve-se ir em sentido contrário ao da política atual. Para Roma, a grande prioridade é o despertar das vocações sacerdotais! Ora, mesmo que ocorresse um milagre, é impossível preencher as vagas do clero em uma geração. E mesmo supondo que ocorra esse milagre, nesse ínterim a população terá dobrado. E estaremos no mesmo lugar. Por isso, concentrar toda a estratégia no clero é um suicídio para a Igreja na AL. E no entanto é o que se está fazendo...

**Golias:** *Houve outro tema abordado em Santo Domingo, o da evangelização da cultura. Qual a sua opinião a esse respeito?*

**J. Comblin:** Está ligado a tudo o que acabamos de dizer. Creio que serve indiretamente a fins inconfessáveis: a evangelização da cultura

---

poderia ser um meio de evangelização indireta que permitiria economizar os esforços de uma evangelização direta.

**Golias:** *Como Assim?*

**J. Comblin:** Na Cristandade latino-americana deu-se muito pouca evangelização por contato direto, de pessoa a pessoa. A Igreja tinha criado um quadro social e simbólico onde os indivíduos eram muitas vezes impregnados de Cristianismo, mesmo sem saber e sem querer. Tornavam-se cristãos sem esforço. Sem esforço da parte deles nem da parte dos evangelizadores. A cultura os mergulhava no mundo cristão que os envolvia desde o berço até o túmulo. O clero se dedicava às funções litúrgicas e administrativas. Ora, atualmente, a AL está em migração. Metade dos habitantes é composta por migrantes. Com as migrações, as estruturas tradicionais ficaram abaladas. A própria família não cumpre mais o seu papel de transmitir a religião. Hoje - resumindo o que dizia acima, pois é fundamental para compreender os desafios da Igreja na AL atualmente - cada um escolhe a sua religião, e a Igreja está perdendo muitos de seus membros para Igrejas Pentecostais de orientação protestante e seitas semicristãs (Mórmons ou Testemunhas de Jeová, sobretudo). Essas Igrejas se multiplicam por contato direto: visitas domiciliares, nos hospitais, prisões e escolas, locais de trabalho, contatos na rua, no transporte coletivo, nas filas de espera nos correios, nos bancos ou repartições públicas. Em toda a parte, evangelização direta... Repito, essas Igrejas podem fazê-lo porque formam milhares de pastores e missionários em poucos anos.

**Golias:** *Acha que, para não precisar pensar numa reforma do poder e num despertar de verdadeiras vocações leigas, a Igreja encontrou uma solução: a evangelização indireta?*

**J. Comblin:** Chego a me pôr a pergunta. Deste modo, a estrutura atual da Igreja ficaria intocada, e seria de novo possível evangelizar por meio da cultura. Tratar-se-ia de garantir o controle da cultura, implantando uma cultura católica. Essa cultura católica fabricaria católicos, sem esforço, como antigamente.

Portanto, a evangelização da cultura pode ser uma alternativa para

---

não se ter que praticar a evangelização direta, como fazem as seitas. Mas como tornar uma cultura cristã instrumento de evangelização? A Igreja perdeu o controle de grande parte da cultura. Como reconquistá-la? Seria de novo necessário contar com o apoio total das classes dirigentes. Com esse apoio, o sistema político, as empresas, o sistema de ensino e de saúde, a assistência pública e também os meios de comunicação, as artes, a literatura, todos os meios de expressão em geral exerceriam pressão em favor da fé católica e as massas retornariam à Igreja Católica, como que arrastada por um movimento de conjunto imperceptível. Um capítulo na segunda edição do Documento Preparatório para Santo Domingo ia nesse sentido. Era tão explícito que foi suprimido na terceira edição, o que não quer dizer que seus autores tenham mudado de opinião.

**Golias:** *A cultura na AL abrange as mesmas dimensões que na Europa?*

**J. Comblin:** Na AL a palavra cultura tem geralmente um sentido mais restrito que na Europa e de corte idealista. Denomina-se cultura todo o sistema de símbolos em vigor em uma sociedade. Excluem-se do conceito cultura o trabalho manual, as relações sociais, os sistemas de pressão e o exercício da violência, a polícia, a guerra, a escravidão, a condição proletária, a marginalização etc., em suma, tudo aquilo que é material. Nesse sentido, a cultura na AL reflete a consciência das elites. Na realidade, evangelizar a cultura quer dizer não falar da economia, do trabalho, das relações trabalhistas, da miséria, da violência do Estado e de tudo aquilo que é material. Evangelizar seria falar de coisas puramente espirituais. É assim que as classes dirigentes concebem a evangelização. Há no conceito nova evangelização dois componentes. De um lado, temos a cultura latino-americana que a Igreja vai construir; do outro, a chamada cultura emergente que seria a cultura moderna. Essa constituiria o grande desafio da Igreja, e a partir dela a Igreja teria que construir uma nova cultura para uma nova evangelização. Mas aí também, essa cultura moderna significa algo bem diferente da cultura moderna do Primeiro Mundo, pois os produtos da cultura ocidental que entram na cultura das elites latino-americanas não fazem destas últimas - salvo algumas exceções - sujeitos da cultura moderna, mas somente receptores.

---

**Golias:** *Nessas condições, o que significa evangelizar a cultura moderna?*

**J. Comblin:** *Aí é que está o problema. Como evangelizar o modo de vida das elites tradicionais, que aliás não têm nada a ver com a cultura moderna, como se viu. Mas seria a evangelização da cultura a prioridade absoluta? Que eu saiba, não se vê Jesus muito preocupado em evangelizar a cultura do seu tempo. Nem tampouco o Apóstolo Paulo. Mas enfim, quem poderia evangelizar uma cultura? Somente aqueles que a vivem, aqueles que a conhecem bem por senti-la por dentro, podem compreendê-la. Somente os que estão integrados nela podem desencadear dinamismos capazes de modificá-la, podem introduzir nela elementos novos. Somente indígenas poderão evangelizar a cultura indígena; somente os negros poderão evangelizar a cultura afro-americana; somente os moradores das favelas poderão evangelizar a cultura das favelas, e assim por diante.*

**Golias:** *Em seu esquema de pensamento, que resta então aos funcionários da instituição Igreja?*

**J. Comblin:** *Na Igreja Católica, tal como está atualmente, o clero e os religiosos são a Igreja. Ora, por sua formação e seu modo de vida, os padres e os religiosos não pertencem a nenhuma cultura... Ou melhor, formam uma subcultura, espalhada pelo mundo inteiro. Não há diferença entre o modo de vida dos padres ou dos religiosos na Europa, na América, na África ou na Ásia. O clero forma um mundo à parte, impermeável às culturas. Nessas condições, pode-se pensar que o clero é o pessoal menos preparado para promover a evangelização da cultura. De tanto sobrenadar por cima de todas as culturas, não compreende nenhuma e não se sente à vontade em nenhuma delas. Nem tampouco entre os católicos que freqüentam as paróquias tradicionais a Igreja há de encontrar pessoas capazes de evangelizar uma cultura. É preciso então penetrar na sociedade e em suas diversas culturas. Antes de poder evangelizar a cultura ou as culturas, seria necessário ter um primeiro núcleo composto de fiéis convictos, em cada um desses setores, e a seguir lançá-los com uma suficiente **autonomia de vôo**.*

**Golias:** *Sempre mais, os bispos e padres pensam - como em Roma - que*

---

*a evangelização da cultura será feita pelos novos movimentos. Que acha a esse respeito?*

**J. Comblin:** É verdade que esses movimentos estão penetrando na AL com grande dinamismo. Mas no que se refere à cultura, é duvidoso que eles sejam os instrumentos adequados. Com efeito, todos eles estão impregnados da cultura das burguesias do Primeiro Mundo. Trazem consigo toda uma cultura e não mostram desejo algum de conhecer as culturas locais, menos ainda de penetrar nelas com profundidade suficiente para influenciá-las. Agem como se tivessem a firme convicção de serem os portadores de uma cultura destinada a ser em breve a cultura universal. Comportam-se como empresas multinacionais. Para estas, não resta dúvida, "o que é bom para os EUA é bom também para a AL". De fato são poderoso fator de europeização da Igreja na AL.

**Golias:** *Como o senhor definiria a cultura no quadro da modernidade?*

**J. Comblin:** A modernidade implodiu a noção de cultura. Antigamente, a cultura formava um todo integrado, e quando os assessores do CELAM falam de cultura estão sempre pensando num conjunto simples, integrado, equilibrado e permanente no tempo. Mas em nossos dias, onde se pode encontrar tal cultura?

A cultura moderna é uma crítica incessante a toda cultura; serve para desequilibrar tudo o que procura o equilíbrio; questiona toda verdade, toda afirmação, toda forma. Na cultura moderna, não existe mais nem critério de verdade nem de bem nem de beleza. Tudo se acha submetido a constante revisão. A ciência não tem mais como objeto a verdade, nem a técnica o progresso, nem a economia a produção, nem a política o bem comum. Tudo muda a cada instante. Nessas condições, o que quer dizer evangelizar a cultura? Ou talvez seja melhor perguntar: como situar-se em tal movimento? Aliás, não é a AL que comanda esse movimento. Ao contrário, é vítima dele, objeto passivo. Da ciência e da técnica recebe apenas os detritos, aquilo que só serve para o lixo do Primeiro Mundo. E é chamada a produzir aquilo que o mundo rico mais procura: a cocaína. E assim por diante. Como evangelizar a AL, esse avesso da modernidade?

---

**Golias:** *Como o senhor vê o pós-Santo Domingo para a AL?*

**J. Comblin:** Primeiro: é difícil falar de uma Igreja Latino-Americana. A evolução das Igrejas locais não é a mesma de um país para o outro, pois de fato o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) deixou de ser um lugar de partilha.

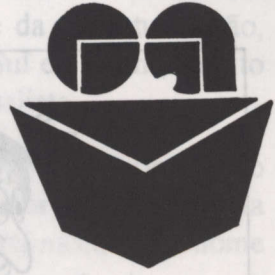
Segundo: apesar dos conflitos, os defensores de Medellín ainda estão a postos, mesmo que representem hoje apenas uma minoria. Isso basta para equilibrar o debate, pois não há outra alternativa digna de crédito.

Terceiro: urge praticar uma evangelização direta e munir-se com os meios para isso. Em suma, teríamos necessidade de um milhão de missionários. Existem, estão disponíveis. Mas o clero tem medo de ceder-lhes uma parcela do seu poder; os bispos têm ainda mais medo dos leigos; e Roma, então, entra em pânico diante da idéia de um poder leigo, ainda que ínfimo. No entanto, se não se faz esse trabalho decisivo para o futuro da Igreja que está na AL, as massas irão abandonar uma Igreja que de fato já as tinha abandonado...

*(Entrevista concedida a Mário de Oliveira, Diretor de Fraternizar, mensário publicado em Portugal, e a Cristian Terras).*







---

## Crônica

---

### TESTAMENTO ÉTICO

Maurício Abdalla Guerrieri \*

Conta-se que há uns tempos atrás, um piquenique em família foi responsável por uma das mais importantes descobertas arqueológicas de Portugal: o testamento de um mestre-profeta a seu único discípulo, datado de 1204, auge das cruzadas (inclusive tendo os cruzados tomado Constantinopla) e início da conversão de Giovanni di Pietro di Bernardone (conhecido hoje como são Francisco de Assis).

O testamento foi escrito após um período em que mestre e discípulo se afastaram, provavelmente em função das viagens do mestre pela Europa e da fuga do discípulo à guerra sagrada.

Nenhum outro registro testemunha a existência dessas duas pessoas que jazeram tantos séculos no mais absoluto anonimato. Apenas um outro pergaminho conta de um discípulo que morreu bem velho sem nunca falar a ninguém sobre os ensinamentos de seu mestre; pelos es-

---

\* O autor é leigo, Professor de Filosofia, Integrante, Cronista e Humorista do Movimento Fé & Política.

tudos arqueológicos, é grande a possibilidade de se referir ao mesmo discípulo destinatário do testamento do qual estamos falando.



Embora sem nenhuma outra fonte, os pesquisadores concluíram, com base apenas no testamento, que provavelmente o mestre usava uma longa túnica ocre amarrada na altura da cintura, com rasgões nas fimbrias, sandálias de couro bem gastas e não largava de um embornal de camurça. Cultivava uma longa barba e a calvície lhe era acentuada. Comia muito pouco e evitava dormir após as refeições. Tinha um sinal de nascença à altura do umbigo e, na infância, brigava com seu melhor amigo porque esse havia destruído um castelinho que havia feito de barro. Nada mais se sabe desse mestre.

Quanto ao discípulo, sabe-se que seu nome era Abu Khayyam e que não possuía como melhor virtude a inteligência. Nascido em Córdoba, sua família mudou-se para Toledo por questões religiosas. Abu tinha, na ocasião, 8 anos de idade. Tendo falecido sua mãe, ele e seu pai, um mouro beberrão, seguiram pelo rio Tejo até uma pequena aldeia, hoje em território português. Cansado da nescidade do filho, seu pai o abandonou

aos 14 anos e ele foi viver perto do mar, pescando para viver. Lé encontrou um velho sentado na areia comendo ostras e jogando estrelas ao mar. Esse velho viria a ser seu inseparável mestre, cujo nome não sabemos pois a parte do testamento em que consta sua assinatura foi destruída pelo tempo.

Infelizmente, como o único achado até o momento foi o testamento, não podemos saber mais nada sobre os dois. Transcreveremos agora, na íntegra e em português hodierno, o testamento repleto de ensinamentos do grande mestre desconhecido.



"Estimado Abu,

*Peço-te que me avises caso esta missiva não chegue às tuas mãos, o que é possível que ocorra neste período de guerras. O tempo em que estamos separados atrasou o curso dos ensinamentos e por isso tu não podes deixar de ler o que tenho a dizer-te. E tu bem sabes onde encontrar-me.*

*Andei, nestes últimos anos, pela França de Felipe Augusto e*

---

vi de perto, em Roma, o papa Inocêncio III. Pude conviver com o povo destes lugares, de cada vila ou aldeia em que passei, e muita coisa aprendi. Isso é o que agora compartilho contigo, Abu, nobilíssimo pupilo.

Muitas vezes te disse para seres bom e ético em todas as ocasiões, mesmo que uma escapadinha às escondidas não trouxesse conseqüências negativas. O que queres que todos façam, comece tu - foi o que eu sempre te disse, não foi? Hoje, porém, te digo que alguns monges dissidentes da Abadia da Boa Vista me alertaram que a bondade excessiva leva-nos além do céu, de onde contemplaremos de cima as maravilhas do paraíso, sem podermos tocá-las. Para podermos livrar-nos desse risco é necessário uma dose esporádica do que Petrus Oliva, o ex-abade, chama de "Propinatio Absconditus". Guarde sempre este ensinamento em sua cabeça: "Propinatio Absconditus salutifer est".

Não te quedes assustado, meu jovem, pois que só agrada ao Maligno aquilo que é grande e visível - assim disseram esses monges. Sendo assim, caro Abu, estás dispensado das cinqüenta chibatadas noturnas semanais que te impus como auto-flagelo pelo roubo daquelas galinhas. Ou melhor, como uma delas era bem grandinha e o dono da granja te viu uma noite, reduz as chibatadas para vinte semanais. Pensando bem, podes tirar mais 15, pois o roubo era por uma causa justa. Afinal, não poderíamos morrer de fome, não é mesmo, Abu? Podes tirar também o chumbo das pontas do chicote.

Quanto (...) abaster-se das arv...(...)

(Esta parte ficou incompreensível devido à ação do tempo no testamento. Nota do trasladador)

---

*Nessa aldeia que te falo, caro Abu, (a aldeia referida está nas partes danificadas do texto; não foi possível descobrir a sua localização. N. do trasladador) não há preocupações com as concupiscências. Os prazeres da carne são resolvidos com um cômodo a mais nas hospedagens onde as pessoas se reúnem para discutir vários assuntos da vida: as cruzadas, a libertação de Jerusalém, a oposição ao rei e ao papa et coetera. Portanto, Abu, volta àquela taverna em que matávamos nossas sedes e diz sim à Dolores. Embaixo daquela pilha de feno em que eu costumava ensinar-te há um "x" na terra. Cave ali e pegue as 45 moedas que lá estão, caso precises. Tu deves estar pensando se isso resolverá teus problemas emocionais... Não, pensando bem, depois de tanto tempo dizendo não à Dolores, tu não deves estar nem pensando nisso...*

*Quanto à guerra entre cristãos e muçulmanos, descobri que ela é destituída de qualquer sentido. Alá e Jahweh são o mesmo Deus! Aprendi em Roma que Deus é um só! Quer dizer, três! Mas é um só mesmo, ao mesmo tempo três que é um só e três. Deus é único. Os três Deus é (ou são?) único. Entenda bem, então, este novo ensinamento, Abu: Deus é três em um só. Como saí de Roma antes de terminar de entender isso procurei sintetizar com minha vestuta sabedoria. Cheguei à conclusão de que as três partes de Deus são: Alá, Jahweh e o Papa. Para quê as cruzadas, então, Abu?*

(No testamento original, hoje no museu de Lisboa, há a seguinte anotação de margem ao lado desse parágrafo: "Num entendi nada". A nota é atribuída pelos pesquisadores ao próprio Abu Khayyan. N. do t.).

*Presenciei também um levante dos servos do condado de "Laceratus". Entre outras coisas, eles reivindicavam o fim do direito da "pernada" (sabes o que é isso, não é, filho?), e a redução*

---

da corvéia e da parte da produção que ia para seu suserano. Resolvi ficar no condado para pregar e ajudar os camponeses. No início o levante era fabuloso. Houve uma união entre os servos e os homens livres, cada um com sua liderança própria. Com o passar do tempo, o levante se descontrolou e o que vi foram os seus membros começarem a brigar entre si. Cada um tinha a sua própria solução para atingir os objetivos. E, sabes, Abu, não consegui perceber diferenças substanciais em algumas das soluções.

E enquanto os mentores colocavam armadilhas nas casas uns dos outros, os camponeses voltaram a trabalhar, o conde reduziu a parte da produção que lhe cabia, manteve a "pernada" e não reduziu a corvéia. Mas é visto circulando tranqüilamente em sua montaria no meio dos servos. Tentei intervir junto aos mentores e me alcunharam de "Missitatus Dei" e "Vassalo do Papa". Fugi do condado. Do alto de uma montanha pude ver os servos trabalhando, o verde das plantações, os casebres caindo aos pedaços, o conde caçando raposas e um grupo digladiando-se perto do celeiro: eram os mentores do antigo levante. Abu, não achas que já bastam as cruzadas? Se vires um levante, cuida-te. Pode acontecer de te apunhalarem pelas costas ou de te alcunharem como a mim o fizeram.

(Aqui há outra parte destruída. n. do t.)

Em virtude da guerra santa, caro discípulo, vi exemplos de abnegação e de doação a uma causa que me surpreenderam. Bravos soldados se sacrificaram e renunciaram aos prazeres da vida em nome daquilo em que acreditavam. Não poderia ter exemplos melhores para ilustrar meus ensinamentos, Abu, eu que tanto preguei o esforço, o sacrifício e a abnegação. Assim se

comportavam tanto os cristãos quanto seus confrades sarracenos.

Mas, escuta, jovem Abu, o que eu te digo agora. Em uma das aldeias em que estive aprendi o contrário. Na aldeia de Álioextremus "os aldeões cultuam uma tal "Subjectatis". Só fazem aquilo que lhes dá prazer. Abandonaram as cruzadas e ao invés disso reúnem-se para dançar a "bio-chorea". Os camponeses só buscam melhores condições de vida nos feudos se sentirem prazer em lutar por isso, caso contrário, não o fazem.



Então eu te digo, meu jovem, deixa de lado tua missão, se isso te incomoda e te perturba. Ergue um altar para "Subjectatis" e desiste de mudar o mundo, a menos que isso seja extremamente prazeroso para ti.

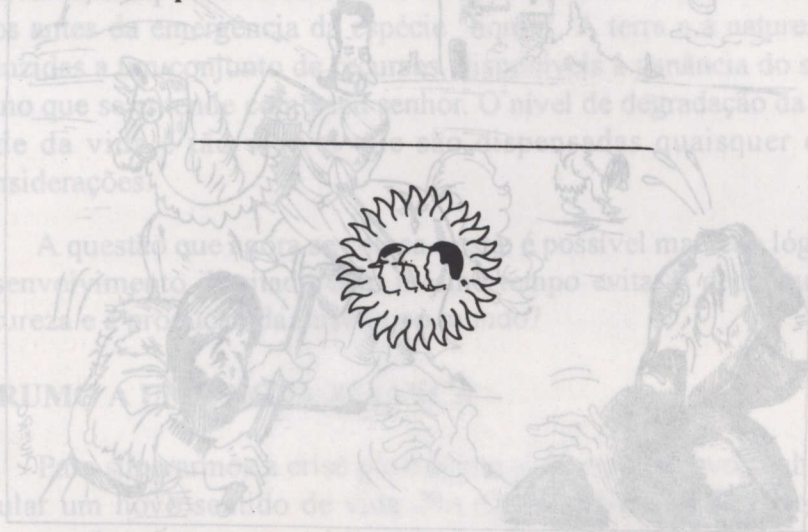
Eu, da minha parte, ficarei por aqui, nesta hospedagem ao meio do caminho entre Avinhão e Montpellier, pois uma unha enfiada me impede de continuar o caminho. É possível que não

nos vejamos mais, pois meus dias estão no fim. Que os três Deus te abençoe e te cubra de sabedoria. Jamais duvides dos milagres.

Por fim, meu filho Abu, peço-te, pela minha vida, uma última coisa: não deixes os meus ensinamentos caírem no olvido."

(Segue a parte das despedidas e da assinatura, que está destruída. N. do t.)

Segundo o outro pergaminho a que nos referimos, o discípulo morreu sem contar nada dos ensinamentos de seu mestre a ninguém. Acredita-se que foi em função da última frase, onde o discípulo pode ter trocado "olvido" por "ouvido".





## Testemunhos de Fé & Política



---

---

### NAS CEBs DO ACRE

*Nilson Mourão \**

Meu engajamento social e político foi uma decorrência natural da minha participação nas Comunidades Eclesiais de Base no Acre, a partir de 1970. A minha trajetória, portanto, se faz na própria história que as CEBs do Acre passaram a construir.

As CEBs no Acre se originaram num contexto de profundas transformações sociais na região, particularmente de sua economia. A economia extrativista foi violentamente substituída pela empresa capitalista agro-pecuária, resultando, em consequência, um quadro social desagregador e inusitado.

Quase um século de extrativismo deixou como legado uma população explorada, isolada, pobre, sem experiência de organização coletiva e, por fim, carregando o peso de uma profunda frustração:

---

\* O autor é sociólogo, Professor na Universidade Federal do Acre (UFAC), Deputado Estadual pelo PT e Integrante do Movimento Fé & Política.

---

não podendo mais "voltar ao Ceará", não lhe resta outra alternativa, senão a submissão humilhada e derrotada à oligarquia local.

É essa população que, na década de 70, vê-se na contingência de migrar dos mais diferentes seringais, e se estabelecer em massa em Rio Branco, capital do estado, em condições deploráveis de vida e de trabalho. Efetivamente, coube à Igreja ser a consciência histórica dessa população e, através das CEBs, abrir o espaço social que permitisse a recomposição de sua dignidade humana, ao mesmo tempo em que desbastava o caminho de sua educação crítica e de sua organização coletiva.

A prática educativa das CEBs do Acre resultou na formação de um contingente expressivo de lideranças populares, e na construção de instrumentos organizativos permanentes, através dos quais as classes populares podem intervir politicamente na sociedade acreana.

Observa-se, com efeito, que a prática das CEBs é uma prática marcadamente religiosa, melhor dito, de natureza religiosa, mas que contém, nos marcos da sociedade local, um significado político relevante. Seu significado político mais elevado consiste no fato de, na sua origem, ser a principal responsável pela emergência de um sujeito popular. Esse novo sujeito, enquanto ator social, vai quebrando a dominação absoluta da oligarquia local e realizando práticas que tendem a alterar as relações entre as classes sociais.

Em nosso entendimento, o processo de ocupação e exploração das riquezas da região permitiu o surgimento de uma oligarquia que foi capaz de impor, sobre toda a sociedade, uma dominação absoluta:

- Ao nível do econômico, relações de trabalho baseadas no "aviamento", modo-de-produção semi-escravo;

- Ao nível do político, relações de apadrinhamento, favoritismo, empreguismo, no melhor estilo "dos coronéis", que ainda mantêm as classes populares na dependência e na subordinação quase naturalizada,

- Ao nível do social, condições de vida deploráveis e exclusão do acesso aos bens culturais;

---

- Ao nível do religioso, por quase um século, uma Igreja centralizada, exercendo funções sociais de legitimação e integração do status quo, mantendo relações de cooperação e colaboração com as classes dominantes.

Com efeito, é essa dominação absoluta que está sendo posta em causa. Em que consiste? Até a década de 1970 as classes populares estavam inteiramente desorganizadas, sem instrumentos próprios de intervenção política, reagindo pela revolta episódica e sem continuidade. Resultado: submissão impotente, humilhada e derrotada.

As CEBs, a partir de 1971, representam a primeira força social, organizada, com vida orgânica, que questionou essa dominação e abriu o processo de organização autônoma e independente das classes populares no Acre. Em unidade com outras forças sociais que foram emergindo, esse processo resultou na organização de um sindicalismo rural e urbano, do movimento popular, de um movimento partidário expresso no PT, os quais mantêm articulação direta com as classes populares. Por trás desses instrumentos de intervenção política existem muitas lutas coletivas organizadas, derrotadas e vitoriosas, de caráter qualitativamente diferente das lutas tradicionais.

A hegemonia política, econômica e social ainda é da oligarquia. A grande maioria da população, ainda permanece desorganizada e submetida à sua dominação. Mas, essa dominação não é absoluta, inquestionável, monolítica, intolerante. Surge uma força social popular, ainda frágil, mas atriz real no processo coletivo. A oligarquia tem consciência disso e as classes populares também.

Na esfera que lhe é própria - a dimensão da religião, do simbólico, do ideológico - as CEBs são parte constitutiva desse novo ator social. Muito mais: em todo e qualquer processo de mudança e transformação social na região, notadamente na gestação e emergência de uma nova sociedade, capaz de consolidar o projeto político das classes populares, as CEBs constituem uma força social determinante.

---

## AMÉRICA LATINA: UM VALE DE LÁGRIMAS

Tenho a firme convicção de que nós, cristãos latinos-americanos, se quisermos ser testemunhas vivas de Jesus, não podemos ignorar que a maioria do povo - uma verdadeira multidão - está excluída da riqueza gerada pela economia; excluída de participação real nos processos políticos; excluída dos bens culturais.

O peso da opressão já remonta a quatrocentos anos. São milhões de crianças que ainda morrem de fome, de sarampo, diarreia e malária. Milhões os que não têm casa para morar. Trabalhadores rurais em estado de completo abandono; milhões de sem-terra e milhões com terra, sem condições de cultivá-la.

No Brasil, sete milhões de desempregados; um dos menores salários mínimos. Eis aí a face real e cruel da concentração da renda e da riqueza nas mãos de uma minoria.

O Brasil contabiliza 60 milhões de analfabetos; crianças sem escolas; escolas sem professores; professores com salários miseráveis e sem condições de trabalho. A educação formal no Brasil, da pré-escola ao ensino superior, faliu. A classe dominante brasileira aposta na ignorância, trabalha para dismantelar a escola pública e gratuita, como forma de aprofundar o seu controle sobre a sociedade. O Estado e demais instituições públicas foram literalmente apropriados pela classe dominante. As garantias e direitos individuais e coletivos são letra morta. Milhões não são povo, nem cidadãos! Os processos políticos são todos viciados, deformados e prostituídos, com o objetivo de garantir a continuidade da dominação de uma minoria. Não se pode falar em **democracia** enquanto os governantes tomam, na clandestinidade e nos subterrâneos, decisões que afetam ao conjunto da sociedade. O Estado é público. A transparência é uma propriedade essencial, a fim de que a sociedade possa controlá-lo. Sem acesso às informações e sem participação nas decisões, não existe soberania popular nem cidadania.

Clama aos céus essa violência brutal que campeia em nosso país, particularmente a violência contra as mulheres e até a eliminação física

---

e sistemática de menores; a devastação irresponsável e criminosa da natureza, numa proporção nunca vista, capaz mesmo de colocar em risco a sobrevivência do planeta; a postura colonialista, racista e até genocida, com que o Estado e a classe dominante tratam os índios no Brasil.

Esses são apenas alguns traços do nosso "Vale de Lágrimas", que traz o peso de quatro séculos, invade todo o continente latino-americano, atinge milhões de seres humanos e se parece com aquele vale contemplado pelo profeta Ezequiel no capítulo 37: "... um vale cheio de ossos..."

### **NOVA LEI DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL: "AMAI-VOS UNS AOS OUTROS"**

São muitos, em nossa América, cristãos, não-cristãos, ateus, que se recusam a aceitar essa condição de exploração e subumanidade a que estão relegados milhões de seres humanos, como uma fatalidade e determinação histórica. Os cristãos precisam rejeitar, terminantemente, a idéia de que a opressão e a injustiça social são fatos naturais. A nossa convivência cotidiana com essa realidade tão cruel, muitas vezes nos torna frios e insensíveis. De tanto convivermos com a miséria, ao nosso lado, em nossa casa, nossos olhos já se acostumam, nossa razão já justifica e nosso coração já admite como fato natural e normal.

Compreendo que devemos repetir hoje e sempre, sem cessar, com radicalidade: Não é normal! Não é natural! Isto é o "Espírito do mundo"! Nós somos movidos pelo Espírito da vida! Se vacilarmos nessa questão, não está em jogo uma questão secundária de nossa fé, mas um dos aspectos centrais da tradição cristã.

Creio que somos portadores de um **Projeto para o Homem**, que envolve a totalidade de sua vida. Esse Projeto requer e exige a humanização crescente do homem, no horizonte da história. A regra máxima desse Projeto é lapidar: "Amai-vos uns aos outros". Somos portadores de um Projeto para o Homem, tão radical que ultrapassa mesmo os horizontes da história: a humanização crescente deve se consumir numa plenificação, quando então poderemos dizer: o mundo e nós, os homens, seremos divinos, em Jesus!

---

Essa utopia elaborada e reelaborada por dois milênios, única e singular dos cristãos, no concerto das religiões e das ideologias, longe de significar uma ilusão alienante ou motivo para justificar a nossa omissão, significa, para mim, um facho de fogo incandescente, que **denuncia com radicalidade uma sociedade que animaliza o homem**, e anuncia as possibilidades do homem saltar do "Vale de Lágrimas" para o "Vale da Vida" e da vida plena.

## DO SAL DA TERRA E DA LUZ DO MUNDO

Descobri a política pelo Evangelho. Nele encontro o fundamento de minha ação. Na longa tradição cristã, com seus erros e acertos, encontro inspiração. Da nossa utopia retiro forças e esperanças.

Aprendi com a **vida**, ao longo de vinte anos de militância comprometida com os pobres, que os cristãos têm uma grande tarefa histórica a realizar na América Latina. Tanto a instituição quanto os cristãos leigos. São milhões que encontram no cristianismo a sua referência histórica. Não podemos frustrá-los. Se milhões só encontram **trevas** na sua trajetória, devemos estar ao seu lado com a luz da nossa utopia; se o gosto da vida para milhões é amargo ou insosso, devemos estar ao seu lado com o sal da nossa utopia.

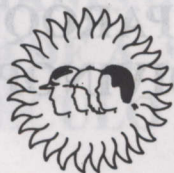
Minha tendência é crer que essa tarefa histórica torna-se ainda mais necessária neste final de século. Os dois grandes modelos que determinaram a organização das sociedades do mundo inteiro - o Capitalismo e o Socialismo Real - estão em crise profunda e franca decadência. O Capitalismo foi incapaz de resolver os problemas mais elementares do homem e aprofundou as desigualdades sociais; o "Socialismo Real", ainda que tenha reduzido as desigualdades sociais, fracassou na realização da democracia e nas liberdades civis e políticas. Se a nossa luz não iluminar e o nosso sal não salgar, neste momento em que a humanidade busca novos caminhos, somos irremediavelmente portadores de um Projeto fracassado.

Alimento continuamente a convicção de que a última palavra sobre o homem, sobre a vida, sobre a morte, sobre a América Latina, não será

---

daqueles, cujo deus é o dinheiro, o lucro, a exploração. Mas a construção de um mundo mais humano, mais livre, mais fraterno, que se impõe para todos os homens que ainda não se embruteceram. Deve-se impor ainda mais para os cristãos como apelo dramático, instintivo, obrigatório e, de certo modo, ao mesmo tempo consciente e confiante naquele que será capaz de fazer novo céu e nova terra.

E nisso que acredito. É essa a minha prática e o meu testemunho.



Leonardo Boff

Nos primeiros dias de julho de 1993, os companheiros José Américo de Lacerda Junior, Maristela Barreno C. de Mello e Denise Câmara do Movimento Fé & Política estiveram em Divinópolis na Paróquia São José Operário a convite do amado grupo de Fé & Política local, coordenado pelo Pe Emanuel Cordeiro Costa. O Encontro reuniu muitas pessoas, em um clima de alegria e interesse.

Apresentamos aqui um breve relato do mesmo encontro pelo companheiro Kunu Maristela Barreno C. de Mello. O encontro aconteceu em Divinópolis, Minas Gerais, no dia 3 e 4 de julho de 1993, na Paróquia São José Operário.

O seminário foi coordenado pela equipe de Petrópolis e promovido pelo grupo de Fé & Política dessa paróquia. Contamos com a presença de aproximadamente 80 pessoas.

---

---

## Fatos de Fé & Política

---

---



# RELATÓRIO DO ENCONTRO REALIZADO NA PARÓQUIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO, DIVINÓPOLIS - MG.

Nos primeiros dias de julho de 1993, os companheiros *José Américo de Lacerda Júnior, Maristela Barenco C. de Mello e Denise Câmara*, do Movimento Fé & Política, estiveram em Divinópolis, na Paróquia São José Operário, a convite do animado grupo de Fé & Política local, coordenado pelo Pe. Emanuel Cordeiro Costa. O Encontro reuniu muitas pessoas, em um clima de alegria e interesse.

Apresentamos aqui um breve relato do mesmo, elaborado pelo companheiro *Vanir Marciano Pinto, da Pastoral da Crisma*.

"Realizamos o Seminário sobre Mística e Política nos dias 3 e 4 de julho de 1993, na Paróquia São José Operário.

O Seminário foi coordenado pela equipe de Petrópolis e programado pelo grupo de Fé & Política dessa paróquia. Contamos com a presença de aproximadamente 80 pessoas.



---

Os participantes vieram de movimentos e pastorais diversas. Elementos militantes em Sindicatos, de Movimentos Populares e da Igreja.

Aqui nos encontramos para trocas de experiências e enriquecimento de nossa fé. No convívio, refletimos sobre a caminhada de militantes inserida no processo religioso.

Foi importante, pois raramente fazemos uma parada em nossa militância para pensar em nossa convivência e em nossa mística. Sabemos que por vezes a caminhada de luta junto ao povo nos leva rapidamente a um estado de saturação psicológica e podemos perder o nosso contato conosco mesmo e até com Deus, se não reabastecermos a nossa fé, a nossa mística.

A participação política tão somente pode ser um processo no qual nos tornamos máquinas. O homem tem em si o seu "ser profundo", a sua mística, que não deve ser sufocada, para que ele se realize.

Durante o Seminário refletimos sobre a caminhada do militante no espaço da política e sua concepção sobre Deus, fé, e como estas realidades se interligam. Refletimos sobre a nova cosmologia, onde o ser humano tem uma visão mais madura de sua existência no meio em que ele vive. Comunga-se fé e política.

Participamos de uma celebração ecumênica, onde vimos que é possível reunir pessoas de igrejas diferentes para formar um grupo de trabalho e vivência solidificados, mesmo através de diferentes credos. O Movimento Fé & Política é ecumênico. É um espaço que se abre para o convívio e o reabastecimento da mística.

Contamos com a participação de líderes de comunidades rurais e juntos discutimos nossa ação no campo político e como ela está sendo uma resposta aos apelos de nossa mística.

No Seminário afloraram várias questões quanto à maneira de levar a militância numa dimensão política e religiosa, de forma ecumênica.

No debate foram levantadas e discutidas questões como:

*Relatório do Seminário Fé & Política / Maristela B. C. Mello, 63*

---

\* Se o Movimento não é partidário, por que enfatizar um partido político como o PT?

\* Se o Movimento é ecumênico, por que se enfatiza o religioso católico?

\* Na relação ética, discutiu-se a questão da submissão da mulher e a manutenção do machismo.

Ainda discutimos o crescimento do grupo de Fé & Política no Bairro e finalizamos com os encaminhamentos futuros dos trabalhos."

Recebemos, na ocasião do Encontro, uma contribuição de *Neide Lacerda Batista*, da mesma Paróquia, a qual temos a alegria de partilhar com vocês, leitores.

## CRÔNICA

*Neide Lacerda Batista*

Terra de Santa Cruz!...

- Vovô, você está vendo com se encontra esta terra de Santa Cruz? É, vovô, terra de Santa Cruz!...

Só o que se resta é a Cruz. Santa foi tirada. É pena, vovô, que esta gente inteligente, muitas vezes expõe o seu saber a um preço bem alto. Como esta cruz está se tornando pesada, vovô. Pesada nos ombros da criança que morre todos os dias desnutrida. Pesada nas mãos calejadas do operário que ganha o mínimo. Pesada no menor abandonado perambulando pelas ruas a pegar o que se foi roubado, direito da dignidade em ser um cidadão. Exposta no ombro do jovem drogado querendo por poucos minutos estar distante da terra santa...

---

E vai por aí afora, vovô... A cruz tem muitos e muitos adeptos...

Vovô, às vezes fico a pensar se quando esta nossa terra foi batizada de Santa Cruz, quiseram concretizar o que está a desenrolar? Se os que a batizaram voltassem hoje, ficariam decepcionados pelo nome que lhe deram... É vovô, tenho as minhas dúvidas... acho que se voltassem, sentiriam-se atormentados em ver esta terrinha tão rica e aconchegante, perdendo a Santa e tornando-se só Cruz.

A minha esperança, vovô, é que apareça um salvador para esta pátria. Parece que estou sonhando...

Por falar em sonhar, parece que a única coisa a que temos direito é sonhar, sonhar, sonhar, mas nunca ver nosso sonho concretizado. Ficamos somente nos sonhos e nada mais. Vou continuar sonhando que aparecerá um salvador nesta pátria para tirar a máscara e os cravos desta cruz... A esperança é a última que morre!

Todos os dias, vovô, rego esta minha esperança, com medo que ela morra. Ainda quero ver esta nossa terra poder assumir com dignidade o nome de Terra de Santa Cruz!...

...Criança a sorrir, saciada de comida e amor...

...Jovem a ser ele mesmo, com o direito de lutar por seu diploma que tanto sonha para trabalhar em prol do outro...

... Pais sorridentes por ter o aconchego de filhos satisfeitos em ter nascido...

... Natureza a espalhar satisfação, cheiro de terra curtida que me faz adormecer... direito de devolver o oxigênio a todos os seres vivos... riachos com águas límpidas a lavar a impureza da roupa que nos enfeita... pássaros com o direito de voar bem alto e de se sentirem livres...

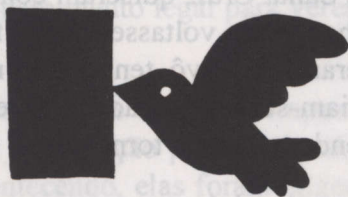
Mesmo sendo isso, ainda sou feliz em pensar que pelo menos o sol nasce *para todos* nesta nossa terra...

---

---

## CARTAS

---



*Comentário ao artigo "Para uma Pedagogia do Excluído" de Waldemar Boff, publicado no Caderno de Fé e Política nº 9, p. 61-67.*

"... Como afirmei no início, você sabe resgatar a realidade do excluído - com a qual nos defrontamos diariamente - como uma prioridade que, até o momento, não conseguimos "incluir" em nossas pedagogias de trabalho popular. Mas, em seguida, parece opor oprimido e excluído. Na verdade, tais pedagogias não são excludentes, mas includentes, integradoras e aprofundadoras. O novo precisa sempre ser integrado em nossas sínteses.

Quanto aos traços de uma pedagogia, propostos por você, Waldemar, eles têm os seus prós e os seus contras. Seus prós, enquanto desafios que nos motivam e impulsionam, enquanto ideal a ser perseguido. Seus contras, analisados a partir da realidade de **militância** em que vivemos.

Quando você sugere que um agente precisa sentar-se no meio dos pobres "sem projetos e objetivos", essa alusão já é um grande objetivo a ser observado, por ser algo desafiante para nós. Pode-se ter a consciência

---

que os pobres são portadores de um mundo de significações, concepções e, sobretudo, prioridades distintas das nossas. Mas, se tal alusão não estiver determinada como "objetivo", tal posicionamento não ocorrerá. O que você propõe é uma coisa. Outra coisa bem diferente é confundir a não imposição de objetivos com a falta de um objetivo geral, como tem acontecido muitas vezes em nossos trabalhos, revelando um descompromisso por parte do agente. A falta de "projetos e objetivos" que você propõe é uma pedagogia específica e toda especificidade pedagógica nasce de um objetivo. Tal traço, proposto por você, supõe, por parte do agente, paciência, fé, abertura, humildade, compromisso pessoal, disciplina e austeridade. O que se tem visto, na prática é : \* o povo é mais espectador do que agente. Os trabalhos parecem afirmar e fortalecer mais a pessoa do agente e sua pedagogia, que o "produto" e as "conseqüências" do trabalho; \* a prioridade está mais na opção do agente, ou seja, alguém trabalha com os pobres não pelos pobres, mas porque fez essa opção. O acento está na opção feita e não só na necessidade da causa; \* sem maior consciência, muitas vezes o povo acaba sendo instrumento das políticas por nós planejadas; \* enfatizam-se muito as ações dos agentes e as conquistas, mas não a qualidade do processo e do crescimento pessoal do agente. Nas palavras do poeta Agostinho Neto, que você incluiu no seu artigo "A política como Liturgia"(Caderno nº 3), "não basta que seja pura e justa a nossa luta. É necessário que a pureza e a justiça existam dentro de nós"; \* o surgimento de uma casta de "liberados", sustentados pelo excedente acumulado (embora repassados por espíritos solidários!) - tal como o surgimento primitivo de uma casta de senhores, sustentados pelo excedente da produção agrícola - que, aos poucos, vai perdendo a mística, a disciplina e a austeridade inerentes ao projeto que assumem; \* e, por fim, a generalização de certas concepções que desembocam em preconceitos. Exemplo: a desvalorização de trabalhos "competentes", de pessoas que ainda talvez não tenham assumido a causa dos pobres, mas que têm seriedade e respeito na prestação dos serviços, chegando a tornar-se muito mais sérios que nossos "convertidos" confesos. Pessoalmente, sempre acreditei mais nos poucos que se convertem aos poucos, com seriedade, do que nos muitos que afirmam terem nascido convertidos à causa dos pobres, como se conversão fosse uma realidade estável, palpável e finita.

Tudo isso, Waldemar, chama-me bastante atenção, porque você, quase sempre associa "organização" com desrespeito aos pobres. E eu continuo afirmando e acreditando que no trabalho com os pobres todos, trabalho este que precisa emergir do mais puro amor, precisamos ser sempre inclusivos e audaciosos, no sentido de organizarmos melhor e sermos cada vez melhores, para servirmos um pouquinho melhor. Para sentar-se no meio dos pobres, na perspectiva exclusiva do serviço, precisamos ter um mística bem maior do que qualquer opção, um coração bem maior que qualquer lógica e razão e uma austeridade que não vem imposta de fora (senão é repressão!), mas que nasça do compromisso de cada um com a realidade a ser servida. Juntamente com a disciplina, a austeridade é um imperativo pessoal, para que a mística transborde em realidade concreta.

Gostei imensamente do seu artigo!

Gabriela Mello  
Rio de Janeiro



## **CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA - Nº 5**

- Militância e crise de Subjetividade / Paulo Fernando Carneiro de Andrade
- Marxismo, Cotidiano e Subjetividade / Cláudio Nascimento
- De como Fazer Política sem perder a alegria de viver / Cristóvão Pereira
- A técnica aniquilará o ideal Socialista? / Rogério Valle
- A importância dos Oprimidos para a nova Sociedade e a nova Igreja / Leonardo Boff

## **CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA - Nº 6**

- Relatório do Retiro e Assembléia do MF&P -  
Capão Redondo (SP), Maio de 1992 / Pedro A. Ribeiro de Oliveira
- Rumo a uma democracia ecológico-social / Leonardo Boff
- Democracia na Igreja Católica ? / Pedro A. Ribeiro de Oliveira
- Democracia e Forças Armadas no Brasil / Sergio Murillo Pinto
- Espaço Eclesial e Espaço Político - reflexões de um cristão / Celso Pinto Carias
- Em destaque com exclusividade:
  - Entrevista a Lula por Frei Betto
  - Entrevista ao sindicalista Tarcísio Seccoli  
por Pe. Luciano Marine

## **CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA - Nº 7**

- Mercado, Comunidade e Religião / Pedro A. Ribeiro de Oliveira
- Capitalismo, Desenvolvimento e Justiça / Paul Singer
- Cuba e o Dom da Vida / Frei Betto
- Direitos Humanos a partir da Nova Cosmologia / Leonardo Boff
- Ser Parlamentar e ser Cristão / Selvino Heck
- Relatório da Assembléia e Retiro do MF&P - Alto da Boa Vista (RJ), março de 1992 / Claudio Vereza
- Crônica: Do céu, vê-se tudo / Maurício Abdalla Guerrieri

## **CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA - Nº 8**

- Em Defesa da Vida e dos Povos - Documento Final da Conferência Internacional Terra, Ecologia e Direitos Humanos / Vitória (ES), 24 a 28 de maio de 1992
- Movimento Nacional dos Direitos Humanos: 10 Anos de Vida / Márcia M. Miranda
- A Essência da Idéia de Democracia - Abordagem Biológica / Oierre Teilhard de Chardin
- Boff, Estamos com Você! / Maristela Barenco Corrêa de Mello
- Ecologia, Justiça e Espiritualidade - Relatório do Encontro Nacional do Movimento Fé & Política, 23 a 25 de Novembro de 1991, Capão Redondo (SP) / Carlos Eduardo de Souza Leite (Caê)
- Crônica: Humanas Tramas Vaticanas / Maurício Abdalla Guerrieri
- Fé & Política em Miúdo / Fr. Cristóvão Pereira

## **CADERNOS DE FÉ & POLÍTICA - Nº 9**

- Alimentar Nossa Mística / Leonardo Boff
- A Mística da Militância em Tempo de Crise / Marcos Arruda
- Caminhos da Mística / Fr. Betto
- Para uma Pedagogia do Excluído / Waldemar Boff
- Fé & Política na Bíblia / Francisco Orofino
- Crônica: Morte e Vida Militanta / Maurício Abdalla Guerrieri

## PRINCÍPIOS DO MOVIMENTO FÉ E POLÍTICA

Existem atualmente no Brasil inúmeras pessoas que, inspiradas na mensagem evangélica, atuam em movimentos populares, em sindicatos ou em partidos políticos. Algumas destas pessoas se reúnem em grupos informais de reflexão, de celebração, de aprofundamento. A maioria, porém, se sente isolada, e sente falta de meios de reflexão para a sua prática. É neste contexto que surge o *Movimento Fé e Política*.

O Movimento Fé e Política é um movimento ecumênico, não-confessional e não-partidário. Ele está aberto para todas as pessoas que consideram a política como campo preferencial da vivência de sua fé e que consideram a fé como fundamento último de sua utopia política.

O Movimento tem como objetivo fazer avançar a reflexão política e a vida espiritual daqueles que estão comprometidos com uma prática política e social. Trata-se daqueles que, atuando em movimentos sociais, organizações populares ou partidos políticos, assumem a causa dos pobres e dos oprimidos; que conferem prioridade à conscientização e organização popular de base; que recusam a manipulação das bases e rejeitam qualquer vanguardismo; que afirmam as classes populares como sujeito da sua história, na construção de uma sociedade democrática e socialista.

O Movimento Fé e Política pretende ser um veículo de formação e de informação sobre questões de política, cultura, ética e espiritualidade. Ele pretende reforçar e estimular a experiência dos grupos de reflexão, celebração e aprofundamento.

*Rio, de Janeiro, 24 de junho de 1989.  
Festa de S. João*